

César Teixeira Castilho

LAZER NA NATUREZA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL:
discursos e práticas contemporâneas

Belo Horizonte

2013

César Teixeira Castilho

LAZER NA NATUREZA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL:
discursos e práticas contemporâneas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Linha de Pesquisa: Lazer, formação e atuação profissional.

Orientadora: Prof. Dra. Christianne Luce Gomes

Belo Horizonte

2013

C3521 Castilho, César Teixeira
2013 Lazer na natureza e atuação profissional: discursos e práticas contemporâneas.
[manuscrito] / César Teixeira Castilho – 2013.
137f., enc.

Orientadora: Christianne Luce Gomes

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 123-133

1. Lazer – Teses. 2. Natureza – Teses. 3. Meio ambiente – Teses. 4. Lazer e educação. I. Gomes, Christianne Luce. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação *Lazer na natureza e atuação profissional: discursos e práticas contemporâneas* de autoria do mestrando **César Teixeira Castilho** defendida e aprovada em 7 de junho de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

A handwritten signature in blue ink that reads 'Christianne Luce Gomes'.

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

A handwritten signature in blue ink that reads 'Sandro Carnicelli Filho'.

Prof. Dr. Sandro Carnicelli Filho
Business School
University of the West of Scotland

A handwritten signature in blue ink that reads 'Silvio Ricardo da Silva'.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, aos meus pais, William e Maninha, que sempre me rodearam de bons livros e boa música e me propiciaram belo contato com a natureza.

Agradeço aos meus eternos professores, Pedro e João, espelhos para a vida e irmãos de sangue.

À minha esposa, Luciana, que me conforta e me completa, uma vida com amor!

Agradeço, do fundo do coração, à amiga e orientadora, Christianne Luce Gomes, que me recebeu tão bem nos corredores da nossa querida Escola. Admiração pelo seu trabalho, pela sua competência e pela suavidade das suas “broncas”.

Ao programa de Pós-Graduação e todos os envolvidos na bela missão construída e reconstruída diariamente, em especial: Cinira, Hélder, Walter e Taborda.

Aos colegas de todas as turmas que dividiram e confortaram as angústias um dos outros; o que fica é a amizade e o lazer de estarmos juntos.

Aos novos amigos acadêmicos, indiscutivelmente maravilhosos, Professora Dra. Arianne Reis e Professor Dr. Sandro Carnicelli, pela disponibilidade em ajudar sempre e pelas pesquisas belíssimas que compartilham conosco. Espero revê-los ao redor do mundo!

Aos “irmãos da vida” – Lucas e Biscoito – pela compreensão e disponibilidade. Sem vocês, tudo seria mais difícil.

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS TRILHAS	12
1.1	Relevância da pesquisa	19
1.2	Objetivos	24
2	A TRILHA METODOLÓGICA	25
2.1	Pesquisa bibliográfica	26
2.2	Aproximando da natureza: a investigação do campo	27
2.3	A observação de campo	30
2.4	Entrevistas	34
2.5	Análise de conteúdo	37
3	OS TRÊS CUMES DA PESQUISA	41
3.1	Momento presente	49
3.2	Lazer na natureza	54
3.3	Atuação profissional em lazer	61
4	OS DISCURSOS E AS PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM LAZER NA NATUREZA	71
4.1	Trabalho e lazer: qual é o obstáculo?	71
4.2	<i>Mountain bike</i>	77
4.3	Escalada	86
4.4	Observação de aves	94
4.5	<i>Trekking</i> de longa distância	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	123

APÊNDICES	134
Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Voluntários	135
Apêndice B: Modelo de Anuência Enviado às Empresas Voluntárias	136
Apêndice C: Roteiro das Entrevistas Semiestruturadas	137

RESUMO

Esta pesquisa teve como principal objetivo compreender a atuação dos profissionais de lazer na natureza na cidade de Belo Horizonte e entornos, levando em consideração quatro modalidades: *mountain bike*, escalada, observação de vida selvagem e *trekking* de longa duração. As indagações que guiaram a investigação foram: como se constitui a atuação profissional desses sujeitos levando em consideração diferentes experiências de lazer na natureza? Na visão desses profissionais, como se estabelece a relação entre trabalho e lazer nessas experiências na natureza? Quais os aspectos abordados nos discursos e nas práticas desses profissionais quando se pensa na consciência ambiental e degradação do meio ambiente? A metodologia da pesquisa em questão teve um cunho qualitativo e associou a pesquisa bibliográfica à pesquisa de campo, na qual os dados foram coletados por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas com 15 voluntários, compreendendo profissionais que atuam no âmbito do lazer na natureza na região privilegiada. A observação participante aconteceu durante as viagens organizadas por esses profissionais e, além da sua atuação, buscou-se observar: a relação com os praticantes das modalidades, o comportamento em relação à natureza e o contato estabelecido com os vilarejos nos quais se desenvolviam essas experiências e a relação lazer/trabalho. Os resultados evidenciaram que os profissionais que atuam no lazer na natureza iniciam uma aproximação com essas experiências através da influência familiar e que, ao longo do tempo, aquilo que outrora era considerado lazer, torna-se profissão. A partir desse primeiro contato, eles buscam um melhor aprimoramento técnico em cursos de graduação, cursos de extensão e em organizações que objetivam uma maior profissionalização da área. A busca pelo “risco” parece exercer grande influência na preferência pelas experiências de lazer na natureza e, nesse aspecto, a natureza é levada a um segundo plano. Questões como consciência ambiental e degradação do meio ambiente possuem pouca relevância nos discursos e nas práticas dos profissionais que atuam nas experiências de *mountain bike* e escalada. Por outro lado, a visão contemplativa merece destaque e pode ser analisada como um “contra-fluxo” da indústria do consumo, que também usurpou este segmento. Embora também sejam passíveis de críticas, os profissionais que atuam em atividades como a observação de vida selvagem e *trekking* de longa duração evidenciaram uma maior sensibilidade quanto às questões ambientais e uma maior influência nesse aspecto no contato com

os praticantes. Uma visão menos dicotômica, na qual as barreiras entre ser humano e natureza se estreitam, pode ser alcançada através dessas vivências de lazer na natureza e, nesse aspecto, os profissionais que atuam nesse segmento merecem grande destaque e importância. Foi perceptível, nos discursos e práticas desses sujeitos, a importância dessas experiências de lazer na natureza no despertar de uma consciência ecológica e que é tão cara no momento presente.

Palavras-chave: Lazer na natureza. Atuação profissional. Consciência e degradação ambiental.

ABSTRACT

This research aimed to understand the role of professional that works with nature-based activities in the city of Belo Horizonte and surroundings, taking into consideration four leisure experiences in nature: mountain bike, climbing, wildlife viewing and tramping. The questions that guided the research were: how is the professional work of these individuals taking into account different leisure experiences in nature? Considering these professionals, how to establish the boundaries between work and leisure in their everyday life? What are the issues addressed in the discourse and practices of these professionals when we think of environmental awareness and environmental degradation? The methodology of this research had a qualitative perspective and combined a literature review about this subject with a field research. Taking into account the field research, data were collected through participant observation and semi-structured interviews that included 15 volunteers, who were nature-based activities professionals that work in this privileged region. Participant observation took place during trips organized by these professionals, which aimed the following analyses: the relationship with the practitioners of these modalities, behaviour towards nature and the established contact with the villages in which they developed these leisure activities. The results showed that the professionals who work in nature-based activities had the first contact with this experiences through family influence in childhood, and that, over time, what was once thought to be a leisure activity becomes profession. From that first approach, they start to seek for a better technical improvement in undergraduate courses, extension courses and organizations that aim to further professionalize the field. The pursuit for the risk in these activities seems to exert great influence on preference for nature-based activities and, in this aspect, nature is taken to a second level. Issues that involve environmental awareness and environmental degradation have little relevance in the discourses and practices considering the professionals that work with mountain bike and climbing. On the other hand, the contemplative view should be also highlighted and can be regarded as a “counter-flow” in the consumer industry that also has usurped this field. Although these are also subject to criticism, the professionals engaged in activities such as wildlife viewing and tramping demonstrated a greater sensibility on environmental issues and greater influence in this aspect in contact with practitioners. A less dichotomous view, in which barriers between human beings and nature are

narrowed, can be achieved through these experiences of nature-based activities and, in this aspect, the professionals involved must be considered as extremely relevant. It was noticeable, through the discourses and practices of these subjects, how essential is the awakening of environmental consciousness derived from these nature-based activities, especially nowadays.

Keywords: Nature-based activities. Professional performance. Consciousness and environmental degradation.

1 PRIMEIRAS TRILHAS

“Se você quer ir rápido, vá sozinho;
se quiser ir longe, vá acompanhado.”
(Provérbio africano)

A escolha pelo Mestrado Interdisciplinar em Lazer, na linha de pesquisa “Lazer, Formação e Atuação Profissional”, guarda estreita relação com o provérbio africano acima. A reaproximação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), através do Grupo de Pesquisa *Otium*, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), foi articulada com o escutar para aprender e com o falar para compartilhar, com a finalidade de ir “mais longe”, ou seja, com a companhia de estudiosos e pesquisadores da temática do Lazer, embasar ideias e colaborar com o processo de construção de conhecimentos comprometidos com a mudança social, tornando a sociedade humanizada e inclusiva.

A participação no Grupo de Pesquisa *Otium* tem contribuído para as discussões sobre lazer na natureza e, ao mesmo tempo, possibilitado novas apropriações conceituais que vão além da história única e universal proposta pela visão eurocêntrica do mundo (GOMES, 2011). A natureza, nesse sentido, pode ser compreendida pelo olhar contextualizado e trazer reflexões pertinentes a cada realidade e, ao mesmo tempo, transformadoras. O olhar crítico que vem sendo instigado, ao lado dos integrantes do grupo, é fundamental para ampliar interpretações dialógicas e contemporâneas no campo de estudos do lazer na América Latina, provocando interpretações globais e vasculhando aproximações que dizem respeito à nossa própria história.

Nos últimos cinco anos – seja como esportista, seja como turista – diversos locais do mundo foram palco de experiências únicas de lazer na natureza. Em áreas de preservação e patrimônios culturais, observou-se como o ser humano respeita ou desrespeita o meio ambiente, de que maneira se dá essa relação e, principalmente, como o lazer pode ser vivenciado na

natureza nas suas mais diversas possibilidades. Nessa intersecção entre o “visitante” e o meio natural estão os profissionais, trabalhadores desses sítios, sujeitos que, através dos seus conhecimentos e contato íntimo com suas localidades, podem facilitar experiências e, quem sabe, educar o olhar dos praticantes, possibilitando novas compreensões do meio ambiente. Por outro lado, segundo Pereira e Mykletun (2012), existem profissionais que, de alguma forma, possuem pouca sensibilidade aos aspectos ambientais e, ao invés de contribuir com preceitos sustentáveis, distanciam as pessoas dessa realidade, assumindo somente uma responsabilidade técnica ao realizar algumas atividades.

Vale destacar que, em uma dessas viagens, foi realizado um *trekking* de sete dias pelas trilhas do Monte Roraima no sul da Venezuela¹, o que, de certa forma, possibilitou reflexões acerca do lazer na natureza de maneira mais abrangente. Até então, a atitude como “turista” não se comprometia com críticas frente ao atual uso da natureza. Ao adentrar em território indígena, mesmo tratando-se de um turismo sustentável², foi perceptível o quanto tais modalidades podem gerar consequências inimagináveis quando praticadas de maneira dualista, na qual a natureza e o homem caminham em direções opostas.

Os guias locais, nativos indígenas que habitam a região, provocam o olhar do turista quando se entrelaçam com as árvores, os rios e os animais. A trilha na rocha, que não é perceptível para o olhar urbano, abre-se de maneira transparente para o índio guia; o dia ensolarado e sem nuvens, no transcorrer das horas, revela-se encoberto e com chuvas torrenciais, como foi alertado pelo nativo. É essa facilidade em decifrar o tempo e os sinais da natureza que

¹ CASTILHO, 2011.

² Segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT) o turismo sustentável deve ser aquele que salvaguarda o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento econômico da atividade, mas de forma sustentável, ou seja, capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações. Portanto, o desenvolvimento turístico deve pautar por "economizar os recursos naturais raros e preciosos, principalmente a água e a energia, e que venham a evitar, na medida do possível a produção de dejetos, deve ser privilegiado e encorajado pelas autoridades públicas nacionais, regionais e locais". (Artigo 3 Código de Ética - OMT). Disponível em: http://www.sustentavelturismo.com/2011_04_01_archive.html

tem esvaecido com o desenvolvimento tecnológico e, como consequência, aumentado a distância entre ser humano e a natureza, o que vem sendo apontado por diversos autores, tais como Thomas (1995), Le Breton (2009), Lipovetsky (2009), Guattari (1990), Rolston (1988), entre outros.

Isto posto, neste campo de estudos onde as respostas ainda precisam ser repensadas e elaboradas, indagações permanecem diligentes. A relação com o meio natural instiga questionamentos, provocando inquietações e preocupações com o hoje e, sobretudo, com o amanhã. Seja nas conversas informais, seja nas Conferências da Organização das Nações Unidas (ONU), a questão ambiental passou a fazer parte do nosso dia-a-dia e diz respeito a todos os cidadãos.

No presente trabalho, tais dilemas foram analisados por meio do estudo da atuação de profissionais do lazer na natureza na cidade de Belo Horizonte e seus arredores, analisando seus discursos e práticas. As indagações expostas a seguir buscam uma melhor compreensão da interação entre ser humano e natureza, sob a óptica do lazer, e pretendem contribuir com uma análise crítica e fomentada pelas pesquisas atuais a respeito do tema: como se constitui a atuação profissional desses sujeitos levando em consideração diferentes experiências de lazer na natureza? Na visão desses profissionais, como se estabelece a relação entre trabalho e lazer nessas experiências na natureza? Quais os aspectos abordados nos discursos e nas práticas desses profissionais quando se pensa na consciência ambiental e degradação do meio ambiente?

A fim de abranger as diversas experiências que o lazer na natureza propicia e, ao mesmo tempo, a diversidade profissional presente nessa área, o trabalho de campo contemplou quatro segmentos e/ou modalidades: uma agência especializada em passeio de *mountain bike*, uma

escola de escalada *indoor* e *outdoor*, uma empresa especializada em observação de vida selvagem e dois guias locais de *trekking* de longa distância que atuam no vilarejo Lapinha da Serra³.

De antemão, faz-se necessário reportar que uma infinidade de termos e, ao mesmo tempo, diversas atividades compreendem o que neste trabalho tratou-se por lazer na natureza. Entre os inúmeros nomes que aparecem na bibliografia sobre a temática, os mais recorrentes são esportes *outdoors*, esportes radicais, atividades de aventura, atividades na natureza, entre outros.

Cada conceito supracitado busca associar a modalidade a uma característica principal da mesma. Assim, nos esportes *outdoors*, especifica-se o ambiente, ou seja, uma aproximação com o meio natural e propõe-se uma série de atividades que, de alguma forma, possui a natureza como palco. Já nos esportes de aventura, como o próprio nome diz, a principal busca é pela emoção, pela adrenalina. Nesse universo, podemos citar as corridas de aventura como principal expoente. Nos esportes radicais, por sua vez, enfatiza-se a busca pelo risco, teoria muito presente nos trabalhos do antropólogo francês David Le Breton (2009).

Segundo Betrán (1995), as atividades de aventura se diferem dos esportes tradicionais porque as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros. Além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos, permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço da prática. São atividades cerceadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios (como no caso de esportes tradicionais e de práticas corporais como a ginástica e a musculação). A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados.

³ Lapinha da Serra: vilarejo pertencente ao distrito de Santana do Riacho. Disponível em: <http://www.lapinhadaserra.com.br>

No Brasil, pode-se citar o conceito de “atividades na natureza” elaborado por Marinho (2004), muito citado por outros autores nacionais, que guarda uma estreita relação com o conceito elaborado por Betrán (1995).

Atividades na natureza [é uma expressão que] designa as diversas práticas manifestadas, nos mais diferentes locais naturais (terra, água ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente. (MARINHO, 2004, p.03)

Ambos os conceitos são interessantes para delimitar o âmbito do lazer na natureza e buscam diferenciar essas vivências dos esportes tradicionais. No entanto, quando os autores (BÉTRAN, 1995; MARINHO, 2004) afirmam que existe uma necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos para o desenvolvimento dessas modalidades, esse detalhe nem sempre é pertinente. Se isso fosse realmente pré-requisito, essas atividades seriam manifestações estritamente modernas e dependentes de aparatos eletrônicos. Além de não serem manifestações recentes (DIAS; MELO; ALVES JÚNIOR, 2007), a simples fluidez entre o corpo e o meio natural, no olhar desta dissertação, pode ser considerado uma possibilidade de vivenciar o lazer na natureza.

Nesse aspecto, Reis (2010, p. 297) argumenta que “o ambiente natural provoca e possibilita experiências extremamente sensoriais que, por sua vez, ajudam a dar maior significado às experiências vividas”. O lazer na natureza pode ser experimentado de maneira simples – dissociado dos valores consumistas e/ou tecnológicos – proveniente de uma percepção sensorial levada ao extremo nos ambientes de grande beleza intrínseca. O risco, nesse aspecto, perde o caráter principal, e outras possibilidades, fruto dessas vivências, ganham ênfase, entre elas: busca

pelo autoconhecimento, relação harmoniosa com a natureza, busca por uma consciência ambiental, entre outras.

Para aproximar estes dois campos – os estudos do Lazer e as atividades na natureza –, faz-se necessário destacar dois trechos dos conceitos expostos. Quando Betrán (1995, p.6) diz que “a experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados”, ou quando Marinho (2004, p.3) fala em “práticas manifestadas” e “fluidez entre os praticantes e o meio ambiente”, é plausível associar estas ideias, mesmo que com outras palavras, ao que é compreendido nesta pesquisa como sendo o “sentimento” do lazer, ou seja, a ludicidade.

A ludicidade refere-se à capacidade do *homo ludens*⁴ – em sua essência cultural que brinca e joga – de elaborar, aprender e expressar significados. Contudo, enquanto a ludicidade representa apenas uma possibilidade para os mais distintos campos da vida social – o campo da política, da educação, da ciência, da religião, do trabalho, entre outros –, é uma condição *sine qua non* para a concretização do lazer (GOMES, 2011).

Segundo a autora anteriormente citada (GOMES, 2011, p.149), “o lúdico é a essência do lazer, aquilo que confere sentido às experiências culturais desfrutadas pelos sujeitos em distintos contextos de práticas sociais.” Dessa forma, a aproximação dos estudos referentes às mais diversas atividades na natureza, desde as denominadas “radicais” até as mais contemplativas, com os estudos do lazer, possibilita inserir essas vivências dentro de um universo caracterizado pela necessidade humana, pela ontologia.

Discutir a atuação profissional no âmbito do lazer na natureza requer uma aproximação que vai muito além do trivial dessas atividades, diz respeito à cultura, ao social, à história de vida de cada sujeito e, principalmente, à presença e à importância da natureza nesse contexto.

⁴ HUIZINGA, 2010.

Buscam-se informações a respeito dos sentidos e significados oriundos dessas vivências e suas possíveis relações com os aspectos ambientais da atualidade.

Dessa forma, torna-se relevante pensar em uma natureza contextualizada histórica e socialmente, que vá muito além da modalidade e/ou atividade desenvolvida, ou qualquer adjetivo com que se tente caracterizá-la. Essa abertura para novas análises visa, prioritariamente, um repensar sobre as históricas relações do ser humano com a natureza e sua conexão com o que hoje tornou-se vital para a sobrevivência: a preservação do planeta. Pensar em preservar já não é exclusividade das grandes autoridades mundiais, é algo inserido no dia-a-dia das pessoas e que envolve, sobretudo, ações individuais e locais.

Como personagens principais dessas primeiras interrogações e na linha de frente do lazer na natureza aparecem os profissionais envolvidos neste cenário e, conseqüentemente, possuidores de uma importância estratégica quando se pensa em ações voltadas para as compreensões sobre o meio ambiente. Compreender a ação desses sujeitos requer um trabalho minucioso e contextualizado que considere a história de vida desses indivíduos – a relação com a família pode significar o início de uma articulação com o meio natural –, a relação existente com o meio/local onde trabalham – pessoas que moram e atuam nos mesmos locais parecem desenvolver novas sensibilidades –, e as concepções de natureza que permeiam suas ações –, dependendo da modalidade que se analisa, é possível questionar de que natureza se fala.

Sendo uma temática de interesse mundial, a natureza é relevante e deve ser encarada com seriedade, pois um convívio mais integrado entre seres humanos e meio ambiente está diretamente relacionado com o futuro de todas as espécies e do próprio planeta. Segundo a

ONU⁵, a população mundial já alcançou os 7 bilhões de habitantes. Esse dado é alarmante frente à atual relação de exploração dos seres humanos para com os recursos naturais do mundo.

Além disso, esse número pode agravar a desigualdade social, levar a um maior impasse na produção de alimentos e, conseqüentemente, a um grande obstáculo relacional com o meio ambiente. Urge o desenvolvimento de novas sensibilidades sociais e ambientais e, nesse sentido, o lazer pode possibilitar experiências enriquecedoras no campo da sustentabilidade, através de um contato consciente entre ser humano e natureza, em contraposição aos valores excludentes da sociedade atual.

1.1 Relevância da pesquisa

O momento presente, por muitos autores nomeado como pós-modernidade (CONNOR, 1992; JAMESON, 2002; LYOTARD, 2008), maquiou uma liberdade aparente que nem todos gostariam de experimentar. Ser livre envolve deveres que muitos ainda não conseguem incorporar. A liberdade de consumir se instalou como nova necessidade e aflorou de tal maneira que, em muitas situações, as pessoas podem se sentir aprisionadas por esse sentimento. O prazer de uma nova aquisição tem durabilidade cada vez menor e uma responsabilidade cada vez maior. Em um mundo onde a desigualdade atinge um patamar extremo, saber consumir passa a ser uma atitude imprescindível.

Esse aspecto, em especial, justifica um estudo que se comprometa com a análise de fenômenos sociais que dialoguem com esta problemática. O que o consumismo, conceito supracitado, possui em comum com as reflexões sobre lazer na natureza? A resposta mais plausível seria: tudo! Independente da abordagem utilizada pelo autor – seja pela discussão

⁵ www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=13379

histórica desse fenômeno, seja pelo viés das políticas públicas, seja pela compreensão de que ele sempre existiu – quando se discute o lazer, a sociedade de consumo e todos os valores associados a ela encontram-se entrelaçados e interconectados. Não há como propor uma análise crítica nesse campo sem que se “atreva” a discutir peculiaridades inerentes ao *Homo consumens*.⁶

Pesquisar sobre essa temática e analisar fenômenos em que transpareçam as dualidades humanas (natureza X cultura – resistência X consumo – trabalho X lazer) é tocar na ferida do próprio sujeito pesquisador e da sociedade como um todo. É preciso avançar nesses diálogos, confrontar as verdades impostas pelas instituições globais e, ao mesmo tempo, apontar ações que possam contribuir com a diminuição da desigualdade social.

O aumento populacional e a constituição do ambiente urbano criaram uma nova lógica na qual a cidade passou a ser vista como o habitat natural dos seres humanos. Os ambientes naturais, por outro lado, passaram a ser temidos e/ou explorados como se fossem geografias estranhas. A busca pelo lazer na natureza, nesse aspecto, vem adquirindo essa mesma conotação e vislumbra uma experiência com um fim nela mesma, sem levar em consideração aspectos relacionados à consciência ambiental, o que seria uma possibilidade plausível para essa reaproximação.

Assim, questionamentos que sugerem novas interpretações acerca da natureza e, especificamente nesta pesquisa, sobre as experiências de lazer nos ambientes naturais, guardam estreita ligação com esta proposta e, mais profundamente, elucidam questões ambientais tão caras ao momento presente.

Despontando uma necessidade de mudança, Guattari (1990, p.9), alerta:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

⁶ O *Homo consumens* é o ser humano cujo objetivo primário não é possuir coisas, mas consumir cada vez mais e, assim, compensar o seu vazio interior, a passividade, a solidão e a ansiedade. (FROMM, 1981)

Um olhar crítico frente ao que hoje Guattari (1990) chama de “crise ecológica” faz-se necessário e abre possibilidades de estudos acadêmicos. Conceitos como “sustentabilidade” e “atitude verde” são utilizados indiscriminadamente pelas grandes empresas como restituição de uma inocência que, como se sabe, geralmente não é verídica.

O problema ecológico e, principalmente, o problema da degradação ambiental é provavelmente tão antigo quanto a humanidade, mas jamais despertou uma inquietude tão viva e universal como hoje em dia. Isso significa que, pela primeira vez, uma angústia compartilhada transcende as fronteiras individuais e nacionais. É a sobrevivência da Terra que está em jogo, e ela diz respeito a todos os homens e mulheres deste planeta (PENA-VEGA, 2010).

Nesse sentido, “a consciência ecológica é um componente da nova consciência planetária. É preciso dizer que a consciência não é determinada pela propriedade de algumas realidades externas universais: ao contrário, é necessário ultrapassar a aspiração a uma universalidade. O problema da consciência (ética da responsabilidade) supõe uma reforma das estruturas da própria consciência (auto-ética)” (PENA-VEGA, 2010, p.20). O que o autor sugere, em outras palavras, são mudanças na atitude que consigam contemplar o dia-a-dia dos cidadãos, afim de que a consciência ambiental seja menor no discurso que nas práticas concretas que realiza. São questionamentos relevantes que atingem diversas dimensões.

Nesse mesmo viés, esse discurso também é incorporado ao lazer na natureza. O ecoturismo é o segmento de mais rápido crescimento no mercado internacional do turismo⁷. De acordo com Buckley (2000), em 1998, o setor de turismo de aventura, na natureza e ecoturismo já era responsável por quase 50% de toda atividade turística dos Estados Unidos e Austrália. E, não

⁷ Segundo Megan Wood (1998) e diversos outros autores, o ecoturismo é o segmento de mais rápido crescimento no mercado internacional do turismo.

diferentemente de outros setores, justifica-se apropriando desses preceitos sustentáveis, utilizando-se de um marketing “verde” como forma de atrair mais praticantes. No entanto, sob um olhar crítico, é importante questionar: de que forma a natureza tem sido tratada no âmbito do lazer? Existe alguma preocupação ambiental, seja por parte das empresas responsáveis, seja dos profissionais, quando estes se envolvem com as experiências de lazer em ambientes naturais?

Várias explicações e possibilidades de análise podem ser encontradas para a crescente procura por essa forma de lazer. Se por um lado, alguns autores priorizam argumentos românticos justificando essa busca como uma forma de “fuga” da sociedade de consumo e da industrialização, ou seja, como ruptura de um estilo de vida materialista (CANALES LACRUZ; PERICH, 2000), outros estudiosos do tema (COSTA, 2000; DACOSTA, 1997; SOUSA 2004) compreendem esse deslocamento pelo contato com o ambiente natural como reflexo da pós-modernidade e da sociedade do espetáculo. Nessa perspectiva, características da contemporaneidade, como individualismo e efemeridade, discutidas na obra de Bauman (2001), ganham ênfase e podem ser vistas como gatilho de uma busca singular por qualidade de vida, de sensibilidade extrema e autoconhecimento. Corroborando com essa análise, Sousa (2004) afirma:

O significado social dessas práticas esportivas atende mais do que o consumo de bens úteis, como saúde e prazer; por exemplo, atende também a dimensões subjetivas de valores, de relações sociais, de reconhecimento de si, de suas potencialidades, ao desejo de sentir-se protagonista de uma ação, responsabilizando-se tanto pelos êxitos, quanto pelo limites dessa ação (p.9)

No entanto, vale ressaltar que existe uma preocupação dos estudiosos da área para uma compreensão que possibilite ir além desses sentimentos individuais de busca e aproximação do meio natural. Assim, a natureza é compreendida como um componente único, sendo necessário discutir como, segundo DaCosta (1997, p.67), o mundo atual chegou ao processo de

“ecologização do social”, “formando uma cultura ecológica, mas sem conseguir compreendê-la além do dados científicos reducionista ou da informação superficial e efêmera da mídia.”

Neste estudo, pretende-se compreender a natureza através de uma concepção ampla, valorizando sua singularidade e sua importância na constituição do planeta. Como descrito por Jamal *et al.* (2003, p.3), a natureza “é muito mais um marcador ideológico do que algo real, pois a compreensão sobre natureza está profundamente incorporada nas influências geopolíticas e culturais, com significados simbólicos, construções sociais e influências históricas.”⁸

Ao discutir a temática da atuação de profissionais que trabalham com lazer na natureza será possível observar o grau de ruptura, de descentralização e de singularidade que existe nessas modalidades, mesmo que inseridas nesse contexto paradoxal entre consumismo e preservação ambiental.

Uma contribuição e, ao mesmo tempo, uma utopia proposta pela pesquisa em questão é a tentativa de uma visão menos dualista dos estudos que coloque a questão ambiental como protagonista. Mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura, precisa-se aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas e universos de referências sociais e individuais (GUATARRI, 1990). Nesse sentido, os estudos multidisciplinares sobre o lazer e, nesta pesquisa, mais especificamente sobre o lazer na natureza, podem questionar verdades impostas e propor novas interpretações que circundam o tema.

⁸ Traduzido do original: “(...) is as much an ideological marker as it is something real, for understandings about nature are deeply embedded in geopolitical and cultural influences, symbolic meanings, social constructions and historical influences.”

1.2 Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a atuação profissional com o lazer na natureza em Belo Horizonte e entorno, destacando os seguintes aspectos:

- Compreender peculiaridades da atuação profissional levando em consideração diferentes experiências de lazer na natureza;
- Discutir os vínculos estabelecidos entre o trabalho e o lazer de acordo com a visão de profissionais que atuam no contexto investigado;
- Refletir sobre a consciência ambiental e a degradação do meio ambiente por meio dos discursos e das práticas empreendidas por profissionais que atuam no campo do lazer na natureza.

Considerando esses objetivos, o estudo aqui proposto teve uma trajetória metodológica traçada, através de uma escolha das estratégias que serão expostas a seguir.

2 A TRILHA METODOLÓGICA

Envolver uma teoria com o manto da verdade é atribuir-lhe uma característica não realizável historicamente. Nada mais prejudicial ao processo científico que o apego a enunciados evidentes, não discutíveis. Somente na teoria se pode dizer que a ciência é uma interpretação verdadeira da realidade, porque, na prática, toda interpretação realiza somente uma versão historicamente possível. (DEMO, 1985, p.25)

Considerando que a ação humana é fundamentalmente simbólica, a presente pesquisa propôs a realização de uma investigação qualitativa. Assim, vai ao encontro dos pressupostos descritos por Bogdan e Biklen (1982, p.27):

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por: ter um ambiente natural como fonte direta dos dados, possuir o pesquisador como instrumento-chave, ser descritiva e estar preocupada com o processo e tender a analisar os dados indutivamente.

Os preceitos de uma pesquisa qualitativa visam abranger as questões que remetem às próprias entranhas do positivismo sociológico, que apenas reconhece como ciência a atividade “objetiva”, capaz de traçar as leis e as regularidades que regem os fenômenos, menosprezando os aspectos chamados “subjetivos”, impossíveis de serem sintetizados em dados estatísticos (MINAYO, 2010).

Nos encontros entre pesquisador e voluntários, ao longo do trabalho de campo, somente uma pesquisa qualitativa que visa compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores, seria capaz de possibilitar a aproximação de interpretações pertinentes no que tange a: “(a) valores culturais e representações sobre história e temas específicos; (b) relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais; (c) processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais” (MINAYO, 2010, p.23).

Portanto, para discutir a atuação dos profissionais do lazer na natureza, foram combinadas as pesquisas bibliográficas e de campo. O passo a passo dessa busca pelas informações, dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa e todos os aspectos que possuem relevância acadêmica serão detalhados a seguir.

2.1 Pesquisa bibliográfica

Segundo Laville e Dionne (1999, p.112), a pesquisa bibliográfica consiste em “revisar todos os trabalhos disponíveis, objetivando selecionar tudo o que possa servir para sua pesquisa”. Contudo, as autoras lembram que toda pesquisa tem um foco de interesse e, para não perder de vista a pergunta central, elas propõem as “bibliografias temáticas”. Nesse sentido, para fundamentar a pesquisa, foram enfatizados os seguintes tópicos: atuação profissional em lazer, lazer na natureza e estudos sobre a contemporaneidade.

Em linhas gerais, a pesquisa bibliográfica representa um apanhado sobre os principais trabalhos científicos relativos ao tema escolhido que são revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes (LUNA, 1999). O destaque atribuído à revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novos conhecimentos não é apenas mais uma exigência formal e burocrática do campo acadêmico, pois compõe um aspecto fundamental na construção do objeto a ser pesquisado. Os conhecimentos sistematizados constituem a provisão de base dos trabalhos científicos. Além disso, é de extrema valia que os estudos bibliográficos aconteçam durante toda a extensão da pesquisa e que estejam atualizados com as publicações mais recentes, nos âmbitos nacional e internacional.

Considerando essas diretrizes metodológicas, na presente pesquisa foram analisados textos acadêmicos sobre os temas referidos, tais como, livros, artigos, dissertações, teses e

trabalhos apresentados em congressos, entre outros. As palavras-chaves que guiaram essa busca de dados foram: lazer, atividades na natureza, lazer na natureza, atuação profissional e contemporaneidade.

Dessa forma, procurou-se uma bibliografia que pudesse contribuir para novas discussões e que fosse, ao mesmo tempo, atualizada. Durante o processo de pesquisa, a “troca” de ideias com outros pesquisadores foi constante, principalmente com pesquisadores brasileiros que lecionam na Austrália, Escócia e Nova Zelândia, este último, considerado pioneiro nos estudos sobre lazer na natureza e mundialmente conhecido pela força que tais atividades desempenham na consciência ambiental e, ao mesmo tempo, nos aspectos econômicos relacionados ao ecoturismo na região.

2.2 Aproximando da natureza: a investigação de campo

O termo investigação de campo é uma expressão usada principalmente por pesquisadores das áreas de Antropologia e Sociologia. Sua utilização se deve ao fato de que os dados desse tipo de pesquisa são normalmente recolhidos no campo, em contraste com os estudos conduzidos em laboratórios ou outros ambientes com controle externo (BOGDAN; BIKLEN, 1982). De acordo com os autores, os ambientes naturais são o objeto de estudo dos investigadores, que entram no mundo dos sujeitos neles presentes para tentar compreender algo desse contato.

Para coletar informação a propósito de fenômenos humanos, o pesquisador pode encontrar informações observando o próprio fenômeno, ou interrogando pessoas que o conhecem (LAVILLE; DIONNE, 1999). O estudo de campo desta pesquisa utilizou duas estratégias metodológicas de coleta de dados: a observação não estruturada e a entrevista semiestruturada, conforme os detalhamentos apresentados a seguir.

Inicialmente, realizou-se uma triagem das possíveis empresas e/ou localidades que possuíam histórico de atuação com atividades de lazer na natureza na cidade de Belo Horizonte e seu entorno. Após esse levantamento, a escolha pelo objeto pesquisado seguiu os seguintes critérios: 1) experiência e atuação na área das atividades de lazer na natureza há pelo menos cinco anos; 2) sede na cidade de Belo Horizonte e/ou arredores; 3) existência de atividades de lazer na natureza como possibilidade de viagens ou atividades *outdoor*; 4) atuação, através de viagens ou atividades *outdoor*, no Estado de Minas Gerais e 5) anuência formal para a realização da pesquisa.

Após essa primeira etapa – que resultou em uma lista com aproximadamente dez empresas e/ou localidades – realizou-se uma outra seleção com a finalidade de abranger distintas modalidades dentro do âmbito do lazer na natureza. Assim, foram eliminadas as empresas que, de certa forma, atuavam no mesmo campo de ação, ou seja, com a mesma atividade.

Além disso, procurou-se destacar as características de cada um desses segmentos no que concerne à procura dos indivíduos por estas modalidades. Segundo alguns autores (GYIMÓTHY; MYKLETUM, 2004; WALLE, 1997), a busca pelo lazer na natureza pode ser compreendida através de duas vertentes: pela teoria do risco (*The Risk Theory*) e/ou pela teoria do autoconhecimento (*The Insight Theory*). A primeira abordagem compreende modalidades que, de certa forma, propiciam sensações voltadas para a adrenalina, para a aventura. A segunda abordagem inclui modalidades que favorecem uma maior interação com a natureza e, normalmente, são realizadas de maneira menos intensa e mais contemplativa. Por conseguinte, foram priorizadas as modalidades que envolviam as duas vertentes discutidas, para que se chegasse a uma compreensão mais ampla do objeto pesquisado.

Finalmente, após o processo de triagem previamente descrito, chegou-se a quatro modalidades e/ou locais que foram pesquisados: uma agência especializada em passeios de

mountain bike, uma escola de escalada *indoor e outdoor*, uma empresa especializada em observação de vida selvagem e dois guias locais de *trekking* de longa distância que atuam no vilarejo Lapinha da Serra.⁹

Com o intuito de realizar a observação participante – que será descrita posteriormente –, foram realizadas as seguintes atividades junto às empresas envolvidas na pesquisa: um passeio de *mountain bike* realizado na cidade de São Gonçalo do Bação¹⁰; uma atividade de escalada outdoor na região de Lagoa Santa¹¹, especificamente no Sítio do Rod¹²; uma viagem de ecoturismo voltada para observação de pássaros na região da Serra do Cipó¹³ e um *trekking* de longa distância no vilarejo Lapinha da Serra.

Logo após a escolha dos segmentos estudados, realizou-se um contato telefônico para agendamento de um primeiro encontro e, posteriormente, um contato formal com a administração desses locais, através de uma carta de esclarecimento (APÊNDICE A) contendo informações básicas sobre os objetivos, a metodologia e outros dados relevantes da pesquisa. Vale ressaltar que, no caso dos guias locais do vilarejo da Lapinha, a aproximação ocorreu na própria vila e demandou três visitas com o intuito de criar maior intimidade com os sujeitos pesquisados. Visto que a prática de pesquisas e, principalmente, a realização de entrevistas não são atividades corriqueiras nessa região, buscou-se essa afinidade através de conversas informais nas visitas planejadas.

⁹ Lapinha da Serra: vilarejo pertencente ao distrito de Santana do Riacho. Está localizado a aproximadamente 2 horas da cidade de Belo Horizonte; (<http://www.lapinhadaserra.com.br>)

¹⁰ São Gonçalo do Bação: cidade localizada a 70 Km de Belo Horizonte distrito de Itabirito;

¹¹ Lagoa Santa: é um município brasileiro do Estado de Minas Gerais, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte; (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lagoa_Santa_%28Minas_Gerais%29)

¹² Sítio do Rod: área criada há 15 anos visando fomentar e dar suporte a esportes ligados à natureza, tais como escalada esportiva em rocha, *mountain bike*, *trekking* e espeleto; (<http://sitiodorod.escale.esp.br/index.html#inicio>)

¹³ Serra do Cipó: localiza-se a 90 quilômetros a nordeste de Belo Horizonte, na região sul da Cordilheira do Espinhaço, entre os paralelos 19 e 20°S e 43 e 44°W, no divisor de águas das bacias hidrográficas dos rios São Francisco e Doce. Local de grande apelo ecoturístico do Estado de Minas Gerais; (http://www.serradocipo.com/infogerais/show/id/3/0/serra_do_cip%C3%B3.html)

É importante salientar que a coleta de dados só foi iniciada após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/UFMG) e pelo consentimento dos atores da pesquisa através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – (APÊNDICE A).

2.3 A observação de campo

Segundo Laville e Dionne (1999), a observação representa um privilegiado modo de contato com o real: é observando que o pesquisador se situa, orienta seus deslocamentos, reconhece as pessoas, emite juízos sobre elas. A escolha pela observação não estruturada, também denominada *participante*, permite uma maior interação na vida de um grupo para compreender-lhe o sentido de dentro, porém, é sabido que, nesse método, o observador deve se mostrar ainda mais metódico para não perder informações importantes para a sua pesquisa.

Ao observador não basta simplesmente olhar. Precisa, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos. Além disso, é importante que, no trabalho de campo, ele possua suficiente capacidade de concentração, paciência, espírito alerta, sensibilidade e, ainda, bastante energia física para concretizar sua tarefa (VIANNA, 2007).

A observação constituiu uma estratégia metodológica de extrema valia na análise da atuação dos profissionais do lazer na natureza, pois, através dela, foi possível analisar o contato desses profissionais com os praticantes das diferentes modalidades estudadas e com o meio ambiente no qual elas são realizadas. Essa possibilidade metodológica propiciou um contato mais estreito com os atores da pesquisa no momento em que exerciam suas atividades.

Dessa maneira, o presente estudo contemplou a observação não estruturada em atividades realizadas nos quatro segmentos, conforme mencionado anteriormente. Em alguns casos, foi

possível realizar essa observação em mais de uma situação, o que complementou as análises posteriores. A seguir, será feita uma síntese de como ocorreram essas observações em cada um dos segmentos analisados.

No que concerne à empresa especializada em observação de vida selvagem, houve a participação em duas viagens realizadas na região da Serra do Cipó, as quais tinha como objetivo somente a observação de aves.¹⁴ Essa atividade é a mais requisitada dentro da empresa analisada e possui como público alvo indivíduos estrangeiros, principalmente norte americanos e europeus.

No Brasil, embora não seja uma prática conhecida pelos cidadãos locais, a modalidade vem ganhando espaço, principalmente pelo favorecimento da biodiversidade e das condições climáticas. As empresas atuam em toda extensão do território nacional e, pela proximidade, realizam também viagens para a América do Sul e América Central.

As viagens foram realizadas com um grupo de quatro pessoas, que concordaram, previamente, quanto à presença de um pesquisador. A observação de pássaros é estritamente voltada para o lazer e, diferentemente dos Ornitologistas, que buscam uma compreensão científica dessa aproximação, os interessados nessa modalidade querem simplesmente observar e desfrutar desse momento, considerando-a como um hobby.

Durante a viagem, buscando analisar o contato dos profissionais envolvidos com os usuários de seus serviços, constatou-se que houve uma importante interação. As análises mais específicas serão apresentadas no decorrer do texto. Vale ressaltar, no entanto, que se trata de uma atividade especializada, que exige, além da comunicação fluente em língua inglesa, conhecimento específico sobre aves e vida selvagem em geral.

¹⁴ Observação de pássaros é uma atividade com intuito exclusivamente recreacional. Pode ser realizada a olho nu, ou através de equipamentos como: binóculos ou telescópio. Muitas vezes, o simples escutar do canto já pode ser considerado uma observação de aves (DUNNE, 2003).

A segunda modalidade observada foi a escalada *indoor* e em rocha. A Escola de Escalada está situada na cidade de Belo Horizonte e organiza saídas para escalada em rocha, todos os finais de semana, na região metropolitana da cidade, principalmente no “Sítio do Rod”, localizado na cidade de Lago Santa. Esse sítio possui centenas de vias de escalada e constitui um lugar privilegiado para a observação dessa modalidade, o que aconteceu em três situações diferentes, com grupos que variavam de cinco a oito pessoas por passeio. O intuito principal dessa ida ao campo é a assimilação das novas técnicas aprendidas no ambiente *indoor* e colocadas à prova no ambiente *outdoor*.

A viagem para o local das escaladas foi realizada de carro, junto aos voluntários envolvidos na pesquisa. Esses detalhes trouxeram contribuições preciosas para a compreensão da modalidade e da relação desses indivíduos com seus clientes. A conversa informal oriunda desses momentos foi de extrema valia e possibilitou questionamentos assertivos a respeito de temas delicados que, caso fossem realizados em outros ambientes, poderiam passar despercebidos.

A terceira possibilidade observada foi um passeio de *mountain bike* realizado na cidade de São Gonçalo do Baçõ, cerca de uma hora de carro da cidade de Belo Horizonte. Essa viagem foi organizada por uma empresa especializada em passeios de *mountain bike* e acontece uma vez por mês em algum município próximo da capital de Minas Gerais.

A empresa não possui sede física própria, mas, vincula suas informações principalmente por meio do site e pela parceria com lojas de ciclismo espalhadas pela zona sul da cidade de Belo Horizonte. O site é bem explicativo e atualizado. Além disso, disponibiliza diversos vídeos e fotos de outros passeios, o que facilita a captação de novos clientes.

A ênfase maior dos profissionais envolvidos nesse setor é a diversão e a difusão da bicicleta, seja como possibilidade de lazer, seja como meio de transporte. O grupo era bem

heterogêneo, tanto no que se refere à idade, quanto à capacidade física. Dez pessoas realizaram o passeio, e três profissionais estavam envolvidos na organização e apoio ao grupo.

A observação realizada no vilarejo Lapinha da Serra se deu através da participação em um *trekking* de longa distância realizado entre as cidades de Lapinha da Serra e Tabuleiro. A vila situa-se a aproximadamente 2 horas e meia da cidade de Belo Horizonte e possui diversos atrativos de lazer na natureza. Entre os principais, pode-se citar a travessia entre as duas cidades, *trekking* para diversas cachoeiras e mirantes, passeio de caiaque pela lagoa e rios que circundam o local, passeio a cavalo, *mountain bike*, entre outros.

O local atrai turistas de diversos locais do Brasil e também do exterior. Recentemente, foi concluída uma obra que asfaltou parte da estrada de terra que fazia a ligação entre a Serra do Cipó e a cidade de Santana do Riacho, que fica a cerca de trinta minutos do vilarejo. Esse acontecimento foi comemorado por alguns moradores e gerou preocupação em outros. A comemoração deve-se ao fato de que o acesso à cidade ficou mais fácil, atraindo novos turistas, e a apreensão deve-se à possibilidade de aumento da degradação oriundo desse excesso de pessoas, como será discutido no decorrer desta dissertação.

A inclusão da observação da atuação dos guias locais instigou muitas reflexões. A grande maioria desses indivíduos possui uma relação estreita e afetiva com o vilarejo e, diferentemente dos outros segmentos analisados, atua de maneira mais informal e com menor difusão pelos meios de comunicação eletrônicos, tão utilizados pelos profissionais em geral.

O *trekking* de longa distância favorece muito a observação de campo, pois, a duração média para esta travessia é de três dias. A convivência com o grupo é bem estreita e possibilita conversas informais ao longo de todo o percurso. O grupo era composto por cinco pessoas e havia dois guias responsáveis, que habitavam o vilarejo. Essa travessia possui forte conexão com

os habitantes desse local e resvala com aspectos culturais, festivos e econômicos que serão discutidos posteriormente.

Foram realizadas três viagens para essa localidade, e a escolha pelos profissionais a serem entrevistados na pesquisa ocorreu através de diálogos com integrantes da própria população local. Quando indagados sobre profissionais que se destacavam pela atuação com o lazer na natureza, indicavam os nomes, que foram, posteriormente, selecionados. Houve uma dificuldade inicial para se aproximar deles – com o intuito de realizar a pesquisa – mas, já na segunda visita, essas barreiras iniciais foram transpostas.

A observação desses quatro segmentos descritos anteriormente, associada ao material bibliográfico selecionado para a pesquisa, possibilitou a realização de análises sobre a atuação profissional no lazer na natureza, objeto aqui estudado, e foi complementada pela realização de entrevistas com os voluntários, como será abordado a seguir.

2.4 Entrevistas

Zago (2003) trata da relação indissociável entre a entrevista e a observação. A autora afirma que a entrevista possui uma função de complementaridade das informações e de ampliação dos ângulos de observação. Assim, as entrevistas foram realizadas paralelamente às observações. As perguntas, dessa forma, já estavam articuladas com o material até então coletado, o que gerou uma maior acuidade e direcionamento das mesmas.

As entrevistas semiestruturadas caracterizam-se pela maior liberdade do pesquisador frente à ordem e ao acréscimo de perguntas. No entanto, isso não quer dizer que não tenha uma orientação prévia (LAVILLE; DIONNE, 1999). As entrevistas foram guiadas pelo eixo orientador do lazer na natureza, enfatizando a percepção dos profissionais envolvidos nas quatro

modalidades presentes no estudo e a interação desses indivíduos com os participantes dessas atividades.

O roteiro das entrevistas (APÊNDICE C) foi elaborado levando-se em consideração as práticas desses profissionais e, essencialmente, a relação deles com os praticantes. Por meio de uma conversa orientada – com expressões da realidade, dos sentimentos e da cumplicidade –, foi possível obter informações que contribuíram com a compreensão do problema desta pesquisa.

O número de participantes no processo das entrevistas foi definido ao longo da pesquisa de campo, procurando contemplar todos os sujeitos que estiveram envolvidos nas atividades observadas, o que permitiu investigar diferentes formas de atuação. O fato de captar formalmente a fala sobre determinado tema, no caso o lazer na natureza, a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes de observação participante.

O parâmetro utilizado para o dimensionamento da quantidade de entrevistas seguiu o *critério de saturação*. Por critério de saturação entende-se o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica do grupo ou da coletividade em estudo (MINAYO, 2010). A saturação ocorre quando os depoimentos começam a se repetir e as ideias centrais já não variam tanto.

As entrevistas semiestruturadas deste trabalho foram realizadas em locais previamente estabelecidos, que priorizavam certa familiaridade do entrevistado para com o meio, na maioria das vezes, nos locais escolhidos pelos próprios voluntários. Dessa forma, além da fala, que foi o material primordial dessa etapa, também foram agregados elementos de relações, cumplicidade, omissões e imponderações que pontuam o cotidiano do sujeito.

Os voluntários estavam cientes quanto à utilização de gravador na captação dos depoimentos. O uso desse equipamento foi adotado conforme considerações de Zago (2003), a

qual afirma que a gravação do material permite maior liberdade ao pesquisador na condução das questões, no estabelecimento da relação de interlocução e no avanço da problematização. Com a concordância dos entrevistados, todos os depoimentos foram gravados. Esses registros auxiliaram a organização e a análise dos resultados pelo acesso a um material mais completo, que poderia ser reexaminado a qualquer momento.

Somente em uma situação a gravação do depoimento não foi possível. Durante a viagem ao vilarejo Lapinha da Serra, um dos voluntários não se sentiu à vontade quando indagado sobre a possibilidade de se utilizar o gravador. Além de não autorizar, ele demonstrou inquietação e desconfiança. Depois desse primeiro contato, estabeleceu-se uma conversa informal no dia posterior, e a opção foi realizar algumas anotações a respeito desse encontro no caderno de campo.

O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) possui todas as informações pertinentes relativas à pesquisa como: o interesse, sua utilidade, os objetivos, os riscos, benefícios e o compromisso do anonimato. Antes de iniciada as entrevistas, foram entregues e assinados os TCLEs (APÊNDICE A) aos respectivos voluntários, conforme recomendações da Resolução 196/96 (BRASIL, 1996), tendo cada um recebido uma cópia do documento.

As entrevistas gravadas foram utilizadas somente nesta pesquisa e foram disponibilizadas para os voluntários participantes. Durante a transcrição, optou-se pela retirada dos vícios de linguagem e das palavras repetidas, priorizando os assuntos relevantes para a pesquisa, tomando-se o cuidado de preservar o conteúdo dos depoimentos conforme enunciado pelos entrevistados.

O caderno de campo também foi útil na complementação das entrevistas. Os detalhes, como atitude e comportamentos, que não foram captados pelo áudio do gravador, foram de extrema valia e eram pontuados junto às anotações que ocorreram ao longo da conversa ou logo após os encontros com os voluntários.

O conteúdo oriundo da observação participante, das entrevistas semiestruturadas e do caderno de campo foram detalhados e organizados através das categorias de análise. Esse longo processo – que será descrito a seguir – na maioria dos casos implica constantes idas e vindas da teoria, ao material de análise e pressupõe várias versões do sistema categórico.

As categorias, nesta pesquisa, foram definidas segundo a ideia de modelo misto de Laville e Dionne (1999). De acordo com esse modelo, as categorias são selecionadas através do conhecimento prévio do pesquisador e podem sofrer modificações ao longo da pesquisa de campo, seja pelo acréscimo ou eliminação de algum novo detalhe.

2.5 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi a estratégia utilizada para a interpretação dos dados da pesquisa qualitativa em questão. Essa possibilidade metodológica de tratamento da informação pode ser caracterizada como um recurso para compreender o processo de constituição das percepções, atitudes e representações de grupos específicos, com a vantagem de permitir uma comparação sistemática de dados. É uma hermenêutica controlada que permite abordar uma grande diversidade de objetos de investigação. Seu princípio é desmontar a estrutura e os elementos do conteúdo estudado para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Todo esse processo visa ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica ante a comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas e resultados de observação (MINAYO, 2010). É ainda dizer não “à leitura do simples do real”, sempre sedutora, forjar conceitos operatórios, aceitar o caráter provisório de hipóteses, definir planos experimentais e de investigação.

Como modalidade de análise de conteúdo, optou-se, nesta pesquisa, pela *análise temática*. A noção de *tema* está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. É composta por um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, uma expressão, uma frase ou de um resumo. Segundo Bardin (2011, p.105), “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo os critérios relativos à teoria que serve de guia para a leitura”.

Nesse mesmo sentido, Unrug (1974, p.19) define *tema* como:

Uma unidade de significação complexa de comprimento variável, a sua validade não é de ordem linguística, mas antes de ordem psicológica. Pode constituir um tema tanto uma afirmação como uma alusão.

Em um primeiro momento, logo após o trabalho de campo, buscou-se uma *pré-análise* de todo o material recolhido. Durante esse processo – primordial e intenso – procura-se uma impregnação pelo conteúdo. Assim, as teorias relacionadas ao tema tornaram a leitura progressivamente mais sugestiva e capaz de ultrapassar a sensação de caos inicial.

Na segunda etapa, nomeada por Minayo (2010, p.317) como *Exploração do Material*, o investigador busca encontrar as *categorias finais*, que são expressões ou palavras relevantes em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Trata-se de uma etapa delicada que consiste num processo de redução do texto às linguagens significativas, para a melhor compreensão do sentido da pesquisa.

As categorias selecionadas para a compreensão do fenômeno estudado nesta pesquisa foram sendo definidas ao longo da coleta de dados afim de auxiliar no andamento das entrevistas e nas observações de campo. Nesse sentido, optou-se pelo *modelo misto* (LAVILLE; DIONE, 1999, p.219), no qual “as categorias são selecionadas no início, mas o pesquisador se permite modificá-las em função do que a análise aportará”. Inicia-se com uma definição *a priori* fundada em

conhecimentos prévios sobre o tema e, ao longo do trabalho de campo e análise do material, buscaram-se novas compreensões que possam ampliar a gradação pré-existente.

Depois de agrupado e analisado todo esse material, chegou-se às seguintes categorias: *perfil dos praticantes, formação acadêmica, consciência ambiental, degradação ambiental e aspectos relacionados à resistência e ao consumismo*. A partir da escolha das categorias de análise, novas leituras do material de campo foram realizadas e reagrupadas de acordo com o tema e o sentido que expressavam. Foi nesse momento que as análises mais criteriosas se iniciaram, e o diálogo com a teoria tornou-se imprescindível para fundamentar a discussão dos dados coletados.

Nesse sentido, a análise e interpretação qualitativa seguiram a estratégia denominada *construção interativa de uma explicação*, que não supõe a presença prévia de um ponto de vista teórico. Todo o processo de análise e interpretação ocorreu de maneira interativa, ou seja, procurou-se elaborar, de maneira cautelosa, uma explicação lógica do fenômeno ou dos problemas expostos, conforme recomendam Laville e Dionne (1999). Essa modalidade de interpretação convém particularmente aos estudos de caráter exploratório quando o domínio de investigação não é bem conhecido e não se pretende, dessa forma, elaborar hipóteses *a priori*. O desenvolvimento acontece através de uma interação entre reflexão, observação e interpretação, à medida que se progride nas análises.

Os resultados oriundos a partir da categorização propõem inferências e interpretações que procuraram dialogar com o referencial teórico utilizado nesta pesquisa. Os dados coletados foram interpretados qualitativamente, recebendo um tratamento no mundo dos significados e relações humanas (MINAYO, 2010). A análise qualitativa visa menos à generalização e mais ao aprofundamento e abrangência da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação.

O percurso metodológico destrinchado anteriormente originou este trabalho, que será apresentado em dois tópicos distintos. No primeiro, será exposta uma compreensão do momento presente, através da discussão teórica de alguns pensadores da pós-modernidade, e sua relação com o objeto principal dessa pesquisa, os profissionais que atuam no campo do lazer na natureza. Compreende-se que um estudo acerca das características contemporâneas que dizem respeito à nossa sociedade e aos seus cidadãos possa solidificar a compreensão de um fenômeno sociocultural – o lazer – e sua relação com a natureza através dos seus protagonistas. Optou-se por discutir essa teoria em três tópicos: momento presente, lazer na natureza e atuação profissional em lazer.

Em seguida, são apresentados os resultados da pesquisa de campo. Vale ressaltar que, ao longo de todo o processo investigativo, foram considerados diversos trabalhos que, de alguma forma, poderiam dialogar e auxiliar as análises desta pesquisa. Buscou-se um olhar crítico e, principalmente, uma abertura para novos diálogos acerca da temática, que não se esgotam nesse percurso.

Por último, nas considerações finais da pesquisa, são apresentados os resultados mais relevantes e as perspectivas oriundas deste trabalho, que podem auxiliar no desenvolvimento da temática do lazer na natureza em trabalhos futuros.

3 OS TRÊS CUMES DA PESQUISA

A contemporaneidade é revelada por meio das próprias ações e simbioses que as pessoas estabelecem com cada tempo. Nesse contexto, uma questão que, a cada dia, causa maior consternação é a relação do ser humano com a natureza: ora consumidores, ora admiradores, ora destruidores, ora agregadores. Atualmente busca-se uma relação com o meio ambiente através de uma separação tão abissal que, segundo vários autores que escrevem sobre a contemporaneidade (BAUMAN, 2008; BOURDIEU, 2001; LIPOVETSKY, 2009; MORIN, 2003), poderá causar catástrofes climáticas irreversíveis e, provavelmente, tragédias de ordem global.

O momento presente demanda reflexões a respeito da responsabilidade dos sujeitos na relação com o outro e com os valores que definem o momento histórico. Nesse contexto, por muitos chamado de pós-modernidade, inclui-se também a interação dos sujeitos com o meio natural, que passa a ser visto apenas como possibilidade de riqueza, atendendo às expectativas do império do consumo. O “pensamento sustentável”, discurso em favor do meio ambiente presente no marketing atual de diversas empresas, deve ser visto de maneira duvidosa: em boa parte das situações, tal “atitude verde” busca ocultar uma exploração sem precedentes do planeta.

Embora a natureza possa passar a ideia contrária a uma visão de mundo e a uma ordem social industrializada e materialmente progressista, essa realidade mostra-se alterada contemporaneamente. Recorremos ao exemplo de Bruhns (2010), a respeito dos fabricantes de veículos utilitários esportivos que se apropriam da natureza em suas propagandas como sendo o “lar natural” desses automóveis. Contraditoriamente, tais “máquinas” requerem um poço de petróleo para alimentar seus motores, facilitando a legitimação do consumo ostensivo de uma classe, não raras vezes, privilegiada do ponto de vista socioeconômico.

É nesse ambiente descrito acima que as atividades de lazer na natureza se desenvolvem. Segundo dados do documento do Ministério do Meio Ambiente do Governo do Brasil¹⁵, as atividades de turismo que encontram na natureza sua principal motivação têm sido abordadas em inúmeras matérias de jornais, programas de televisão, eventos temáticos, produtos e guias turísticos especializados e trabalhos acadêmicos. Esse é um dos segmentos mais promissores do mercado de turismo, com crescimento mundial estimado entre 10% e 30% ao ano.

O aumento no número de praticantes e entusiastas que procuram atividades de lazer na natureza já é um fenômeno estudado em diversas áreas acadêmicas como turismo, sociologia, educação física, antropologia, entre outras. Um aspecto enfatizado é o motivo que leva as pessoas a procurarem essas atividades. Alguns autores como Gyimóthy; Mykletun (2004) e Walle (1997), salientam as duas teorias mais difundidas – já pontuadas anteriormente – e propõem que essa procura seja analisada através de duas vertentes: pela “Teoria do Risco” (*The Risk Theory*) e/ou pela “Teoria do Auto-conhecimento” (*The Insight Theory*).

Segundo os autores supracitados, a procura pelas atividades de lazer na natureza resvalam nesses dois motivos principais. Algumas modalidades desse universo – tais como alpinismo, *rafting*, *bung-jumpee*, corrida de aventura, *mountain bike*, entre outros – possuem uma relação direta com o sentimento de aventura, desafio, competição e adrenalina. Por outro lado, existem outras modalidades – tais como *trekking* de longa distância, observação de aves, montanhismo, entre outros – que se caracterizam por uma busca mais harmônica com o meio natural. Por isso, esta pesquisa considerou modalidades de lazer na natureza que pudessem envolver as duas abordagens, tanto a busca pela adrenalina, quanto a busca pela contemplação.

Essas duas linhas permeiam a maioria dos estudos acerca dos motivos que levam os sujeitos a buscarem tais atividades. No entanto, existe uma preferência, principalmente

¹⁵ www.mma.gov.br/estruturas/ascom_boletins/_arquivos/livro.pdf

mercadológica, pela chamada “Teoria do Risco”. Segundo os pesquisadores, essa visão do risco das atividades é mais atrativa e, obviamente, mais rentável como produto de consumo.

As atividades de lazer na natureza, quando tratadas como produto, tendem ao que em língua inglesa, denomina-se “*commodification*”¹⁶, ou seja, a transformação dessas experiências em mercadoria. Um exemplo clássico desse fenômeno acontece na Nova Zelândia. Segundo Perkins e Thorns (2001), a experiência do turismo de aventura nesse país está associada ao desafio de superar as dificuldades oferecidas pela natureza. Dessa forma, quando se pensa no tipo de turismo oferecido pela região, não se trata de uma busca pela aproximação simples com o ambiente natural. Nesse local, a performance *na e com* a natureza é o produto que deve ser comercializado e comprado pelos praticantes (FAIRWEATHER; SWAFFIELD, 2002).

Nesse sentido, é possível pontuar alguns embates provenientes dessa relação entre a cultura do lazer na natureza na Nova Zelândia e a forma como essas atividades são “comercializadas” como forma de atrair novos turistas. Segundo Reis (2012, p.307):

Embora as declarações sobre a preservação da Nova Zelândia sejam baseadas em fatos incontestáveis, como as extensas áreas de preservação natural e as paisagens sublimes adequadas para a prática diversa de atividades de lazer outdoor, o ambiente natural é consumido e comercializado como um produto de acordo com a demanda, e não muito envolvido como parte de uma relação normal entre homem e natureza.¹⁷

Vale ressaltar que, durante a pesquisa de campo, inúmeros depoimentos foram prestados nesse sentido, como será tratado mais adiante. Isso permite discutir essas modalidades de maneira crítica no cenário em que aconteceram. Diferentemente dos estudos realizados em países como Nova Zelândia e Austrália – países reconhecidos como “avançados” no campo do lazer na

¹⁶ Não existe substantivo semelhante na língua portuguesa. Uma explicação plausível seria a transformação de um fenômeno em *commodities*, ou seja, em mercadoria para ser consumida.

¹⁷ Traduzido do original: “*Even though his statements are founded on incontestable ‘facts’, such as the extensive preserved natural areas and the sublime landscapes suitable for a wide variety of outdoor recreation activities, the natural environment is consumed and sold as a product guided by demand, and not so much engaged in as part of ‘ordinary’ human-natural environment relationships*”.

natureza –, o Brasil ainda carece de maior profissionalização nesse segmento, sobretudo, no que diz respeito à preparação de profissionais para atuar nesse campo, com possibilidades para trabalhar diversos aspectos relacionados à consciência e à não degradação ambiental, o que também pode resultar em uma experiência menos comercial para os praticantes.

Le Breton (2009) analisa a preferência contemporânea pelo risco e correlaciona tal comportamento dos sujeitos com a busca incessante pela novidade, pela ruptura da monotonia e, ao mesmo tempo, uma forma de cultivar o individualismo. Sobre este assunto, Le Breton (2009, p.94) afirma:

O risco, que nossas instituições combatem em múltiplas esferas, proporciona a oportunidade de viver contra a corrente, de realimentar-se, de escapar do tédio, intensificando imediatamente a relação graças a uma atividade inebriante. É um corte de caminho para retomar o controle de uma existência entregue à dúvida, ao caos e à monotonia. Quando se opta pelo risco em uma atividade de lazer ou de desafio pessoal, ele torna-se uma espécie de reserva de onde extrair sentido, fortalecer o gosto de viver debilitado ou, às vezes, até mesmo voltar a encontrá-lo após havê-lo perdido. (LE BRETON, 2009, p.94)

As palavras de Le Breton (2009) podem ser associadas ao que Bauman (2008) denomina “crise de identidade” do cidadão da modernidade líquida. Segundo o autor, o ser humano vive em um momento em que busca, a cada dia, uma nova identidade perdida e um sentido para a vida. Diferentemente de outros tempos, em que existiam os “projetos para toda a vida” e planos de longo prazo, o momento presente precisa proporcionar novas sensações, novas emoções e novos recomeços que, no dia-a-dia ordinário, não se é capaz de encontrar. Nessa lacuna, ao proporcionar momentos de grande êxtase, o lazer na natureza encontrou mercado e milhões de consumidores.

Por outro lado, o lazer na natureza também pode envolver sensações físicas menos intensas e possibilidades mais contemplativas. Embora se saiba que essas práticas também são comercializadas e transformadas em mercadorias, outros aspectos relevantes podem surgir dessa

relação, como: desenvolvimento de uma consciência ambiental e estabelecimento de uma relação equilibrada entre ser humano e natureza. Nesse sentido, a prática do lazer na natureza, orientada por profissionais comprometidos com essas dimensões, pode propiciar novas sensibilidades e formas de resistência ao consumismo.

Essas perspectivas foram investigadas neste estudo e possuem relação estreita com as dicotomias vividas pelo ser humano contemporâneo as quais podem propiciar condutas danosas quando se pensa na relação com o meio ambiente. Vive-se em constante debate frente às próprias ideias, principalmente, quando o assunto é a relação com o meio natural. Segundo Reigota (1995, p.54), ora se considera um elemento da natureza, ora se vê apartado dela, observador e/ou explorador, “nota dissonante”, componente depredador, entre outros.

As dicotomias exploradas pelo autor, do ponto de vista do presente estudo, também poderiam ser chamadas de “angústias neuróticas” que sempre estiveram presentes nos pensamentos e atitudes dos seres humanos. No entanto, observa-se que a contemporaneidade, fruto de um excesso de informatização, acentua tais comportamentos e amplia as lacunas dicotômicas e os vazios existenciais dos sujeitos – especialmente nas grandes cidades, onde tais sentimentos podem estar instigando uma busca pela vivência do lazer na natureza como se isto fosse um refúgio ou um tratamento para tais patologias.

Nesse âmbito, Bauman (2008, p.66) expõe as características do sujeito urbano e suas conexões com estas buscas por novas identidades:

O ambiente líquido-moderno da sociedade e da cultura de consumo tem como característica a desregulamentação e desrotinização da conduta humana, já em estágio avançado, diretamente relacionadas ao enfraquecimento e/ou fragmentação dos vínculos humanos – com frequência referidos como “individualização”.

Essa “individualização” pode levar o ser humano a constantes buscas e, dentre elas, o lazer na natureza aparece como uma das possibilidades. Uma aproximação com o meio natural pode acarretar a fuga do centro urbano, o distanciamento da formalidade das cidades, a busca evasiva por novas emoções e até mesmo a aquisição de um novo estilo de vida, uma nova identidade.

No contexto descrito anteriormente e sob constante influência dessas características do momento presente, situam-se os sujeitos desta pesquisa: os profissionais que atuam com o lazer na natureza. Se por um lado, eles podem reproduzir as relações mercantis e consumistas, por outro, há um movimento de ressignificação da natureza, que, como sugere Marinho (2007, p.08), “é ideológico e pode atuar tanto em nome da conservação ambiental quanto da transformação social”. Nessa perspectiva ecológica, pode-se pensar na possibilidade de uma resistência¹⁸, como citado anteriormente, ou seja, uma maneira de contrapor uma tendência contemporânea do uso da natureza somente como fornecedora de matérias-primas.

O conceito de resistência aqui utilizado guarda estreita relação com as ideias de Foucault (2010). Para o autor, as relações de poder suscitam e abrem possibilidade para a resistência e, ao mesmo tempo, estão intimamente relacionadas às possibilidades de luta. Tais possibilidades começam quando cada sujeito deixa de questionar o bem ou mau, o legítimo ou ilegítimo e se coloca em uma situação de existência, com poucas alternativas de saída frente a uma realidade. Nesse sentido, ao confrontar dados atuais sobre a exploração dos recursos naturais globais, a necessidade de novos posicionamentos torna-se iminente, ou seja, abre novas formas de luta.

¹⁸ O vocábulo “resistência” alinha-se à concepção relacional do micro-poder, exercido por relações de forças, por redes que se instauram em um espaço polivalente. Assim como existe uma multiplicidade de redes de micro-poder, existem também núcleos de resistência. As formas de dominação não são naturais ou contratuais, mas construídas como estratégias de ação sobre a ação do outro e determinadas historicamente na sociedade (FOUCAULT, 1990).

Considerar-se em uma situação de existência, como enfatizado por Foucault (2010), seria diminuir sobremaneira as ideias dicotômicas discutidas anteriormente. Na discussão contemporânea frente aos problemas ecológicos nessa perspectiva, o lazer na natureza poderia propiciar vivências socioeducativas de resistência, assim, a dissociação das questões ambientais em relação à economia, agricultura e mudanças climáticas, ou seja, o que se estabeleceu como “desenvolvimento sustentável”, faz-se necessário.

A partir do momento em que os valores econômicos foram associados aos valores ecológicos de proteção dos recursos naturais – tema extensamente discutido na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida por Rio-92 ou Eco-92 –, o distanciamento entre ser humano e natureza acirrou-se. Esse debate ficou conhecido principalmente pelo surgimento do conceito de “desenvolvimento sustentável”. Ainda hoje esse termo é utilizado para justificar ações ambientais com objetivos econômicos e, nesse sentido, Jatobá *et al.* (2009, p.59) afirmam:

A constatação de que ocorreram poucos avanços nos compromissos firmados desde a Rio 92 reforçou o fato de que o desenvolvimento sustentável, enquanto propósito global, estava sendo mais retórico do que real (...). O descompasso existente entre as intenções formuladas e as ações desenvolvidas sob o enunciado do desenvolvimento sustentável ressalta suas contradições.

Dessa forma, (re) pensar os pressupostos relacionados aos estudos sobre meio ambiente que alicerçam a atuação dos profissionais das atividades de lazer na natureza e como ela vem sendo processada na realidade torna-se importante, uma vez que valores e concepções são repassados nas diversas práticas. As contribuições de Chauí (1989), quando alerta para o poder do discurso da competência, podem auxiliar a reflexão sobre a relação que se estabelece nas

diversas práticas de lazer na natureza entre os sujeitos encarregados dessas atividades e, teoricamente, aqueles que devem escutá-los.

Esse discurso competente (em outras palavras, o discurso do especialista), quando elaborado de maneira crítica, possibilita instigar a consciência ecológica entre os participantes do lazer na natureza. A experiência nessas atividades, segundo os sujeitos da pesquisa, pode propiciar novas relações entre ser humano e natureza em diversos aspectos. Esse detalhe, que também foi recorrente na fala dos voluntários, será discutido nesta dissertação.

É esse diálogo que, por meio da análise de diferentes experiências de lazer na natureza, a presente pesquisa pretende estabelecer e que constitui seu eixo central e seu problema: compreender a atuação dos profissionais do lazer na natureza no momento presente, caracterizado pelo consumismo e pela efemeridade.

Ao enxergar os fenômenos humanos contemplando sua complexidade, propõe-se uma análise menos mutiladora e unidimensional, tratando de exercer um pensamento capaz de dialogar com o real e com os constituintes desse objeto de pesquisa. Embora se saiba que o olhar do pesquisador também se encontra “contaminado” pela dualidade, a tentativa é pela clareza da investigação e pela discussão crítica dos componentes da pesquisa.

A seguir, serão apresentados os referenciais teóricos principais da pesquisa e suas possíveis conexões com o trabalho de campo. Em primeiro lugar, será analisado o momento presente, com o auxílio de autores contemporâneos da temática, e sua conexão com as perguntas do presente estudo. Posteriormente, serão discutidos estudos acerca do lazer na natureza e sobre a atuação profissional, principalmente no âmbito do lazer, correlacionando-os com os achados da pesquisa de campo.

3.1 Momento presente

Diversos autores (ANDERSON, 1999; LIPOVETSKY, 2009; LYOTARD, 1993, 2008) nomeiam o tempo atual de “pós-modernidade”¹⁹, condição sociocultural e estética do capitalismo moderno, também denominado pós-industrial ou financeiro. Essa “nova era” abre polêmicas e questiona os alicerces da modernidade: a ciência empírico-analítica, a organização da vida a partir da razão instrumental manipulada pelo capital, proporcionando uma crise da consciência ética e dos valores morais presentes.

O termo pós-modernidade é algo típico das sociedades pós-industriais baseadas na informação, tais como Estados Unidos, Japão e centros Europeus. Atualmente, em função da globalização e da disseminação tecnológica, o Brasil e outros países em desenvolvimento também estão inseridos nesse contexto. Partindo do princípio de que a pesquisa em questão visa compreender a atuação dos profissionais do lazer na natureza no contexto urbano e seu entorno, a utilização dos preceitos da pós-modernidade torna-se essencial e, mais do que isso, fornece subsídios importantes para uma análise contemporânea.

Apesar do uso do termo ser recorrente, várias são as críticas quanto à sua utilização e pertinência. Muitos autores, como Bauman (2001), preferem evitá-lo por fazerem uma leitura que impede uma ruptura com o período anterior. Optou-se, aqui, por compactuar com sua definição, que cunha o termo “modernidade líquida”, para referir-se a uma realidade ambígua e multiforme. Tal período pode ter seu início situado em meados do século XX, embora essa transição nunca se dê de forma absoluta, sem gradação dos valores de um período para o outro.

¹⁹ Esse novo tempo tem sido batizado por inúmeros autores e recebido diversos nomes. Não há um consenso teórico-conceitual sobre este novo tempo, há apenas demarcações e concepções distintas.

Vale ressaltar que, em todo momento de transformação cultural, há um movimento pendular: existem pontos convergentes e divergentes, aspectos positivos e negativos. No caso da pós-modernidade, aqui denominada modernidade líquida (conforme BAUMAN, 2001), podem ser destacadas pelo menos duas proposições, que se entrecruzam.

A primeira pode ser denominada de posição emancipatória. Assim, a modernidade líquida abre maior espaço para a liberdade do saber, exercendo uma função libertadora das alteridades postergadas em outros momentos: a natureza, o feminismo, o pacifismo, a arte, etnia, a sexualidade – novas gerações, identidades sociais e políticas. Assuntos e discussões que até então não possuíam importância e, até mesmo, eram recriminados, passam a propiciar novos debates e possibilitam intervenções acadêmicas para uma construção social mais diversa.

A segunda posição é complexa e preocupante. Pode ser classificada de pós-modernidade instrumentalizada ou maníaco-eufórica. As visões globalizantes esfacelam-se, deixando o sujeito desprotegido e entregue a si. O abismo do abandono aprofunda-se, e, com ele, as crises de depressão. Fala-se em morte das utopias, fim da história, ausência das representações e metanarrativas, como salienta Lyotard (1993). Talvez para esconder, nesse fenômeno, a profunda decepção diante das palavras, dos símbolos e dos discursos vazios, espalha-se um novo modo de vida: a fragmentação do sujeito, a cultura narcisista, império do gozo e do consumismo (PEREIRA, 2012).

Assim, além das outras características expostas acima, o consumismo surge como um novo organizador do modo de vida contemporâneo. De maneira distinta do consumo, que é uma ocupação dos seres humanos, o consumismo é um atributo social e chega como uma avalanche resultante da metamorfose de vontades e anseios humanos rotineiros, transformando-se na principal força propulsora da sociedade (BAUMAN, 2001).

O consumismo chegou a tal ponto que todas as esferas passaram a fazer parte desse universo. Como afirmam vários autores (CLOKE; PERKINS, 2002; REIS, 2012; MROZOWSKI, 1999), o lazer na natureza também tornou-se mercadoria para o consumo imediato. Nesse sentido, basta identificar o número excessivo de possibilidades de lazer na natureza, a grande procura que existe nesse segmento e, sobretudo, a forma como a natureza passa a ser tratada a partir de então. Na maioria das vezes, os ambientes naturais não passam de lugares exóticos prontos para saciar os desejos dos praticantes.

Nesse aspecto, existe uma relação estreita entre a exacerbação do consumo e a identidade dos sujeitos. Cada vez mais, as pessoas são identificadas pelo que vestem, pelas músicas que escutam, pelos restaurantes que frequentam, ou seja, pelo tipo de lazer que elas consomem. Assim, o consumismo tornou-se aquilo que “rege” o mundo e, como não deveria deixar de ser, o mercado apropriou-se disso, definindo a moda e os hábitos das pessoas. Segue abaixo uma breve citação enfatizando como as práticas de lazer foram e são influenciadas pela lógica mercadológica, pela sociedade do espetáculo.²⁰

Um respeitado especialista, a quem se perguntava o que mudara – verdadeiramente – no registro particular das práticas culturais normalmente incluídas entre as atividades físicas e de lazer, respondia laconicamente: “O que muda? São as cores!...” (POCIELLO, 1995, p.115)

O autor anteriormente citado ressalta a importância que adquirem, daqui por diante, os adornos coloridos do vestuário que enfeitam o gesto lúdico e esportivo. Desde então, destaca-se mais o corpo, os contornos, os adornos, para uma visão melhorada do gesto técnico e dos músculos. Estamos presenciando um novo momento, uma exacerbação da estética sobre a ética.

²⁰ Uma importante discussão sobre as noções de espetáculo e de consumo pode ser obtida na obra de Guy Debord (1997).

Assiste-se, nesse palco, não só à valorização do indivíduo, como à sua pulverização, em detrimento da coletividade. Os laços tornam-se mais instáveis e menos duradouros. O que está em jogo é a satisfação pessoal, trazendo, com a exacerbação da individualidade, também a insegurança da falta de um horizonte bem delineado. O futuro torna-se criação de cada um, solitariamente. Segundo Barroso (2007), o tempo instantâneo é de realização imediata e usufruto momentâneo. O melhor passa a ser o mais leve, o portátil, e a modernidade líquida reduz drasticamente o valor do eterno.

Le Breton (2009) relata que existe uma associação entre este individualismo contemporâneo e a atração dos indivíduos pela natureza, o que no seu texto, denominou-se “atração pelas florestas”. O trecho abaixo vai além das palavras supracitadas e adiciona novos elementos ao debate:

O gosto pelas experiências associadas à sobrevivência nutre-se pela vontade de um corpo a corpo com a natureza em que estão em jogo apenas os recursos pessoais. O individualismo contemporâneo encontra aí um terreno preferencial: o homem só diante da imensidão do mundo, em uma relação de rivalidade, na exclusão de todas as coerções da vida em sociedade, e também de todas as suas facilidades, o que confere, então, valor a cada ação apreendida. (LE BRETON, 2009, p.93)

Complementando a citação acima, geralmente, a natureza nesse contexto é vista como mero palco, propício para despertar desafios pessoais. Esse ambiente inóspito proporciona adrenalina suficiente para uma saída da rotina líquida, de relações sociais vazias e ápices de consumo. O máximo que se consegue nessa aproximação com o outro é uma divisão dos mesmos esforços visando a uma satisfação individual, muitas vezes, concebida como sinônimo do consumo de bens e de serviços.

Esse momento de ruptura e de grandes consequências, com a passagem do consumo para o consumismo que recebeu o nome de “revolução consumista”, como afirma Colin Campbell

(2004, p.41), tornou-se “especialmente importante, se não central para a vida da maioria das pessoas, o verdadeiro propósito da existência”. É quando “nossa capacidade de *‘querer’*, *‘desejar’*, *‘ansiar por’* e, particularmente, de experimentar tais emoções repetidas vezes, de fato passou a sustentar a economia” do convívio humano (CAMPBELL, 2004, p.41).

O valor mais característico da sociedade de consumidores, seu bem supremo, em relação ao qual todos os outros são instados a justificar seu mérito, é a felicidade, que deve ser instantânea e perpétua. (BAUMAN, 2008, p.60).

O consumismo é paradigma deste tempo sempre em movimento (BAUMAN, 2001). Os objetos da indústria são produzidos incessantemente, buscando responder às demandas supostamente individuais, momentâneas, altamente exigentes. A ordem de consumir vale para todos, sendo vendida como o auge da possibilidade de escolha, o que apenas disfarça o imperativo que reside por trás dessa atividade: todas as esferas da vida parecem submeter-se ao consumo, sem exceção.

As palavras de Valéry (2003), publicadas originalmente em 1934, criam a atmosfera vigente e ilustram o sentimento de um homem que viveu intensamente as décadas iniciais do século XX e o início das exacerbações dos parâmetros atuais destacados acima:

Quer se trate de política, economia, modos de viver, divertimentos, movimento, observe que o modo de ser da modernidade é exatamente o de uma intoxicação. Precisamos aumentar a dose, ou trocar o veneno. Cada vez mais adiante, mais intenso, mais rápido, e mais novo. Precisamos, para sentir que estamos vivos, de uma intensidade cada vez maior dos agentes físicos e de diversão perpétua. (VALÉRY, 2003, p.133-134)

No âmbito do lazer na natureza, isso é muito enfatizado e discutido. Quando as modalidades adrenérgicas são analisadas, fica evidente a conclusão descrita acima. “Precisamos sempre de uma intensidade maior”: essa frase vai ao encontro de vários depoimentos coletados

no trabalho de campo. Porém, essa é somente uma análise possível, existem outras nuances que devem ser consideradas e que também possibilitam estudos interessantes.

Assim, de modo geral, o sujeito que busca consumir serviços de lazer na natureza está inserido em um novo estilo de vida de modismo e ideias, gosto e atitudes nunca dantes badalados, em geral coloridos pela extravagância. O que se vive é uma paixão por si mesmo, a glamourização da autoimagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, a entrega a um narcisismo militante, como pontuado por Santos (2008).

Levando em consideração que a busca pelo lazer na natureza poderá atrair majoritariamente pessoas que valorizam essas características – individualismo, efemeridade, consumismo –, a responsabilidade dos profissionais que atuam nessa área, pensando na consciência ambiental, é levada ao extremo e possibilita conflitos interessantes quando se consideram valores que, de certa forma, representam exatamente o oposto dos preceitos do momento presente. Uma aproximação com o meio natural pode educar o olhar e a atitude para uma diminuição do individualismo, um consumo mais moderado e a difusão de valores menos efêmeros.

No próximo tópico, serão enfatizados alguns estudos sobre a temática do lazer na natureza e suas conexões com o contexto atual.

3.2 Lazer na natureza

A partir do cenário destacado anteriormente, o lazer também vai se relacionar a esse âmbito de mudanças, impregnado por todas as dimensões da contemporaneidade em construção e do tempo/espaço cada vez mais estratégico para a conformação dos novos arranjos sociais, econômicos e políticos. Não se pode analisar o lazer e, conseqüentemente, as atividades na

natureza, como algo alheio às transformações sociais. Tal dimensão deve ser enfatizada, pois, para uma visão crítica das práticas lúdicas, tanto os aspectos relacionados à história quanto os aspectos relacionados ao momento presente fornecem subsídios e inferências nesse campo.

O lazer necessita ser compreendido em sua complexidade e, além de um direito descrito na Constituição vigente no país (BRASIL, 1988), pode ser encarado como possibilidade de vivência da cultura, elemento integrador do exercício da cidadania, campo privilegiado para a manifestação do elemento lúdico, da liberdade e do prazer, e, ainda, potente instrumento de mudanças pessoal e social, seja qual for a concepção adotada – lazer relacionado aos aspectos tempo e atitude (DUMAZEDIER, 1979; MARCELLINO, 1997), ao estado de espírito (DE GRAZIA, 1969), entre outras. Portanto, o lazer é um instrumento de mudança social e também está correlacionado à melhora da qualidade de vida dos cidadãos (WERNECK, 2000).

Nas últimas décadas, os estudos no campo do lazer apontam certa expansão em suas pesquisas e publicações. Isso pode ser corroborado por Mascarenhas (2004). Segundo o autor, as discussões que envolvem a questão do lazer vêm ocupando um espaço cada vez maior no âmbito acadêmico, apesar de recente. No que diz respeito ao lazer na natureza, as pesquisas encontram-se ainda mais incipientes, mas podem contribuir muito para o campo acadêmico quando realizadas de maneira crítica e em conexão com os estudos do lazer.

Apesar do embate acerca da historicidade e dos significados do lazer, sabe-se que este apresenta uma especificidade, tornando necessário reconhecer suas relações com a cultura, a economia e a política para tentar compreendê-lo na sua complexidade. Isso pode ser fortalecido através da obra *Lazer e Sociedade*, organizada por Marcellino (2008), na qual os autores que participam do livro relacionam o lazer a diversas esferas da dimensão humana, tais como a família, as fases da vida, a religião, o trabalho, a saúde, o gênero e a qualidade de vida. Dessa

forma, o lazer representa um fenômeno social complexo, polissêmico e interdisciplinar, encontrando suporte nos conhecimentos produzidos em diferentes áreas.

É nessa dimensão multidisciplinar que o campo do lazer possibilita interlocuções que transcendem áreas específicas, entre as quais se destaca a Educação Física e, se por um lado, torna complexo o trabalho do pesquisador, por outro, oferece diversidade de elementos para sua análise. Na contemporaneidade, a polifonia provocada pelo lazer e suas inter-relações explicitam os embates vividos pelos sujeitos e desafiam o olhar nas pesquisas acadêmicas.

Embora alguns estudiosos considerem que o lazer existe desde os tempos mais antigos (RUSSEL, 1957; DE GRAZIA, 1969; MUNNÉ, 1980), para outros pesquisadores a sua gênese situa-se nas sociedades urbano-industriais, contexto que marcaria o surgimento desse fenômeno. Dumazedier (1979), por exemplo, afirma que o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução industrial. Tal perspectiva é conhecida como crítica ou crítica-histórica e é enfatizada por diversos autores brasileiros, entre os quais Marcellino (1997).

Apesar das duas posições parecerem polêmicas e divergentes, o mais importante para os estudos atuais sobre a temática é “apreender o processo pelo qual o lazer vem se constituindo social e historicamente” (GOMES, 2003, p.61). No entanto, no presente estudo, optou-se por abordar o lazer como um fenômeno que sempre existiu, transcendendo sua associação direta com a sociedade moderna, como uma necessidade humana, como pontuado por Medeiros (1971).

O lazer está presente em todas as fases da existência humana e vai muito além do simples brincar de uma criança ou de uma atividade distrativa e sem importância. É uma característica fundamental da condição do ser humano e correlaciona-se, diretamente, com a cultura, portanto, tem sido analisada a partir de diversas perspectivas disciplinares (BARNETT, 2000; HUIZINGA, 2010; KEER; APTER, 1991; NORBEK, 1974).

Assim, na presente pesquisa, será utilizada a concepção de Gomes (2011), segundo a qual, o lazer é compreendido como uma necessidade humana (sem hierarquização com outras necessidades) e como uma dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social. A autora entende que o lazer é constituído conforme as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual é desenvolvido e implica “produção” de cultura – no sentido de reprodução, construção e transformação de práticas culturais vivenciadas ludicamente por pessoas, grupos, sociedades e instituições. Essas ações são construídas em um tempo/espaço social, dialogam e sofrem interferências das demais esferas da vida em sociedade e permitem ressignificar, simbólica e continuamente, a cultura (GOMES, 2010; 2011).

Ao associar o conceito de lazer à cultura e às interfaces que dialogam constantemente com os outros elementos, o lazer não pode ser interpretado e analisado de maneira apartada. É preciso compreendê-lo como um fenômeno amplo e suscetível a diversas ingerências. Nesse sentido:

O lazer não é um fenômeno isolado: ele se manifesta em diferentes contextos de acordo com os sentidos e significados dialeticamente produzidos/reproduzidos pelas pessoas nas suas relações com o mundo. Assim, ao propiciar o desfrute da vida no momento presente, o lazer dialoga com o contexto e reflete as ambiguidades e contradições nele presentes. Neste âmbito, por um lado, infelizmente o lazer pode contribuir com a manutenção do *status quo*, reforçar estereótipos e valores excludentes, consumistas e alienantes. (GOMES, 2009, p.100)

Embora haja uma tendência em pensar o lazer sempre como uma experiência positiva, ele também possibilita, como destacado anteriormente, a produção de valores corrosivos e comportamentos socialmente controversos. Nesse sentido, pesquisadores como Rojek (2005, 2010) propõem conceitos e discussões acerca do “lazer anormal” e/ou “lazer *underground*”.

Através de argumentos sociológicos contundentes, o autor sugere práticas sociais associadas ao lazer que vão desde o abuso de drogas até a pirataria eletrônica.

As práticas de lazer contemporâneas sugerem uma infinidade de interpretações e estão estritamente articuladas com valores culturalmente construídos. O lazer como necessidade humana é fruto de situações sociais complexas. Segundo Rojek (2005), deve ser compreendido em sua totalidade e, apesar de ser visto como necessidade humana, varia e deve ser interpretado de acordo com a sociedade que se estuda e de acordo com a cultura local. Para Rojek (2005, p.19), “a satisfação das necessidades das espécies variam culturalmente”²¹.

O lazer na natureza, apreciado no presente estudo em associação às concepções discutidas anteriormente, também não pode ser analisado como algo fora da realidade. Está repleto de contradições, principalmente quando associado a conceitos relacionados à consciência ecológica, ao meio ambiente, ao “papel” da natureza, entre outros. A busca do ambiente natural como vivência lúdica é tão antiga quanto a própria história humana.²² No entanto, ao se propor compreender os discursos e práticas dos profissionais do lazer na natureza, deve-se estar atento às mudanças na relação entre ser humano e natureza que sofreu grandes influências do desenvolvimento dos centros urbanos e do distanciamento das áreas naturais.

Quando se analisa como se deu, historicamente, a relação entre ser humano e mundo natural na Europa Ocidental, principalmente entre os séculos XV e XVIII, fica evidente a origem do distanciamento tão comumente visível e discutido nas pesquisas acadêmicas da área. A influência que os estudos europeus e americanos exerce em pesquisadores do Brasil é tão

²¹ Traduzido do original: “(…) *The satisfaction of species needs varies culturally*”

²² “Rigorosamente, não é possível afirmar quando surgiram as primeiras atividades lúdicas no meio natural, mas elas devem remeter ao início da humanidade, considerando que o ser humano primitivo se via como parte integrante da natureza.” (PIMENTEL, 2009, p.178-179)

avassaladora que, além da exploração territorial, são herdadas também a interação dos mesmos para com o ambiente natural, visto como fornecedor de matéria prima e nada mais.

Cabe ressaltar que a visão de pessoas, como os indígenas, frente à natureza, pode ser bem distinta desse olhar herdado pelo homem branco europeu e ocidental: embora haja uma dependência dos recursos naturais para a sobrevivência, existe um respeito enorme com relação à floresta e seus constituintes. No entanto, muitas vezes, o “homem branco” não se apropria desses preceitos e, pelo contrário, demonstra desrespeito para com essa população anteriormente maioria e, hoje em dia, minoria. Além disso, as alterações climáticas observadas nos últimos anos assolam sobremaneira o *hábitat* – a floresta – e o alimento básico – os peixes – dos indígenas da região da Amazônia, por exemplo:

Caso a perda da floresta e da sobrepesca persistam, fruto das mudanças climáticas, poderemos perder não apenas os recursos alimentares, mas um mecanismo importante para a manutenção das florestas. A conservação das florestas alagáveis da Amazônia visa à proteção, principalmente, da população indígena local. (CRUZ; ANDRADE, 2008, p.39)

Segundo um estudo de Thomas (1995) sobre a relação entre homem e natureza entre os anos de 1500 e 1800 na Europa Ocidental, foi somente em meados do século XIX que uma aproximação menos abissal e exploratória começou a se disseminar nesse local. Até então, a visão era predominantemente antropocêntrica e tanto as plantas como os animais eram tomados como um “presente” de Deus. Nesse sentido, além de um olhar superior em relação ao meio natural, os europeus da época relacionavam-se com a natureza de forma arrogante e de acordo com sua conveniência.

Pergunte a qualquer um na massa de gente obscura: qual o propósito da existência das coisas? A resposta geral é que todas as coisas foram criadas para nosso auxílio e uso prático! (...) Em resumo, todo o cenário magnífico das coisas é diária e confiantemente visto como destinado, em última instância, à conveniência peculiar do gênero humano. Dessa forma, o grosso da espécie humana arrogantemente se eleva acima das inúmeras existências que a cercam. (TOULIM, G. H. 1780 *apud*: THOMAS, K., 1995)

Nesse sentido, vários pesquisadores que publicam artigos sobre lazer na natureza (REIS, 2010; URRY, 1995; REIS, SHELTON, 2011) estão preocupados com análises enraizadas nessa dicotomia oriunda da visão supracitada, que, segundo eles, poderia deturpar ou corromper as análises acadêmicas. Isto posto, pensar o “não-humano” como algo importante é essencial e está em conexão direta com as novas possibilidades de discussão da contemporaneidade. Problematizar a visão dualista e dicotômica possibilita enxergar o meio natural com maior complexidade, sem associá-lo ao “selvagem”.

Além dessa inquietação sobre a dicotomia nos estudos sobre lazer na natureza, podem ser acrescentadas outras pesquisas recorrentes que dizem respeito ao tema em debate: busca-se associar o desenvolvimento dessas práticas ao consumismo (CLOKE; PERKINS, 2002; MARINHO, 2003; REIS, 2009; VALENTINE, 1992); existem trabalhos que enfatizam o caráter contemplativo dessas modalidades (BRUHNS, 2003; BRUHNS; MARINHO, 2012; COOLEY, 1999); alguns abordam o caráter da consciência ambiental oriunda dessas vivências (ALMEIDA, 2009; RUSCHMANN; SAGI, 2009); e, no âmbito da atuação profissional no lazer na natureza, podem-se destacar os estudos com guias de turismo (CARNICELLI-FILHO, 2010; PEREIRA; MYKLETUN, 2012; PIMENTEL, 2009). Embora haja uma série de pesquisadores envolvidos com trabalhos relativos ao lazer na natureza, a associação dessas práticas com as teorias do lazer ainda necessitam de fundamentos mais abrangentes. No âmbito da atuação profissional, pela análise dos trabalhos citados anteriormente, é falha a discussão mais ampla desses profissionais, além da prática dos guias de turismo, de forma que possa revelar o olhar desses sujeitos frente às questões ambientais.

É nesse sentido, como acréscimo discursivo, que as teorias do lazer possibilitam novos diálogos nos assuntos referentes às questões ambientais. Como prática lúdica e enriquecida de

simbolismos, o contato com a natureza pode sensibilizar e afiar os olhares, para além de uma aproximação como “palco” de luxo, mas como simbiose, na qual não seja possível separar homem e natureza.

A seguir, serão discutidos aspectos relacionados à atuação profissional no lazer e, em especial, no lazer na natureza. Algumas discussões já abordadas serão retomadas a fim de aprofundar a temática que, no presente estudo, possui caráter central. É essencialmente através desses profissionais que o lazer na natureza pode atingir um caráter socioeducativo e constituir uma forma de resistência.

3.3 Atuação profissional em lazer

A atuação profissional com o lazer e com o lazer na natureza precisa ser entendida como uma possibilidade multidisciplinar que permite sua concretização em propostas também interdisciplinares, por meio da participação de profissionais com diferentes formações.²³ Embora o lazer propicie uma gama de atuação muito diversa, é comum o pensamento de que, para atuar nesse campo, não seja necessário ter uma formação específica e aprofundada sobre esse fenômeno (ISAYAMA, 2006).

O lazer, pelas suas peculiaridades e pela sua diversidade, não é caracterizado como categoria profissional plena no mercado de trabalho. Talvez por esse motivo, seja um campo pouco reconhecido e pouco valorizado mesmo que as possibilidades de ação ultrapassem outros tantos setores de atuação (PINA, 1995).

²³ Os voluntários envolvidos no trabalho de campo possuem formações diversas, como: biologia, turismo, educação física, publicidade, engenharia florestal, entre outras.

O turismo, uma das múltiplas possibilidades de atuação em Lazer, segundo a WTTC²⁴ (Conselho Mundial de Viagens e Turismo), contribuiu em 2011 com a geração de 98 milhões de empregos em todo o mundo. Esse número representa 9% do produto interno bruto (PIB) mundial e empregou uma pessoa a cada doze trabalhadores. No Brasil, no mesmo ano, o turismo representou 3,2% do PIB, com previsão de aumento para 6,2% no ano de 2012. No total de empregos gerados, esse setor representava 2,7%, com previsão de chegar a 7,1% no ano seguinte. É necessário lembrar que esse dado, no Brasil, deve ser subestimado consideravelmente, principalmente pelo número excessivo de atuações informais²⁵ em todos os setores no país.

Levando-se em consideração a diversidade e todas as possibilidades de atuação do setor do lazer, o trabalho informal nesse segmento deve superar a média quando comparado a outros segmentos. Os vínculos empregatícios frágeis, a contratação temporária e a remuneração deficitária contribuem ainda mais para que a clandestinidade dessa área permaneça em elevação. Estudos realizados no Brasil correlacionando lazer e trabalho informal (COSTA, 2008; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2005) apontam para um aumento significativo desse tipo de vínculo durante o carnaval da Bahia e no carnaval fora de época da cidade de Natal.

Várias são as denominações para o profissional que atua no campo do lazer: monitor, recreador, consultor, gentil organizador, agente cultural, militante cultural, animador (WERNECK; ISAYAMA; STOPPA, 2001). No âmbito do lazer na natureza, pode-se incluir outros nomes, como: guias, monitores de parques, instrutores de modalidades, professores, instrutores, entre outros. Essa multiplicidade de designações relaciona-se com o tipo de ação que se quer retratar, e algumas delas nem sempre requerem formação profissional específica.

²⁴ World Travel and Tourism Council: Economic Impact Research: Disponível em: www.wttc.org

²⁵ No Brasil, no ano de 1997, o percentual estimado de trabalhadores informais chegava a 26,9% do total de trabalhadores. Disponível em: <http://www.ufrn.br/trabalhadoresinformais>

Os profissionais que atuam com lazer na natureza e que participaram desta pesquisa – *mountain bike*, escalada *indoor* e *outdoor*, observação de vida selvagem e trekking de longa distância – possuem formações acadêmicas distintas e, no caso do *trekking* na Lapinha da Serra, os voluntários não possuíam curso superior formal. A formação acadêmica em regiões rurais, afastadas dos centros urbanos, fica em segundo plano, enquanto os conhecimentos relacionados às nuances da região e à segurança dos praticantes são mais valorizados. Isso não quer dizer, no entanto, que uma formação mais direcionada não pudesse trazer benefício para o profissional e para o serviço prestado.

Como destacado anteriormente, a segurança dos praticantes é um conhecimento primordial para esses profissionais visto que o risco é uma característica inseparável dessas modalidades. Segundo Buckely e Uvinha (2011) as medidas de gestão de risco podem ser divididas de forma útil em seis grupos: comerciais, legais, médicas, operacionais, físicas e sociais. São conhecimentos amplos que exigem uma formação completa desses profissionais.

Na mesma direção, Carnicelli-Filho (2010, p.285) enfatiza que “todas as atividades outdoors requerem guias especializados que sejam capazes de minimizar os riscos inerentes à natureza dessas modalidades”²⁶. Além dos conhecimentos específicos do domínio do lazer, os profissionais precisam se apropriar de uma instrução sobre primeiros socorros e possíveis ataques de animais peçonhentos, como enfatiza o autor.

No campo do lazer na natureza, é muito comum a contratação de um profissional pelo simples fato de ele ser um praticante daquela modalidade e ter experiência nesse setor. O trabalho de Stoppa (1999) sobre monitores de acampamento de férias confirma essa tendência. Muitos adolescentes ex-acampantes acabam sendo contratados por gostarem desse tipo de proposta, por

²⁶ Traduzido do original: “All these activities require specialized guides whose job it is to try to minimize the risk factors that are inherent in the nature of the activity.”

conhecerem a sistemática e estarem disponíveis para esse trabalho, às vezes em troca de qualquer remuneração e, conseqüentemente, com pouco reconhecimento.

Cabe ressaltar, ainda, que os limites entre o trabalho e o lazer dos profissionais que atuam no lazer na natureza são imprecisos. A maioria dos profissionais que atua nessa área também vivencia o lazer na natureza nos momentos livres. A divisão entre estes dois campos tem sido tema de discussão significativa em várias disciplinas acadêmicas (BETTY; TORBET, 2003; DUMAZIDIER, 1967; GLYPTIS, 1989; PARKER, 1971, 1983). Alguns autores do século passado enxergavam dois domínios distintos e opostos (DUMAZEDIER, 1967; SOULE, 1957; GIST; FAVA, 1964) que, atualmente, começaram a ser analisados como dois conceitos que se relacionam e que podem ser experimentados ao mesmo tempo (CARNICELLI-FILHO, 2010; BEATTY; TORBET, 2003).

Os profissionais que atuam com experiências de lazer na natureza, além das discussões supracitadas, estão envolvidos em questões relacionadas ao meio ambiente e, mais do que isso, possuem acesso a uma ferramenta que pode disseminar reflexões pertinentes quando se pensa nos aspectos ambientais. A procura das pessoas pelas práticas de lazer na natureza é cada vez mais intensa e, conseqüentemente, a demanda por profissionais capacitados torna-se premente.

A ação desses profissionais precisa ser repensada a respeito de que pressupostos e que encaminhamentos a partir dos quais ela deve ser processada. Afinal, quando se pensa nos aspectos mais amplos como a educação ambiental, a ação precisa ultrapassar a mera informação e o simples desenvolvimento de conteúdos, para que a intervenção com diferentes grupos possa ampliar os intercâmbios de experiências, objetivando a efetiva participação cultural.

Além de uma capacitação constante que concilie disciplinas de diversas áreas, o lazer na natureza, assim como a atuação profissional no lazer, por meio de seu caráter de diversidade, pode apresentar intervenções em diversos campos de conhecimento e a formação de equipes

heterogêneas de trabalho, abrangendo diversas formações (educação física, turismo, pedagogia, serviço social, psicologia, sociologia, artes, arquitetura e urbanismo, administração, dentre outras (ISAYAMA, 2002).

Para que essa formação possa resultar em uma atuação mais efetiva e crítica, os profissionais do lazer na natureza poderiam se apropriar dos conhecimentos oriundos de outras áreas, como: biologia, ecologia, política, primeiros socorros, entre outros. Assim, segundo as palavras de Pimentel (2009), o profissional do lazer na natureza:

(...) seria alguém capaz de semear um pouco de inconformismo no consumo e na produção da cultura, propiciando aos possuídos pela fome e pelo desejo de experiências de ruptura com os padrões estabelecidos. (PIMENTEL, 2009, p.170)

É nessa perspectiva que se torna relevante analisar a atuação dos profissionais do lazer na natureza também como uma nova possibilidade de relação com ela, inclusive, de descoberta de sentimentos possíveis de serem vivenciados coletivamente. Pode ser analisada, de acordo com Marinho (2007, p. 8), “como uma reação à realidade atual, permeada pela velocidade do tempo, como uma forte e criativa expressão dos diferentes grupos sociais envolvidos”, ou seja, uma ferramenta capaz de gerar um ato de resistência.

No entanto, o que se pode constatar, através de relatos de experiências nessa área, é uma frustração quando se tenta somar a educação ambiental com práticas de lazer. Um dos motivos, apontado por Pimentel (2009), seria a pouca efetividade das ações e uma indisposição do público que procura tais atividades, pois preferem um consumo hedonista da natureza, como se esta fosse um cenário de suas aventuras. Em síntese, a mediação entre profissionais e participantes necessita ser revista e aprimorada, principalmente para que ocorra uma “recreação ambiental”²⁷.

²⁷ Pimentel (2009) sugere uma diferenciação entre os termos “recreação na natureza”, que se referiria somente à atividade lúdica no ambiente natural, e a “recreação ambiental”, que estaria comprometida com uma atuação profissional voltada para a consciência ecológica.

A “recreação ambiental”, segundo Rico (2005), é um setor que envolve as atividades de mediação entre as pessoas e seu entorno, objetivando melhor compreensão e proteção do meio. No entanto, seria de se supor que toda atividade de lazer na natureza fosse ecológica, caso contrário, tratar-se-ia de uma experiência educacionalmente deficitária e incompleta. Por isso, como já foi dito anteriormente, outros saberes são necessários, para que se amplie o foco de ação desses profissionais, primordiais na interlocução com os sujeitos e no despertar de um olhar ecológico.

Considerado como campo profissional recente e, já no seu nascimento, repleto de dificuldades conceituais e práticas, uma discussão mais coesa desse segmento pode resultar em mudanças significativas. Como destaca Pimentel (2009, p.171), “é uma lacuna no conhecimento”, principalmente quando se pensa que existem condições concretas para conscientizações voltadas para uma ecologia crítica e sustentável. Contrariamente a isso, o que se observa é um interesse cada vez maior do capital nesse mercado promissor, com construções de hotéis fazendas e *resorts*, a fim de diminuir o estresse cotidiano e uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos.

Outro aspecto importante na atuação desses profissionais é a tentativa de um olhar menos dicotômico quando eles estão se relacionando com os praticantes. Muitas vezes, o conteúdo discutido nesse setor é fruto de uma simples reprodução, sem que se tenha uma visão crítica. Assim, podem ser reforçados valores que fortaleçam e perpetuem a distinção entre o ser humano e a natureza, por exemplo.

A visão extremista, como discutida no trabalho de Brunhs (2010), pode resultar no que a autora denominou como a ideia do “mito da natureza intocada”. Nesse aspecto, os seres humanos não são envolvidos como participantes, atuam como visitantes ingênuos e puros. Essa separação abissal pode reafirmar o pensamento tão generalizado de que a função da natureza é de simples

fornecimento de recursos naturais, sem que se tenha consciência da finitude dessas riquezas e, principalmente, da necessidade de preservação.

Diegues (1996) revela como o denominado ecoturismo²⁸ e as atividades de lazer na natureza estão atravancados por esse mito da natureza intocada. Áreas protegidas favorecem populações urbanas visitantes para a realização dessas “aventuras”, sem garantias de retorno e melhorias para a população local, geralmente iletrada em sua grande maioria, isoladas geograficamente, sem poder político, mas que, como alerta Diegues (1996, p.68), são os “responsáveis pela conservação do chamado ‘mundo natural’. Isso é mais grave quando se sabe que a permanência dessa população tradicional em seus *habitats* pode levar, de forma mais adequada, à conservação da biodiversidade.”

A atuação dos profissionais do lazer na natureza está, igualmente, exposta às condições de reprodução social, uma vez que o movimento do ecoturismo mais abrangente, no qual esses sujeitos estão inseridos, é permeado por relações produtivas e mercantis. Portanto, corroborando os estudos de Marinho (2007), tal movimento de regresso à natureza é ideológico e pode atuar tanto em nome da conservação ambiental e da transformação social, quanto em nome da depredação ou da alienação.

Partindo das discussões expostas anteriormente, analisar as atividades na natureza, no âmbito do lazer, e correlacioná-las à contemporaneidade traz questionamentos e críticas quanto à atuação dos profissionais envolvidos nesse contexto. Esse fenômeno de regresso à natureza pode retratar o crescimento de uma atividade perversa que visa alimentar o consumo, na qual o meio ambiente não passa de um cenário. Por outro lado, pode ser visto, também, como uma ferramenta

²⁸ De acordo com Ceballos-Lascurain (apud PELLEGRINI FILHO, 1993, p.138) “o ecoturismo consiste em viagens por áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais, tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética ou filosófica [...]. O ponto específico é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza, não possível no meio ambiente urbano”.

para o atual debate que envolve as questões ambientais, configurando um movimento de resistência frente à aceleração sem precedentes dos centros urbanos.

Além disso, como salientam Werneck, Stoppa e Isayama (2001, p. 92) e, também como foi observado em uma publicação recente no campo do Turismo (BUCKLEY; UVINHA, 2011):

São poucos os estudos que abordam as questões referentes à atuação profissional no campo do lazer, e a ênfase geralmente se limita ao mapeamento de características necessárias para o profissional. Não são, dessa forma, apresentadas propostas ou fundamentos que possam orientar a intervenção profissional no âmbito do lazer em nosso contexto sociocultural mais amplo.

Nas discussões que serão expostas a seguir, almejando ampliar os estudos sobre atuação profissional no lazer na natureza, será abordado como essas relações diversas se manifestaram no campo pesquisado, por meio das observações e entrevistas realizadas com os profissionais. Como mencionado na metodologia, o campo estudado englobou quatro modalidades, o que possibilitou uma visão mais abrangente das possibilidades de vivência do lazer na natureza. Além disso, as peculiaridades que caracterizam essas quatro atividades permitiram empreender reflexões distintas.

As características mapeadas para a análise de conteúdo, através da visão dos profissionais que participaram da pesquisa, foram: *formação acadêmica dos profissionais, perfil dos praticantes, consciência ambiental, degradação ambiental e aspectos relacionados à resistência e ao consumismo*. Serão abordados, em cada um dos tópicos, conceitos que cercam a temática e que, ao mesmo tempo, possibilitam conexões com os achados do trabalho de campo. Partindo do princípio de que a análise de conteúdo “diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto”, segundo Minayo (2010, p.303), o presente estudo busca exprimir aquilo que foi exposto pelos profissionais envolvidos de maneira ética e crítica. Cada contexto estudado pode revelar particularidades

importantes na construção de um conhecimento que possa enriquecer os estudos relativos ao lazer na natureza.

A apresentação dos resultados será disposta de acordo com as modalidades e/ou localizações estudadas no trabalho de campo. Como critério utilizado, decidiu-se pela separação em dois subgrupos de acordo com a busca dos indivíduos praticantes dessas atividades de lazer na natureza: subgrupo da teoria do risco e subgrupo da teoria do auto-conhecimento. Embora as duas teorias não abordem de maneira ampla todas as modalidades constituintes desse universo, optou-se por essa divisão, pois as modalidades estudadas possuem afinidades marcantes que possibilitam essa associação.

No que diz respeito à teoria do risco, pode-se dizer que as modalidades de *mountain bike* e *escalada indoor e outdoor* são similares quanto à procura por uma atividade relacionada à aventura, à velocidade e ao desafio *contra e na* natureza. Observou-se que os praticantes dessas modalidades se aproximam desse universo por motivos semelhantes e que o aspecto da disputa também está presente na prática. São modalidades predominantemente físicas e, mesmo quando encaradas de maneira lúdica, englobam algum tipo de competição.

As outras duas modalidades analisadas, a observação de vida selvagem e o trekking de longa distância, assemelham-se pelo aspecto contemplativo e pela busca de uma interação maior com o ambiente natural. Segundo Walle (1997, p.857), “certas atividades, tais como observação de aves e pesca esportiva, são denominadas através da intuição ou pela compreensão da consciência e pela busca do conhecimento”²⁹. Essa reflexão pode proceder de uma contemplação intelectual da natureza (EMERSON, 1836) ou pode ser direcionada a uma preservação vulnerável da natureza (ARNOULD *et al.*, 1998). O berço da observação da vida selvagem é o lazer,

²⁹ Traduzido do original: “(...) *That certain nature-based activities, such as Bird-watching and fly-fishing, are dominated by intuitive or conscious insight and knowledge seeking.*”

enquanto o *trekking* de longa distância reflete aspectos interessantes relacionados à sociabilidade e à preservação dos caminhos percorridos. Dessa forma, a partir desse agrupamento entre as modalidades presentes no trabalho de campo, serão discutidos e apresentados os principais resultados da pesquisa.

4 OS DISCURSOS E AS PRÁTICAS DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM LAZER NA NATUREZA

Este tópico da dissertação foi constituído por dois grandes temas. No primeiro momento, é realizada uma discussão a respeito das relações constituídas entre o trabalho e o lazer na vida dos profissionais que atuam com as experiências de lazer nos ambientes naturais. A determinação de uma barreira rígida entre trabalho e lazer sempre despertou interesse nos estudos da área – seja pela necessidade de se separar um do outro, seja pela visão dicotômica enraizada. No entanto, quando se pensa nos sujeitos envolvidos com lazer na natureza, uma barreira menos delimitada revela-se e, dessa forma, pretende-se discutir algumas compreensões acerca dessa temática.

No segundo momento, serão analisadas as experiências de lazer na natureza selecionadas nesta pesquisa. Objetiva-se compreender a atuação profissional em estreita relação com o dia-a-dia observado no trabalho de campo e com estudos sobre a temática. Embora a apresentação tenha sido feita através de tópicos, nas considerações finais serão apresentadas as possíveis conexões entre as modalidades a fim de se discutirem aspectos relevantes para a construção científica desse campo.

4.1 Trabalho e lazer na natureza: qual é o obstáculo?

A pesquisa de campo é reveladora e possibilita algumas análises universais. No presente estudo, embora tenham sido abordadas modalidades de lazer na natureza distintas, foi possível destacar algumas características comuns dos voluntários envolvidos. Dentre elas, podem ser

destacadas duas: o estilo de vida³⁰ desses sujeitos e a influência familiar na escolha da atuação profissional.

Em alguns momentos durante o trabalho de campo, fica difícil definir até que ponto os profissionais estão relatando sobre o próprio trabalho e suas atuações e até que ponto estão comunicando sobre alguma atividade lúdica pela qual possuem grande afinidade, ou seja, o próprio *hobby*. Embora tenham responsabilidades e preocupações semelhantes a de outros profissionais, – por exemplo, controle do risco e das emoções – a inexistência de uma fronteira rígida entre o trabalho e o lazer traz considerações pertinentes.

Uma característica primária é a distinta relação com o tempo desses sujeitos quando se considera o cidadão contemporâneo. As expedições realizadas por esses profissionais possuem durações diversas, podendo ser caracterizadas como não-lineares, ou seja, nenhuma viagem é similar a outra. Além disso, como relatado nas entrevistas, durante o período de férias, eles praticam as modalidades em que atuam ou alguma outra que abarca o lazer na natureza. Nesse aspecto, as palavras de alguns voluntários da pesquisa apontam para a mesma direção: o trabalho e o lazer se confundem todo o tempo:

As pessoas que fazem parte desse negócio normalmente são praticantes da atividade. Igual eu sou, meu sócio também. (...) Gostamos de mato, vamos dizer assim. Quando estamos livres, somos praticantes da modalidade. (Voluntário 1, entrevista realizada no dia 31/07/2012).

Eu sempre pratiquei montanhismo, trekking, caminhada, fiz vários acampamentos ao longo da minha vida, sempre tive mountain bike, desde 1993, que foi quando eu comprei a minha primeira bike. Então, eu sempre fui um entusiasta das atividades ao ar livre. (Voluntário 3, entrevista realizada no dia 05/09/2012)

³⁰ Stebbins (1997) apresenta a possibilidade de se discutir o “estilo de vida” (*lifestyle*) como possibilidade metodológica nas pesquisas etnográficas. Em última instância, segundo o autor, busca-se uma compreensão dos diferentes “estilos de vida” quando se propõe um estudo etnográfico.

Um segundo aspecto comum é a proximidade com a natureza despertada desde a infância. Os relatos convergem no que diz respeito a uma influência importante da família nos primeiros contatos com as modalidades de lazer na natureza, com o gosto pelas viagens ao redor de Belo Horizonte – principalmente à Serra do Cipó – e com o despertar de um novo elo entre trabalho e lazer na fase adulta. Nesse sentido, mais do que uma mudança com relação ao tempo e/ou ao espaço, a discussão aproxima-se de uma transmutação de comportamento, uma nova relação com a profissão. Nos trechos descritos abaixo, fica claro como a relação com o meio natural foi se solidificando ao longo da vida de cada voluntário:

Eu comecei o meu contato com este tipo de atividade através da minha família mesmo. (...) Meus avós moravam no interior e nos finais de semana havia aquela ida para o sítio, para casa do meu avô. Meu pai é de Aimorés, quase Espírito Santo, e minha mãe é dos Campo das Vertentes, próximo a Congonhas. E nesse local sempre tinham essas atividades, como andar a cavalo, fazer alguma caminhada para ir a algum lugar, meu pai sempre incentivou a bicicleta, desde pequeno, todo mundo tinha e levávamos para pedalar lá. Assim, eu fui me acostumando com este convívio com a natureza, minha tia também, quando eu tinha 8 anos, ela começou a me levar para acampar na Serra do Cipó, ainda eram áreas abertas, não havia áreas de camping. (Voluntário 4, entrevista realizada no dia 04/12/2012)

A minha trajetória como fotógrafo de natureza começou ainda na minha adolescência. Eu morava em Nova Lima (região metropolitana de BH) e sempre tive uma relação muito estreita com o meio ambiente. Morava em um Condomínio, com muita mata perto e gostava muito disso. O meu primeiro contato com fotografia, foi por intermédio do meu avô, eu logo tive acesso a uma câmara e sempre fotografando bichos, plantas, paisagens e, com esse gosto, fui desenvolvendo este hobby profissionalmente. (Voluntário 2, entrevista realizada no dia 01/08/2012)

Partindo do embasamento exposto anteriormente, a análise da atuação profissional do lazer na natureza permite novas acepções teóricas que confrontam a antiga dicotomia entre trabalho e lazer tão presente nos estudos sobre a temática, principalmente na segunda metade do século XX. Embora a contemporaneidade já seja caracterizada por novas relações trabalhistas – tanto em relação ao tempo quanto em relação ao espaço – ainda há visões dualísticas na sociedade e nas próprias pesquisas que abordam o lazer contemporâneo.

Os estudos precursores de Veblen (1899), publicados no final do século XIX, e de Dumazedier (1967) eram categóricos na divisão de dois tempos distintos, um voltado para o trabalho e o outro voltado para o lazer, este último conhecido como tempo livre. Essa liberdade aparente era vista como uma conquista do cidadão daquela época, que vislumbrava um descanso merecido das atividades laborais.

De acordo com as explicações de Veblen (1899), quanto mais as sociedades se tornassem sofisticadas e modernas, menor seria o tempo dispendido para a sobrevivência básica e mais tempo seria disponibilizado para as atividades complexas de consumo. Assim, o desenvolvimento societário permitiria um maior tempo livre aos cidadãos, principalmente, àqueles que fossem detentores de capital. No entanto, como descrito por Schor (1992) e Gershuny (2000), o tempo de trabalho, contrariamente às previsões, aumentou substancialmente nos últimos 50 anos, da mesma forma que a produtividade tem se desenvolvido de maneira sem precedentes.

Nesse contexto, a divisão entre lazer e trabalho passou a ficar mais evidente e se sustentou ainda mais quando o trabalho laboral associou-se aos aspectos relacionados à produção, como: sustento, consumo e riqueza. Em contrapartida, o lazer passou a ser visto como algo inútil e oposto ao aspecto produtivo do trabalho. Eram âmbitos distintos e que se divergiam nas análises (RAVENSCROFT; GILCHRIST, 2009).

Das mudanças oriundas da contemporaneidade, uma das mais evidentes ocorreu no âmbito do trabalho. Diferentemente de 40 anos atrás, quando o “projeto de vida” era aposentar trabalhando em uma empresa sólida e de grande porte, atualmente, as relações de trabalho se esfacelaram e, cada vez mais, novas possibilidades urgem. Ter uma carteira assinada nos dias de hoje nem sempre é uma prioridade na vida das pessoas e não sugere que o futuro esteja definido.

Nesse contexto atual, torna-se possível estreitar a dicotomia entre trabalho e lazer e, por que não, analisar esse fenômeno através da possibilidade de exercer uma profissão na qual o

trabalho e o lazer se fundem. De acordo com os estudos de Beatty e Torbert (2003), trabalho e lazer estão relacionados e podem ser experimentados ao mesmo tempo; além disso, essa experiência torna-se uma habilidade que necessita ser desenvolvida e cultivada como um indicador de desenvolvimento pessoal. De acordo com os autores, é primordial que algumas atividades sejam consideradas trabalho e lazer, e o problema não é somente relacionado ao tempo (muito tempo dispendido para o trabalho) ou à atividade (opções de lazer); mais do que isso, o problema maior está na atitude.

Duncan (2009) apresenta um estudo de caso no qual os trabalhadores temporários não medem seus esforços quanto à mobilidade, trabalho e lazer, para não se distanciarem das vivências que são vistas como prioritárias em suas vidas. Dessa forma, adaptam todos os parâmetros de suas vidas para não se apartarem dessas atividades de lazer que fomentam essa paixão. Duncan (2009) sugere que a relação entre lazer, trabalho e viagem é mais complexa nos dias atuais do que em outros períodos, pois a adição do elemento “viagem” amplifica essa equação que anteriormente dizia respeito somente à discussão entre trabalho e lazer.

O elemento viagem abordado na pesquisa de Duncan (2009) é muito presente quando pensamos nos profissionais do lazer na natureza. Todas as modalidades que compõem esse universo podem viabilizar uma “fuga” dos centros urbanos, uma vez que os espaços naturais nesses ambientes de concreto são escassos. Assim, para essas pessoas, trabalho, lazer e viagem andam juntos e não possuem barreiras definidas. Sobre essa temática, alguns trechos das entrevistas apontam para a mesma direção:

Quando eu comecei a trabalhar com turismo, minha ‘onda’ era viajar de graça. Meu pai sempre viajou muito e sempre nos levou para viajar com ele. Com certeza, herdei essa característica dele. Eu sempre queria viajar, sempre era a pessoa responsável pela organização das viagens com os meus amigos. Serra do Cipó a gente ia quase que todo final de semana. E, na maioria das vezes, era eu que organizava tudo, comprava e depois dividia as contas. (Voluntário 2, entrevista realizada no dia 01/08/2012)

Como escalador, eu já visitei vários países, já conheci várias pessoas. Um dos aspectos mais interessantes dessa profissão, além da prática de uma modalidade, é a possibilidade de viajar e conhecer novas pessoas. Acabei de chegar da Patagônia, ficamos quase dois meses na região do Fitz Roy (Montanha da região). (Voluntário 4, entrevista realizada no dia 23/10/2012)

Complementando as ideias anteriores, Carnicelli-Filho (2010) realizou um estudo com guias de *rafting* que, embora tenham suas obrigações e responsabilidades bem definidas pela empresa que representam, conseguem combinar o lazer, o trabalho, a amizade, os compromissos e a hierarquia, em um mesmo ambiente onde, normalmente, o interior de suas personalidades está refletido. Esse estudo revela implicações interessantes no conhecimento da complexidade existente entre lazer, trabalho e estilo de vida e, mais importante, transcende a dicotomia clássica discutida ao longo desta dissertação.

É nessa perspectiva que as análises de campo foram realizadas, ou seja, o trabalho e o lazer se encontram em todo instante. Uma evidente relação entre os profissionais que participaram do presente estudo e as atividades de lazer por eles oferecidas foi detectada, conforme destacado nos depoimentos de alguns entrevistados. Esta característica de “amor” e afinidade pela profissão poderia ser algo mais corriqueiro na sociedade brasileira, que ainda favorece áreas de atuações tidas como “bem vistas” ou “melhor remunerada”. O pré-requisito para a escolha de uma profissão não deveria se sobrepor à paixão e, quando possível, deveria estar bem perto do lazer de cada um.

Nos tópicos seguintes, serão apresentadas as quatro experiências de lazer na natureza que fizeram parte do trabalho de campo desta dissertação: *mountain bike*, escalada, observação de aves e *trekking* de longa distância. Os depoimentos dos voluntários envolvidos estão presentes ao longo da apresentação e, para cada item, buscou-se uma bibliografia específica que dialogasse com os principais aspectos discutidos.

4.2 Mountain bike

O desenvolvimento da prática de *mountain bike* iniciou-se a partir dos anos 70 através de uma fusão entre o ciclismo de estrada e o BMX (bicicross) que agregou as características dessas duas modalidades em uma só, com freios e pneus largos, permitindo o uso em ambientes *off-road* e dentro das cidades. Desde então, a popularidade da *mountain bike* tem crescido substancialmente nos últimos 25 anos e continua em franca expansão (CHIU; KRIWOKEN, 2003).

A venda de *mountain bike* na Nova Zelândia supera os 80% quando se analisa a venda total de bicicletas nesse país (CESSFORD, 1995). O mesmo acontece nos Estados Unidos (WIDMER, 1997) e possivelmente em outros países do mundo, incluindo o Brasil. Em 1983, 20.000 *mountain bikes* foram vendidas nos Estados Unidos; após 10 anos, esse número chegou a 20.000.000 de vendas (WIDMER, 1997). Mesmo que um número considerável dessas bicicletas nunca tenha sido utilizado em trilhas, ou seja, em contato direto com a natureza, assim como os carros fabricados para uso *off-road*, no entanto, é claro que um dos objetivos finais dessas compras é uma aproximação com o meio natural.

Esse crescimento significativo no número de *mountain bikes* e sua consequente utilização em trilhas ao redor do mundo tem despertado interesse e, ao mesmo tempo, preocupações sociais, incluindo degradação ambiental, problemas com segurança e disputa por território em locais onde são realizadas outras práticas de lazer na natureza, por exemplo, caminhadas. De fato, administradores de parques ambientais da Nova Zelândia (CESSFORD, 1995, 2003; MASON; LEBERMAN, 2000), Estados Unidos (CHAVES, 1996) e Austrália (GOEFF; ALDER, 2001) têm identificado como prioritária a discussão sobre a *mountain bike* como uma prática de lazer na natureza.

Os estudos apresentados anteriormente evidenciam que o grande desafio dessa modalidade tem sido a conciliação entre uma prática de lazer na natureza e sua relação com o ambiente natural, para usar um termo da moda, uma “prática sustentável”, considerando-se os aspectos positivos e negativos. Por um lado, existe um aumento no número de ciclistas nas trilhas e, por outro, uma discussão sobre sua viabilidade no âmbito ecológico.

No Brasil, os estudos envolvendo essa modalidade de lazer na natureza são escassos, mesmo sendo uma modalidade muito difundida, principalmente no Estado de Minas Gerais.³¹ Estudos que abordam esse tema de maneira crítica são ainda incipientes no país, e a maioria das informações a respeito trata mais os aspectos informativos e positivos dessa prática do que aspectos mais relevantes e de cunho social. Embora seja tema constante nos debates em *sites*, *blogs* e outras mídias eletrônicas, a sistematização de dados é quase inexistente.

Na pesquisa de campo do presente estudo relacionado à modalidade *mountain bike*, além das entrevistas efetuadas com os profissionais proprietários da empresa de passeio ciclístico, foi realizada uma visita à cidade de São Gonçalo do Bação. A empresa, como já abordado na metodologia, não possui sede física na cidade de Belo Horizonte e utiliza-se do contato com lojas de bicicleta e do próprio *site* para divulgar seus eventos. O propósito é exclusivamente recreacional, ou seja, formar grupos de entusiastas, de no máximo 15 pessoas, e realizar passeios com uma periodicidade mensal.

Os participantes desse passeio eram, exclusivamente, homens, com idade variando entre 25 e 40 anos de idade, possivelmente com um alto poder aquisitivo³² e praticantes não profissionais de ciclismo. Além da prática nos finais de semana, constatou-se que eles também

³¹ O relevo do Estado de Minas favorece a prática da modalidade e várias trilhas já estão mapeadas ao redor de Belo Horizonte. <<http://www.euvoudebike.com/2010/07/mountain-bike-em-minas-gerais>>

³² As bicicletas de *mountain bike* podem chegar a custar R\$ 10.000,00 nas lojas de Belo Horizonte.

utilizam a bicicleta como meio de transporte no dia-a-dia da cidade. O trecho abaixo, extraído do diário de campo, evidencia como o assunto foi tratado ao longo do passeio:

Nas paradas ao longo do passeio, através dos bate-papos com os outros praticantes, observei que a utilização da bicicleta excedia à prática exclusiva do lazer na natureza. Quase todos os envolvidos no passeio relataram que utilizam-na como meio de transporte e as situações vividas no dia-a-dia da cidade foi motivo de muita discussão, afinal de contas, moramos em uma cidade que a prática e o espaço ainda estão longe de favorecerem os ciclistas. (Diário de Campo, 11/11/2012)

As profissões dos participantes eram diversas, para exemplificar, havia desde um policial civil da cidade de Belo Horizonte, até um jovem recém formado no curso de Tecnologia da Informação e, segundo suas próprias palavras, “viciado em esportes de adrenalina”. Interessante pontuar como uma atividade de lazer pode recrutar pessoas tão distintas em termos profissionais e que se envolvem, em um domingo qualquer, com esse tipo de proposta. Outro trecho do diário de campo ilustra bem esta discussão:

O grupo era composto por um policial civil, um designer, um geógrafo, entre outros. No entanto, um adulto jovem que trabalha na área de Tecnologia da Informação foi o que me chamou mais atenção. Dono de uma personalidade mais ativa, ele confessou que se não praticasse esportes de aventura (pratica desde escalada em rocha, até paraquedismo) todo final de semana, certamente seria um usuário de droga frenético. (Diário de Campo, 08/06/2012)

Da mesma maneira, a formação acadêmica dos dois profissionais proprietários da empresa se diferenciava bastante, sendo um deles publicitário e a outra, professora de educação física. A empresa existe há aproximadamente 11 anos e é especializada em passeios ciclísticos de *mountain bike* e travessias de longa duração nas trilhas da Estrada Real³³. Ambos não sobrevivem somente com as verbas adquiridas da empresa, pelo contrário, enfatizaram que o sonho de abrir

³³ O Instituto Estrada Real (IER) é uma entidade criada em 1999 pelo Sistema Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG). Com uma equipe de técnicos especializados em turismo que transformaram o antigo caminho, aberto há mais de 300 anos pela Coroa Portuguesa, em um destino turístico reconhecido no Brasil e no exterior. Hoje, a ER passa por 199 municípios – 169 em Minas Gerais, 22 em São Paulo e 9 no Rio de Janeiro – e tem 1,6 mil quilômetros de extensão e mais de 80 mil quilômetros quadrados de área de influência.

uma agência para lazer na natureza foi regido principalmente pelo amor à bicicleta, embora a possibilidade de ganhar dinheiro naquela área fosse escassa. Esse detalhe, nas outras entrevistas da pesquisa, também foi abordado pelos profissionais. A seguir, trecho da entrevista com um dos proprietários da empresa:

Nossa atividade é pura paixão, amor à bicicleta e vontade de reunir um grupo para pedalar no final de semana. Imagina se eu pudesse largar a agência de publicidade e viver somente dos passeios, seria uma maravilha, mas não dá! Ainda mais agora que estou casado e com um filho pequeno. (Voluntário 7, entrevista realizada no dia 15/11/2012)

É interessante destacar que, durante dois anos, a empresa ficou fechada por motivos pessoais de um dos sócios. Esse fato demonstra que se trata de uma atividade amadora, em certos aspectos, mas envolve grande carga afetiva. É perceptível, assim como abordado anteriormente, que a bicicleta para os proprietários represente um elemento de amor que transcende o caráter financeiro. Durante as conversas informais, os dois proprietários falaram da relação deles com as *magrelas*³⁴ que vem desde a infância e que permeia vários momentos da vida pessoal de cada um.

Assim como todas as vivências de lazer na natureza, o *mountain bike* também possui seus aspectos positivos e negativos quando pensamos em degradação ambiental. Na linha de frente dessa modalidade, estão os profissionais que atuam nesse setor e que podem influenciar nos impactos, benéficos ou maléficos dessa prática.

Dessa forma, é preciso destacar alguns detalhes que foram analisados na pesquisa de campo e que podem ser relacionados à bibliografia sobre *mountain bike*. Em primeiro lugar, é necessário analisar a cartilha enviada pela empresa que, de maneira geral, enfatizava vários itens que constituem a prática dessa modalidade. Além dos aspectos técnicos e de segurança que a atividade requer, pouco foi abordado quanto aos aspectos culturais da região do passeio e, muito

³⁴ Forma carinhosa de se designar às bicicletas, muito comum entre os ciclistas.

menos, sobre uma conduta ecológica por parte dos ciclistas. Será que essas questões são dispensáveis quando se realiza uma prática de lazer na natureza?

Uma das principais preocupações a respeito da preservação ambiental envolve a preservação das trilhas utilizadas nessa experiência de lazer na natureza, também conhecidas como “trilhas sustentáveis”. Estudos prévios (GOEFT; ALDER, 2001; WÖHRSTEIN, 1998; BJORKMAN, 1996) têm demonstrado que certo grau de impacto físico – compactação do solo, erosão e alargamento da trilha – pode ser resultado da utilização de *mountain bike*. Os voluntários que participaram do estudo em questão não alertaram, em nenhum momento, sobre qualquer aspecto relacionado a esse problema durante os passeios realizados. Quando questionados nas entrevistas sobre este assunto, diminuíram a importância a respeito de uma possível degradação. Nesse sentido, o trecho de uma entrevista ilustra esse debate:

Embora não possa afirmar com toda certeza, o impacto ambiental na utilização das mountain bikes é muito pequeno. Nossa principal preocupação está relacionada com a segurança e os aspectos relacionados ao lixo. Quando realizamos esses passeios, estamos atentos para que não deixemos nada para trás. O que realmente agride as trilhas são as motos e os jipes, as bicicletas não afetam tanto. (Voluntário 7, entrevista realizada no dia 15/11/2012)

No trecho anterior, não se identificam informações a respeito da possibilidade de haver algum impacto oriundo dessa experiência de lazer. Há, também, certo conforto dos profissionais quando eles relacionam a degradação com os veículos motorizados. Embora a comparação seja pertinente, obviamente a prática de *mountain bike* também pode gerar impacto na natureza. Fica claro que essas informações deveriam ganhar maior relevo nas discussões entre os profissionais e, ao mesmo tempo, possibilitar novos debates no campo acadêmico brasileiro. De uma maneira geral, os conhecimentos relacionados à prática de *mountain bike* ou qualquer outra possibilidade de uso da bicicleta permanecem incipientes nas universidades e nas políticas públicas nacionais.

Nesta pesquisa, considera-se que o profissional do lazer na natureza não pode reduzir a sua atuação aos aspectos técnicos e de segurança, mesmo sabendo de sua importância quando se pensa nas modalidades que compõem esse campo. Durante todo o passeio, que teve uma duração de aproximadamente 8 horas – desde seu início até a chegada ao vilarejo –, em nenhum momento se destacou alguma possível relação de degradação entre o uso excessivo de *mountain bikes* e as trilhas utilizadas, muito menos algum aspecto relacionando “controle de velocidade” ou “sensibilidade” e possíveis acidentes.

Sobre esse assunto, vários pesquisadores (CHIU; KRIWOKEN, 2003; GOEFF; ALDER, 2001) alertam para o perigo existente quando se realiza uma trilha em alta velocidade, gerando pouca capacidade de reação e possibilidade de ocorrência de acidentes do tipo colisão com cavalos, praticantes de caminhada e/ou motocicletas. No passeio realizado, todas essas possibilidades aconteceram e, por sorte, nenhum acidente ocorreu.

A atividade de *mountain bike*, como discutido anteriormente, ainda é regida pelo princípio do risco. Tanto os profissionais envolvidos, quanto os praticantes, buscam, na velocidade e na dificuldade da trilha, uma aproximação com o perigo. Esse detalhe é muito explorado pela indústria do consumo que, conseqüentemente, visa ao aumento da venda de bicicletas e de outros produtos relacionados. Isso é perceptível no vestuário dos praticantes, no *design* e nas cores das bicicletas e, principalmente, nas propagandas relacionando a prática com a aventura, o desprendimento, a liberdade e, até mesmo, o consumo de bebidas energéticas.³⁵

A *mountain bike*, por outro lado, poderia ser praticada de maneira mais branda e, nesse sentido, agregar valores relacionados à contemplação, menor degradação ambiental e diminuição de acidentes. No trabalho de campo, os momentos de menor velocidade e competitividade foram

³⁵ Uma marca muito famosa de energético patrocina várias competições de *mountain bike* ao redor do mundo.

raros, e parece que esses elementos adicionam à prática um maior divertimento entre os praticantes. Nesse aspecto, o trecho do diário de campo complementa as análises:

Entre os participantes do evento de *mountain bike*, havia alguns grupos de amigos. Principalmente entre essas pessoas, ficou claro que a competição, mesmo se tratando de um passeio, era um grande motivador. Nas subidas, o desafio era completar sem a necessidade de descanso e, nas descidas, a alta velocidade era o fator primordial. Após esses momentos, o grupo parava e esperava os que ficavam para trás. Havia um bate-papo legal nessas horas e depois, mais competição. (Trecho do Diário de Campo, 11/11/2012)

Não foi constatado, durante as observações, nenhum incentivo para uma prática mais branda e contemplativa entre os profissionais envolvidos no passeio e, pelo contrário, havia um incentivo no que diz respeito à competição entre os participantes, aumentando os riscos inerentes a essa prática. O lazer contemporâneo parece, nesse sentido, expressar as características do dia-a-dia nos grandes centros urbanos – competitividade excessiva e individualismo – com o intuito de proporcionar maior divertimento entre os praticantes.

Outro aspecto muito discutido na produção teórica sobre o tema e que é muito frequente nos passeios de *mountain bike* nos arredores de Minas Gerais é a disputa por território com as motocicletas. Normalmente, os praticantes dessa modalidade discriminam e criticam veementemente os usuários de motos de trilha. Interessante perceber que, nos Parques Nacionais da Nova Zelândia, especificamente na trilha de Queen Charlotte (CESSFORD, 2003), a crítica parte dos caminhantes, pessoas que realizam *trekking* contra aqueles praticantes de *mountain bike*.

A mesma situação é descrita nos estudo de Moore (1994) sobre essa prática nos Estados Unidos. Assim como no Brasil, as trilhas percorridas pelos praticantes de *mountain bike* são as mesmas utilizadas pelos caminhantes, pelos praticantes de cavalgada, pelos motociclistas e pelos

jipes 4x4. Dessa forma, esses percursos são denominados de *trilhas de uso múltiplo*.³⁶ A preocupação social primária é a segurança dos praticantes, a degradação das trilhas, a falta de consciência ambiental e o uso inapropriado de tecnologias em ambientes naturais (CESSFORD, 1995). Esses conflitos, quando não debatidos e solucionados, podem levar à perda do uso desses ambientes como possibilidade de lazer na natureza e, ao mesmo tempo, a um aumento no número de acidentados.

Nas trilhas nos arredores de Minas Gerais, os problemas enfrentados são os mesmos. Pouca informação é divulgada nesse aspecto, e a prática da modalidade, que primariamente relaciona-se com a diversão, transforma-se em um campo de batalha. A atuação dos profissionais poderia alavancar discussões pertinentes a esse aspecto, principalmente na relação entre praticantes e meio ambiente. O uso livre desses espaços não pode ser encarado como sinônimo de desorganização, pelo contrário, deveria possibilitar a criação de normas para que todos pudessem usufruí-los.

Horn *et al.* (1994) destacam que a maioria dos conflitos entre caminhantes e *mountain bikers* na Nova Zelândia acontece nas áreas próximas das cidades e que 65% dos praticantes de *trekking* que participaram do estudo declaram “não gostar” dos ciclistas, especialmente daqueles que praticam de maneira recreacional. Carrothers *et al.* (1998) demonstram, em seu estudo, que o nível de conflito entre os caminhantes e os *mountain bikers* é consideravelmente mais elevado do que entre os *mountain bikers* e os caminhantes.

Nesse sentido, pode-se observar a mesma relação nas trilhas do Brasil. O praticante supostamente mais frágil, ou seja, que possui menos força física, parece apresentar um conflito mais evidente quando comparado ao praticante aparentemente mais forte. Na conversa com os proprietários da agência e com os participantes do evento, ficou claro que a revolta maior

³⁶ *Multiple-use trials* (MOORE, 1994).

acontece em relação às motocicletas e aos jipes; pouco foi mencionado em relação aos caminhantes.

Nas situações descritas anteriormente, ficam evidentes os embates enfrentados pela modalidade de *mountain bike*, por ser encarada como mais ou menos benéfica, dependendo da comparação realizada e do ângulo em que é focada. Esse caráter ambiental multifacetário – ora preservação e ora depredação – é muito recorrente nos estudos sobre lazer na natureza e poderia estar mais presente no discurso e nas práticas dos profissionais dessa área. Talvez o caráter amador dessa empresa e/ou a formação deficitária dos seus profissionais contribuam para que esse discurso prevaleça, no entanto, são assuntos essenciais, que possibilitariam uma ampliação no caráter ecológico da modalidade *mountain bike*.

A busca por conhecimentos nesse sentido parece não ser prioridade dos profissionais envolvidos na pesquisa. Quando questionados sobre atualizações, curso de pequena duração, ou outro componente associado a uma melhoria no serviço prestado, os entrevistados relataram que não os realizam. Na sua graduação, os assuntos relacionados à modalidade também é inexistente. No caso do curso de publicidade, isso é compreensível, porém, quando pensamos na graduação em Educação Física, parece haver uma lacuna no currículo. A modalidade de *mountain bike*, embora seja muito praticada no Estado de Minas Gerais como lazer e/ou competição, possivelmente não aparece no currículo de quase nenhum curso universitário.

4.3 Escalada

Existem momentos nas montanhas geladas de grande altitude, momentos extremos da vida (...) são tempos transitórios e frágeis, quando as fronteiras entre a vida e a morte se sobrepõem, quando o passado e o futuro param de existir e você está livre. (SIMPSON, 1993, p. 227)³⁷

Por que escalar? Para se obter uma experiência natural; para o medo que nos atrai tanto; para sentir-se totalmente livre; para os monstros que desabam sobre nós mesmos. É como se fosse uma droga!! (BUHL, 2000, p. 71)³⁸

Os relatos anteriores ilustram minimamente a enorme quantidade de sentimentos e emoções que cercam a modalidade da escalada, também conhecida como montanhismo. As pessoas envolvidas nesse universo descrevem a atividade com extrema paixão que, muitas vezes, chega a influenciar o pesquisador nesse campo de interesse. Uma distância segura dessa “adrenalina contaminante” faz-se necessária para que as análises sejam realizadas de maneira crítica e objetiva.

O presente estudo, ao se propor estudar os profissionais que atuam nessa modalidade, não pretende classificar os tipos existentes de escalada. Vários subgrupos que se diferenciam pelo grau de dificuldade da via, pela sua altura e/ou estrutura da rocha podem ser identificados, mas, a modalidade será tratada, nesta pesquisa, pelo termo genérico de “escalada” e, quando necessário, será especificado algum detalhe importante para uma melhor compreensão.

O termo utilizado também tem origem no perfil dos voluntários que fizeram parte da pesquisa de campo. Os profissionais envolvidos atuam em escolas de escalada na cidade de Belo Horizonte, especificamente na zona sul da cidade, e lecionam em ambientes *indoor*, durante os dias de semana, e ambientes *outdoor*, nos finais de semana. Além disso, no período de férias, eles

³⁷ Traduzido do original: “*There are moments on high cold mountains, life enhancing moments... they are fragile transient times, when the borders between living and dying seem to overlap, when the past and future cease to exist and you are free.*”

³⁸ Traduzido do original: “*Why climb? For the natural experience; for the danger that draws use ever on; for the feeling of total freedom; for the monstrous drop beneath you. It is like drug.*”

escalam grandes vias ou, até mesmo, montanhas de altitude extrema, como foi relatado nas entrevistas. Assim, eles podem ser classificados como escaladores de diversos tipos de vias o que, conseqüentemente, expande as análises sobre essa modalidade.

Os profissionais envolvidos na escalada que fizeram parte da pesquisa de campo possuem curso superior que se relacionam, de alguma forma, com a modalidade: três voluntários são professores de educação física, e o outro é biólogo. Apesar de haver uma proximidade quando se pensa em uma modalidade de lazer na natureza, todos os voluntários relataram que, durante o curso de graduação, a abordagem sobre a temática foi incipiente e que poderia ter sido tratada de maneira mais aprofundada. Nesse sentido, o relato da entrevista do voluntário 3 é esclarecedor:

Foi um pouco superficial. A disciplina era uma disciplina optativa e surgiu no final do curso, quando eu já estava um pouco mais envolvido com a faculdade e chamava-se esportes diferenciados. Tinham várias modalidades e, dentro desses esportes, a escalada estava presente. A gente fez algumas visitas em alguns muros, mas isso foi em outra disciplina, a de atuação profissional. Achei superficial, mas valeu a pena!
(Voluntário 3, entrevista realizada no dia 23/10/2012)

Assim como acontece em outras experiências de lazer na natureza, existe um componente prático muito evidente na aproximação desses profissionais com a escalada. Todos eram praticantes dessa atividade, e a partir de um aprimoramento técnico, e, principalmente, afetivo, a associação entre trabalho e lazer se fez presente. Em decorrência, esses sujeitos começaram a trabalhar nesse segmento e continuam praticando a modalidade nos momentos livres.

O perfil dos praticantes que procuram a escalada, segundo os profissionais envolvidos, podem ser caracterizados em três grupos: praticantes mais experientes que querem buscar um aprimoramento maior e que, em certos momentos, participam de competições; um segundo grupo de curiosos que, por algum motivo, ficaram sabendo da modalidade e aparecem sem grande

interesse; e um terceiro que encara a escalada como uma atividade física regular a fim de obter uma melhor qualidade de vida.

Pelo caráter do risco e da adrenalina estar tão presente na escalada, a procura de pessoas mais jovens é maior e, durante a observação-participante, ficou evidente como o “desafio” da chegada ao cume desperta interesse nesse público. Diferentemente de outras modalidades, existe um estilo próprio dos escaladores. Normalmente, são pessoas que enfatizam a liberdade como forte expressão do caráter, aparentam um desprendimento maior em relação ao corpo e às roupas que usam e, normalmente, possuem uma relação mais estreita com os ambientes naturais.

Nesse aspecto, essa proximidade não se caracteriza necessariamente por uma consciência ambiental mais aguçada: pelo contrário, a atividade parece encerrar-se sobre ela mesma e a natureza, neste sentido, é vista como um “palco” de luxo, o que levanta questionamentos importantes. Tal observação ficou evidente nas palavras dos voluntários quando indagados sobre a degradação ambiental causada pela escalada e na observação de campo quando se analisou a relação entre eles e os praticantes.

Durante a entrevista com o voluntário 4, foi feita uma pergunta questionando qual aspecto era mais importante no retorno do seu aluno quando ele realizava uma atividade *outdoor*: o aspecto técnico exclusivamente ou a construção de uma consciência ambiental fruto daquela experiência? Sua resposta foi bem enfática:

O que é mais gostoso, é claro, é a parte técnica! Eu não consigo ir com todos os alunos escalar na rocha, na natureza. Ai, quando eles chegam e trazem a notícia de que havia uma via que eles nunca haviam conseguido fazer e que depois de um, dois ou três meses de treinamento eles conseguiram fazer a via na rocha, e trazem essa notícias pra mim, e é uma coisa quase que diária, chega segunda ou terça-feira eles me falam, é como se fosse o resumo do final de semana. A primeira coisa que a gente conversa é isso, o que você fez, o que você não fez, aquilo que eles deram conta e o que não deram. Então, quando eles viram e falam pra mim que conseguiram fazer a via do sonho deles, é nessa hora que eu sinto que o meu trabalho foi bem feito. (Voluntário 4, entrevista realizada no dia 23/10/12)

A escalada é uma atividade de lazer na natureza que causa degradação ambiental, e esse detalhe é de conhecimento dos praticantes. Os profissionais que atuam nesse segmento reconhecem isso e se organizam a fim de dialogar com alguns órgãos públicos de preservação, tais como: IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e ou CECAV (Centro Nacional de Estudos, Proteção e Manejo de Cavernas). No entanto, os embates acontecem, e, frequentemente, “vias”³⁹ e “trilhas de acesso” são fechadas por causarem prejuízos ao meio ambiente.

No site da organização dos escaladores do Estado de Minas Gerais é perceptível a pouca ênfase que é atribuída aos assuntos relacionados ao meio ambiente. O maior embate parece ser a atitude extrema no fechamento de vias de escalada pelos órgãos ambientais e, em segundo plano, percebe-se um caráter quase inexistente no âmbito da educação ambiental dos praticantes ou dos profissionais que atuam nessa modalidade.

Quando se indagou sobre a degradação ambiental decorrente da escalada, os argumentos oriundos das entrevistas foram frágeis, e o único benefício destacado pelos entrevistados foi o caráter econômico, através do turismo, que poderia beneficiar os vilarejos e as comunidades locais. No entanto, é sabido que o impacto existe e que algumas atitudes deveriam ser pensadas.

Eu concordo que haja um impacto, mas também concordo que é uma atitude extrema. Porque se a gente parar de escalar, o impacto que nós causamos irá retornar dentro de 5, 10 ou 15 anos, sei lá. Ou seja, a vegetação vai retornar, os animais vão retornar, a trilha vai fechar, somente os grampos que vão ficar lá para o resto da vida. Agora, existe o impacto, confesso que nós escaladores temos dificuldades em aceitar isso para tentar criar critérios que minimizem. (Voluntário 8, entrevista realizada dia 28/10/12)

Pelo trecho descrito anteriormente, percebe-se que existe dificuldade na organização dessa modalidade, principalmente nos aspectos ambientais. Nesse sentido, outra característica

³⁹ Nome dado ao trajeto que se escala em determinada rocha.

destacada na bibliografia consultada (SCOTT, 2010) a respeito da liberdade e do individualismo desses praticantes dificulta ainda mais a imposição de regras e, principalmente, a aceitação delas. No trecho abaixo, o voluntário 4 expôs sua opinião sobre o assunto. Vale ressaltar que, além de professor de escalada, ele é membro da AME e muito atuante nas discussões da associação:

E ao tentar criar critérios que minimizem os impactos ambientais, teremos que criar algumas regras e normas que vão contra a nossa filosofia primordial de liberdade dos escaladores. Nós gostamos de nos expressar, de nos mover, sem que seja regrado de regras e normas, sem padrão. Não gostamos de lugares como quadras, onde existem filas e ou linhas pré-definidas. É um paradoxo que nós vivemos e que temos que confrontar. (Voluntário 4, entrevista realizada dia 23/10/12)

A citação a seguir corrobora os dizeres do voluntário 4 e nos leva a crer que se trata de um debate mundial sobre a temática:

A maioria dos escaladores refere-se à modalidade como um esporte livre, em outras palavras, é uma atividade livre de regras e de regulamentos, nós somos livres para praticar no lugar que quisermos, quando quisermos e na companhia que quisermos. Porém, isso não é totalmente correto. (SCOTT, 2010, p.133)⁴⁰

Ao mesmo tempo em que os escaladores se auto denominam detentores de liberdade, os aspectos ambientais não podem ser colocados de lado, principalmente quando se pensa nos profissionais envolvidos nesse meio. Assim como em outras modalidades de lazer na natureza, a escalada tem um potencial educativo promissor e poderia ser utilizada para além dos debates técnicos ou estritamente esportivos. Além disso, a modalidade tem um caráter central na vida desses sujeitos – tanto para os profissionais, quanto para os praticantes – e todos os outros afazeres do dia-a-dia têm como objetivo principal propiciar a prática da escalada de maneira mais regular.

⁴⁰ Traduzido do original: “Most climbers regard our activity as a freedom sport, in other words it is free of rules and regulations, we are free to do it where we like, when we like and with anyone we choose. But this not quite correct.”

Os aspectos relacionados à degradação oriunda da escalada são frutos de debates extremos. O caso clássico da subida do Monte Everest (BEEDIE; HUDSON, 2003), montanha mais alta do mundo, tem obscurecido essa prática pelo descontrole do número de visitantes e do alto risco de acidentes consequência da “invasão” de turistas. Segundo Beedie e Hudson (2003, p.626, grifo dos autores), “a *distinção* que era algo característico do montanhismo, discutivelmente, vem tornando-se subordinada pelo turismo dentro do mais amplo senso definido pela sociedade de consumo”⁴¹.

A “comodificação” do lazer na natureza é compreendida como o processo pelo qual os objetos e as atividades são avaliados primariamente em termos de troca de valor comercial (COHEN, 1985) em detrimento de um valor subjetivo (e, por que não, educativo) proporcionado por tais experiências. A função da indústria do turismo é vender uma *commodity* para um grupo de consumidores (FROW, 1997). O Nepal, situado nas montanhas do Himalaia, tem comodificado suas trilhas e montanhas através de um processo de controle administrativo e tem permitido subidas em montanhas e *trekkings* em ambientes naturais frágeis, e que deveriam ser protegidos. Atualmente, existem 150 picos abertos para escalada/montanhismo, e o custo da entrada está diretamente relacionado à popularidade e ao tamanho das expedições, desde 1.500,00 dólares para os picos modestos, até 70.000 dólares para a subida do Everest (BEDDIE; HUDSON, 2003).

A entrada maciça da indústria do turismo no lazer na natureza, em especial na escalada, visa “empacotar” e planificar todas as características que, visto historicamente, foram as formadoras dessas modalidades. Pesquisadores desse campo (MILES; PRIEST, 1990) argumentam que toda atividade *outdoor* que se submete a um controle e/ou a um conforto

⁴¹ Traduzido do original: “*the distinctiveness of the former is, arguably, becoming subsumed by the latter within a more broadly defined consumer culture.*”

extremo não pode estar associada ao caráter aventura, embora esse planejamento minucioso seja precisamente uma das características da invasão do turismo. Existe um paradoxo interessante nessa questão: quanto mais o itinerário for detalhado, planejado e de fácil realização, mais será removido da modalidade o “pico da experiência” (CSIKSZENTMIHALYI; SELEGA, 1990; PRIEST, 1992).

No Brasil, esse embate econômico, fruto do aumento do número de praticantes e das mudanças que isso acarreta para a modalidade, tem sido discutido na bibliografia dedicada ao tema e gera preocupação quanto à formação dos profissionais que atuam no lazer na natureza. Segundo Uvinha (2010, p.163) “a presença do lazer na formação profissional em turismo vem sendo comumente marcada por um caráter reducionista, geralmente atrelada a uma concepção tecnicista, como mercadoria, ao modelo ‘comodificado’ no qual está fundado, em grande parte, o setor turístico.” Na prática, o desassossego explicitado pelo autor tem sido observado e, mais importante que isso, é o conseqüente distanciamento do que se considera a “alma” da escalada que essas mudanças podem gerar.

Esse aspecto crítico poderia estar em pauta nos assuntos relacionados à escalada e, caso não ganhe importância nos debates entre os profissionais e suas associações, a modalidade perderá em credibilidade e, principalmente, na sua essência. Evidências científicas (BEEDIE; HUDSON; 2003) já sugerem diluição do que se definiria como “alma dos alpinistas” como resultado de uma superexposição da modalidade facilitada pela chegada de características estritamente urbanas nas regiões onde as questões ambientais deveriam ser primordiais.

O individualismo parece desempenhar um papel importante quando se analisam modalidades com fins competitivos, mesmo tratando-se de um lazer na natureza. A presença de um componente final – o cume – faz com que uma experiência que normalmente é vivenciada em

grupo⁴², em alguns momentos, torne-se um desafio pessoal e individual. Essa característica é mais evidente nas subidas de grandes altitudes, mas começa a ser presenciada nas vias menores também, e, conseqüentemente, leva a um distanciamento entre ser humano e natureza, como salientado pelo voluntário 8:

Atualmente existe um individualismo maior, no sentido de chegar no topo de qualquer jeito. Isso é mais aparente nas montanhas mais altas, onde você não depende tanto das outras pessoas mas, às vezes, também é perceptível nas escaladas em rocha. (Voluntário 8, entrevista realizada no dia 23/10/2012)

Mas, hoje me dia, com essa comercialização exagerada, o objetivo não é mais se integrar com a montanha, o objetivo é se sentir escalador, somente isso. Acho que é isso que me deixa mais preocupado, e o meu medo é que isso venha a acontecer cada vez em escalas menores, ou seja, nas escaladas em rocha. (Voluntário 8, entrevista realizada no dia 23/10/2012)

Os profissionais que atuam com escalada indicam ter uma preocupação ecológica na qual o embate entre conscientização e degradação ambiental é constante, mas, em nenhum momento, foi identificado, nas entrevistas, um diálogo coerente com a própria prática. Além disso, outro aspecto destacado é a relação econômica e ambiental na atuação desses profissionais. Eles sabem que um número excessivo de praticantes em uma única via pode causar danos ecológicos irreversíveis, no entanto, precisam conciliar esse detalhe com o lucro proveniente de uma viagem a campo. Nesse aspecto, o trecho da entrevista com o voluntário 8 é revelador:

Eu acredito que o grande desafio seja regular a questão econômica com a questão ambiental. Sem dúvidas nenhuma, quando você leva um grupo de pessoas, qualquer pessoa, para fazer escalada, isso vai marcar a pessoa pelo resto da vida. Mas o paradigma é o seguinte: se eu levar somente cinco pessoas, isso não vai dar para pagar os meus gastos. Assim, vou ter que cobrar muito caro e não vou conseguir fechar o pacote. Então, prefiro cobrar menos e levar mais pessoas. Aí, quando a gente leva cinquenta pessoas, conseqüentemente a gente vai ter que abrir mão do mínimo impacto no ambiente natural. Não temos opção. (Voluntário 4, entrevista realizada dia 23/10/12)

⁴² Nas escaladas de vias *indoor* e *outdoor* é necessária a presença de pelo menos duas pessoas. Enquanto uma pessoa realiza a subida, a outra pessoa fica realizando a segurança através das cordas e do freio.

Embora, nas entrevistas, os profissionais tenham abordado aspectos relacionados à degradação e ao comportamento dos praticantes de maneira crítica, o assunto não foi colocado em discussão durante as observações da prática da modalidade. Os aspectos técnicos parecem adquirir uma importância maior e são avaliados pelos professores no dia-a-dia da Escola. Raros são os momentos, *indoor* ou *outdoor*, em que aspectos relacionados à preservação ambiental são priorizados.

4.4 Observação de aves

De acordo com Figueiredo (2003), dentre os segmentos do ecoturismo, o que mais tem se desenvolvido atualmente é o turismo de observação de aves, atividade que, para ser viável, depende de ambientes favoráveis à existência da “avifauna”. Essa prática envolve milhões de pessoas em todo o mundo, especialmente do hemisfério norte (FIGUEIREDO, 2003), tendo suas origens em meados do século XIX (MOURÃO, 1999). Movimenta, anualmente, um crescente segmento da economia em países da Europa e América do Norte através da venda de livros, roupas especiais, binóculos e outros produtos e serviços relacionados, tais como organização de viagens e contratação de guias especializados, entre outros itens. Segundo Yourth (2001), cerca de um milhão de britânicos também praticam esta atividade, sendo considerada a terceira maior modalidade de lazer do país.

Segundo alguns estudos realizados no México e nos Estados Unidos (WILSON, 1989; YOURTH, 2001), pessoas de todos os níveis econômicos, étnicos e regionais parecem ser universalmente atraídas pela natureza, buscando atividades em meio natural que permitam essa proximidade e também informações sobre seu objeto de admiração. Embora o desejo de

proximidade do meio natural possa ser algo que desperte o interesse de muitas pessoas, segundo as pesquisas supracitadas, a relação estabelecida com a natureza se difere bastante – ora predatória, ora agregadora. Além disso, o nível econômico dos interessados tem uma relação direta com a atividade de lazer escolhida, pois sabe-se que uma viagem internacional com a finalidade de observar aves não é economicamente viável para qualquer pessoa.

No Brasil, a observação de pássaros ainda é incipiente quando comparada com alguns países da América do Norte e Europa, principalmente Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Embora o Brasil apresente características propícias para o desenvolvimento e prática dessa atividade de lazer, o número de brasileiros envolvidos ainda é pequeno. Notadamente a partir da Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – ECO 92⁴³, houve um aumento da divulgação das riquezas naturais brasileiras pela mídia, e a observação de aves veio gradualmente despertando interesse, tendo sido, posteriormente, destaque em programas de televisão e artigos de jornais e revista de grande repercussão nacional.⁴⁴ (PIVATTO; SABINO, 2005)

A observação de aves na América do Norte e na Europa é uma atividade de lazer na natureza tão forte e desenvolvida, que as agências especializadas que atuam no Brasil focam essa clientela e se organizam, por meio dos diversos materiais de marketing⁴⁵, com o intuito de aproximação desse público. Segundo o voluntário 1, o foco da empresa é direcionado para o público estrangeiro e, raramente, eles atendem pessoas do Brasil.

⁴³ Conferência realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro pela Organização das Nações Unidas. Nesse encontro, buscou-se conciliar o desenvolvimento econômico e a proteção ambiental, o que ficou conhecido como desenvolvimento sustentável. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/riomais10/o_que_e-2.shtml>

⁴⁴ Programa Globo Repórter – Jornal o Estado de São Paulo número 2023 24/05/2005 e Revista Terra da Gente).

⁴⁵ Interessante observar que todos os sites analisados de agências brasileiras estão em língua inglesa e possuem como segunda opção a língua portuguesa.

No nosso caso, nosso público é 100% estrangeiro. Principalmente ingleses e americanos. Diria mais ingleses, no último ano, tivemos 60% de ingleses e 40% americanos. Eventualmente belgas, franceses e alemães. (Voluntário 1, entrevista realizada no dia 31/07/2012)

Na pesquisa de campo, ficou nítida a constatação de que o público interessado nessa modalidade possui um bom poder aquisitivo, um alto nível de escolaridade e já viaja há bastante tempo para a prática de observação de aves. Segundo o voluntário 1, essas características são vistas como facilitadoras para o seu trabalho e, ao mesmo tempo, podem possibilitar doações para projetos ambientais ao redor do Brasil.

(...) Quando vêm ao Brasil já são pessoas experimentadas na atividade e nesse tipo de turismo, ou seja, já chegam com alguns conceitos já formados, isso facilita nosso trabalho. [...] Então, a observação de vida selvagem é um instrumento sensacional, primeiro porque são pessoas com bom poder aquisitivo, difícil viajar com gente sem grana, mas a grande maioria tem grana e estão dispostas a ajudar. É um super, hiper instrumento. Já vi doações fantásticas! Já vi jipes sendo doados, uma coisa massa, legal de ver. (Voluntário 1, entrevista realizada no dia 31/07/2012)

As doações são realizadas quando existe uma constatação do praticante de que o projeto ambiental é sério e comprometido com a preservação do meio ambiente. Através da observação de campo, ficou evidente que os participantes buscam se informar sobre os projetos que visitam, questionando os guias da viagem e as pessoas envolvidas nessas empreitadas. Quando se chega ao ponto de formalizar um repasse de verba para o projeto, as pessoas envolvidas já estão cientes de todo o trabalho que está sendo desenvolvido naquele local.

A empresa analisada nesta pesquisa tem como prioridade a aproximação com projetos ambientais, visando à possibilidade de doação oriunda dos seus clientes e, ao mesmo tempo, à agregação de valor à atividade desenvolvida. Mesmo existindo uma relação não muito amistosa

entre o turismo e os projetos ambientais, segundo o voluntário 1, essa proximidade, quando realizada de maneira harmônica, pode trazer benefícios para os dois segmentos.

Onde tem projeto ambiental, eu tento me aproximar, enriquece muito o meu produto e é uma chance do projeto fazer grana também, através dessas doações. Porém, às vezes, o projeto não aceita ou tem birra do turismo. Existe uma rixa muito grande entre turismo e pesquisa. Às vezes, o pessoal possui o animal depois de algum tempo de pesquisa e não querem dividir isso com o turismo. Eles acham que o turismo pode ser predatório, e pode ser mesmo, se não for feito de maneira correta. Caratinga, um lugar onde eu vou e fui um dos primeiros a fazer este roteiro, eu já tive brigas feias lá. (Voluntário 1, entrevista realizada dia 31/07/2012)

O contato próximo entre “cliente/profissional” é uma característica importante dessa experiência de lazer na natureza. A maioria dessas atividades exige um conhecimento específico do profissional, e, na observação de aves, é fundamental uma formação especializada sobre o assunto, além da fluência no idioma inglês, o que permite a captação e o atendimento ao público estrangeiro.

Os profissionais entrevistados na pesquisa possuem graduação na área de biologia, turismo e jornalismo e, constantemente, realizam cursos de aprimoramento e visitam feiras⁴⁶ e exposições sobre o assunto em diversos locais do mundo, principalmente América do Norte e Europa.

No site da empresa, são postadas informações básicas aos possíveis clientes dessa prática. Além de um pequeno resumo sobre a atividade de observação de aves, existem *links* relacionados a projetos ambientais no Brasil e de empresas parceiras em outros locais do mundo. De acordo com os entrevistados, a empresa não tem como objetivo expandir os seus negócios, porém é evidente que o crescimento desse segmento exige, cada vez mais, um aperfeiçoamento no serviço e, ao mesmo tempo, uma preocupação relacionada à proteção dos *habitats* desses animais.

⁴⁶ A Agência pesquisada possui estande na maior feira britânica sobre o tema há três anos. <http://www.birdfair.org.uk>

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a observação de aves não provoca nenhuma degradação no meio ambiente ao sensibilizar as pessoas envolvidas. Essa afirmação, quando comparada com outras modalidades, pode ser válida no que diz respeito a um menor impacto. No entanto, segundo estudo de Sekercioglu (2002), é possível enumerar alguns pontos negativos que geram preocupação nos profissionais envolvidos com essa atividade:

- Perturbação de aves através da proximidade exagerada;
- Perturbação de aves através do uso excessivo de gravações (*play-back*);
- Redução do sucesso reprodutivo e aumento do stress das aves;
- Aumento no abandono dos ninhos;
- Aumento na perturbação de aves raras ou ameaçadas;
- Poluição e destruição dos habitats visitados;
- Exploração financeira das comunidades locais;
- Degradação cultural associada ao turismo.

Esses aspectos evidenciam que vários elementos precisam ser questionados, exigindo uma organização maior por parte das agências envolvidas nessa modalidade. Os profissionais implicados possuem uma importância fundamental nesse aspecto, pois é justamente por meio da sua atuação que esses embates podem ser repensados, debatidos e atenuados.

Exemplificando a aproximação deletéria de turistas, o voluntário 2 relata uma situação vivida na Venezuela:

Eu estive em um ninho na Venezuela, por exemplo, perto da Gran Savana, de Harpia (Águia brasileira), eu estava debaixo do ninho, trabalhando, aí, de repente, uma Toyota com uns japoneses de luvas, todo cheio de coisas, pararam embaixo da árvore, passaram por um campo que não tinha nem acesso, nem estrada. Os caras chegaram, desceram, com lunetas, ficaram observando e em 5 minutos forma embora. Mas chegaram de uma forma indevida, com muita bagunça e barulho. Poderiam ter deixado o carro mais longe, ter se aproximado devagar. (Voluntário 2, entrevista realizada no dia 01/08/2012).

Outro aspecto que tem sido alvo de discussão nesse tipo de vivência de lazer na natureza é o uso excessivo de *play-back*, ou seja, a reprodução sonora do canto da ave como forma de provocar a aproximação do macho ou fêmea de determinado pássaro. Várias dimensões devem ser analisadas, entre elas, o volume utilizado para que ocorra essa proximidade e a quantidade de vezes que a ferramenta é utilizada. Embora haja um conhecimento dos profissionais sobre as causas deletérias desse uso excessivo, ainda é recorrente e indiscriminado. Várias vezes, o profissional se vê “forçado” a utilizar esses meios para satisfazer a vontade do cliente.

Às vezes, usa-se muito playback. Você tem o canto gravado da ave, aí você toca e ela vem, aparece. Você espera que ela venha, normalmente ela vem. Por algumas razões, pode ser uma fêmea, ela acha que é um macho, que está localizando. Pode ser um macho também, que aparece para defender o território. É super discutido o uso excessivo de playback, esse uso pode espantar uma ave de um território que ele ocupava. Você pode tirar uma mãe do ninho, pode espantar a mãe do ninho. Como toda atividade, você precisa ter e criar limites, regulamentos. Muitas vezes, usa-se excessivamente. (Voluntário 2, entrevista realizada no dia 01/08/2012).

As duas situações descritas acima são usuais e vão ao encontro dos problemas listados anteriormente. Existe um embate constante entre o aspecto econômico do lazer na natureza e a degradação que essas atividades podem proporcionar ao meio ambiente. No caso da observação de aves, algumas pesquisas sugerem condutas que minimizam esse impacto, o que perpassa pelo conhecimento prévio do profissional envolvido nessa modalidade. É nesse sentido que os novos conhecimentos sobre o assunto podem auxiliar na disposição dessas atividades.

As aves são mais tolerantes à aproximação de veículos do que de pessoas, sendo mais sensíveis ao barulho e ao número de visitantes (KNIGHT; COLE, 2002). Assim, recomenda-se que, em atividades que utilizem veículos motorizados, os turistas permaneçam em seu interior, sendo o número de pessoas limitado, no máximo, a 10 participantes. Knight e Cole (2002) ainda observam que aves com contato frequente com pessoas são mais habituadas e tolerantes à

aproximação, desde que não sejam perseguidas. Assim, sugerem a utilização de áreas já com circulação humana, como trilhas antigas e estradas de terra, visando minimizar distúrbios em áreas ainda inexploradas e permitir maior proximidade com as aves.

A partir desses estudos, em 2003 a *American Bird Association* elaborou um documento com Código de Ética do Observador de Aves (ABA 2003) traduzido por Chagas (2003), que lista uma série de práticas para minimizar os problemas causados por essa atividade. Abaixo seguem as principais recomendações⁴⁷ para reduzir os impactos ambientais e incentivar o desenvolvimento local e regional:

- Praticar e fomentar uma conduta ética na observação de aves;
- Evitar movimentos bruscos e barulho excessivo;
- Evitar áreas com ninhos e filhotes;
- Usar roupas de tons apagados, de preferência verdes ou caqui;
- Mostrar cuidado especial com espécies raras e ameaçadas;
- Minimizar gravações e tentar nunca ser visto pelas aves;
- Não se aproximar, uma vez que a ave notou sua presença;
- Manter-se nas trilhas, estradas e caminhos pré-estabelecidos;
- Uso de lunetas para observação;
- Educação sobre as aves e seus benefícios financeiros para a comunidade;
- Apoio a atividades e empresas locais de baixo impacto ambiental;
- Participação em ações de ONG's de conservação de aves.

O avanço na conduta durante a observação de aves e/ou animais selvagens permanece incipiente no Brasil. Mesmo que seja um assunto de conhecimento prévio dos profissionais envolvidos nessa modalidade, ainda existem lacunas que necessitam de discussão e, principalmente, uma maior organização das partes envolvidas. O voluntário 1 descreveu uma

⁴⁷ Adaptado de Sekerciouglu (2002).

situação no Pantanal – local preferido para observação de onças – e demonstrou grande preocupação no desenvolvimento dessa atividade, que possui muitas similaridades com a observação de aves.

Existe um fenômeno no Pantanal, um estudo de caso, que é muito interessante.(...) Em cinco anos, o volume de barco no Rio Cuiabá e seus afluentes aumentou absurdamente. Desde de 2003 eu costumo levar pessoas para o Pantanal para ver onça. Cara! É incrível! É o melhor lugar da América Latina para ver onça, sem dúvida. A chance de você ver uma onça é muito grande. E tá bombando! (...) Como tá todo mundo atrás de ver a onça, aí, de repente, tinha nove barcos ancorados, eu e mais oito. Até ai não vejo nenhum problema. O problema está na forma como as pessoas se portam, teve muito barulho, teve barco que entrou na minha frente. Então, estamos começando a iniciar uma discussão no local. A gente tá tentando criar regras para esta modalidade, a gente, os guias, as pousadas, os piloteiros. Ainda não se sabe como serão essas regras e nem como vamos fiscalizar. Seria mais uma questão de implantar o bom senso que possa ser uma prática legal para todos. Tipo, o cara que achou a onça tem prioridade de ficar com o barco na frente. Outra questão, é o quão próximo o barco pode ficar perto da margem do rio, para não espantar a onça. (Voluntário 1, entrevista realizada no dia 31/07/2012)

Na citação anterior fica clara como a modalidade urge por uma organização maior de forma a envolver todos os profissionais. Não só os donos das agências responsáveis na captação e logística de clientes, mas, principalmente, os profissionais que atuam no próprio local e que, na maioria das vezes, não possuem um treinamento voltado para questões ambientais. A rede de profissionais deve trabalhar em sincronia, e o acesso à informação deve ocorrer em todas as escalas, desde o proprietário da empresa, até o piloteiro do barco que vai realizar a aproximação até o animal.

Nesse aspecto, é importante pensar em uma consciência ambiental que possa transcender os aspectos biológicos da modalidade de observação de aves. Quando se considera uma cooperação maior entre os segmentos envolvidos no lazer na natureza, é possível recrutar aspectos sociais, políticos, econômicos e de relações entre os seres humanos. Assim, o profissional que atua nessa área poderá influenciar as pessoas interessadas nessa possibilidade de

lazer, ampliando o conhecimento em relação à própria atividade e ampliando o foco de ação, pensando também na comunidade onde se atua, nos outros profissionais envolvidos e no mecanismo de exploração laboral tão comum no campo de atuação profissional com o lazer na natureza.

Os voluntários que participaram da pesquisa de campo evidenciaram um conhecimento agudo sobre as possibilidades da prática de observação de aves na construção de uma consciência ambiental, ou seja, como resistência. Pensar em resistência, como exposto anteriormente, é pensar em ações que contraponham valores excludentes da sociedade e, no aspecto ambiental, algo que esteja próximo à educação.

Na minha opinião, a observação de aves é a atividade que pode trazer maior benefício para uma consciência ambiental e preservação. Não tenho um dado comprovado sobre isso, mas, certamente, eu posso lembrar que nesses 10 anos de atuação nessa área várias situações me marcaram referente a isso, a mudança de postura frente aos problemas ambientais e sociais. (Voluntário 1, entrevista realizada no dia 31/07/2012)

Uma das coisas mais interessantes desse meu trabalho é exatamente isso, mostrar alguma coisa que ainda não viram, educar o olhar das pessoas. O que isso vai causar, não é? A maneira que eu tento apresentar, visa causar algum impacto, ou melhor, que cause uma vontade de conhecer mais sobre aquele bicho, uma sensibilização, esse é o meu desejo. (Voluntário 2, entrevista realizada no dia 01/08/2012)

A educação ambiental, como educação política, está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca por soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (REIGOTA, 2009).

Durante a observação participante, foi possível detectar a dependência que essas experiências de lazer na natureza possuem em relação à população local, para o seu desenvolvimento e, ainda, o aspecto econômico que essas modalidades podem movimentar

nesses sítios. Sobre esse assunto, uma anotação extraída do caderno de campo pode colaborar com essa reflexão:

Interessante observar como as atividades na natureza, no caso a observação de aves, para ser possível tenha que envolver tantas pessoas. Desde os donos das agências, em um primeiro momento, até os prestadores de serviço do barzinho que serve refeição na vila onde se desenvolve a atividade. Isso faz com que os donos da agência respeitem e cuidem dessas pessoas. É uma troca constante, um depende do outro. (Diário de Campo, 15/06/2012)

Levando em consideração o que foi dito anteriormente, a educação ampla dessas modalidades alcança nichos inimagináveis e proporciona mudanças de atitude dos participantes e dos outros profissionais envolvidos na rede. O propósito final da observação de aves não deve se restringir ao alcance do olhar puro e simplismente, pelo contrário, todo o processo para se chegar ao local determinado, todas as pessoas envolvidas, as condutas éticas e o respeito ao pássaro, devem ser priorizados e encarados com seriedade pelos profissionais envolvidos.

4.5 *Trekking* de longa distância

O nome *trekking* de longa distância será o termo utilizado para designar a travessia entre Lapinha da Serra e Tabuleiro, em Minas Gerais, que foi analisada no trabalho de campo dessa dissertação e será detalhada mais adiante. Não existe, em língua portuguesa, uma expressão apropriada para essa experiência de lazer na natureza. No entanto, nos países onde esta prática é mais difundida, como Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos e Reino Unido, são comuns as respectivas expressões: *tramping*, *bushwalking*, *hiking*, *backpacking* e *rambling*.

Na Nova Zelândia, essa experiência de lazer na natureza é considerada como parte da cultura local e pode ser associada a uma identidade dos cidadãos desse país em relação à natureza

(ROSS, 2008). Para ser considerado *tramping* na cultura Neozelandesa, a atividade deve ser realizada em ambiente *outdoor* através de trilhas, deve exigir um nível mínimo de capacidade física e habilidade para lidar com ambientes extremos. Nesse país, a maioria das trilhas de *tramping* possui acesso livre, e os praticantes podem escolher entre realizá-las sozinhos, com outros companheiros, ou como parte de algum produto comercial, através da presença de um guia. O fato de as trilhas serem abertas para qualquer pessoa é de extrema importância para a continuidade da identidade desse país nos aspectos relacionados à conservação ambiental (ROSS, 2008; REIS, 2012).

Lapinha da Serra é um vilarejo pertencente a Santana do Riacho, região da Serra do Cipó. Por se tratar de uma APA (Área de Proteção Ambiental), não é permitido transitar com veículos motorizados pelas trilhas e cachoeiras. A vila foi criada para servir de apoio aos tropeiros que faziam esse percurso antes da explosão do diamante em Minas Gerais e, a partir do século XIX, trataram de interligar áreas povoadas por meio do comércio, transportando rapadura, cachaça e farinha. Dentre as várias versões a respeito da origem do local, a mais difundida e citada nas conversas informais com os nativos contam que a vila foi fundada por apenas três famílias que trabalhavam na região. Até hoje, quase todos os moradores possuem algum grau de parentesco, gerando uma série de casamentos consanguíneos e levando alguns moradores a procurar maridos e esposas fora da vila.

No trabalho de campo, algumas conversas informais com o cidadão mais velho da cidade apontaram para a mesma direção. Além de confirmar os detalhes supracitados, ele descreveu sua impressão sobre o turismo na região, as mudanças ocorridas depois da pavimentação de parte da estrada de terra e descreveu, de maneira minuciosa, detalhes sobre a Travessia entre Lapinha e

Tabuleiro. Ele mesmo já teve oportunidade de realizá-la várias vezes, com o intuito de participar do Congado⁴⁸ na vila vizinha, ou seja, objetivo bem distinto dos praticantes de *trekking*.

O vilarejo da Lapinha da Serra possui inúmeras atrações relativas às experiências de lazer na natureza. Entre as mais importantes, pode-se destacar o *trekking* de longa distância entre esse vilarejo e Tabuleiro, vila pertencente ao distrito de Conceição do Mato Dentro.⁴⁹ A duração média do *trekking* de longa distância é de três dias, podendo variar de acordo com o condicionamento físico do grupo envolvido. No entanto, caso o grupo queira fazer a *ida* e a *volta* do percurso, o período de caminhada pode dobrar, chegando a cinco ou seis dias.

A distância total do percurso é de aproximadamente 28,7 quilômetros, e a atividade pode ser considerada um *trekking* de nível intermediário. A “travessia”, como é chamada na região, desperta muito interesse em turistas e, como o *tramping* realizado na Nova Zelândia, pode ser praticado sozinho, com outros companheiros, ou com a presença de um guia local.

Vale ressaltar, no entanto, que embora a prática possa ser realizada sem a presença de um profissional, a existência de um guia local minimiza sobremaneira as chances dos praticantes se perderem. Além disso, a possibilidade de contar com um guia local adiciona aspectos interessantes à experiência, quando se pensa na riqueza de informações que esses sujeitos possuem a respeito da região e a forma com que eles se relacionam com a natureza.

Nesse aspecto, o trecho da entrevista com o voluntário 8 evidencia tais preocupações no que se refere à presença ou não de um guia:

⁴⁸ É uma manifestação cultural e religiosa de influência africana celebrada em algumas regiões do Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Congado>

⁴⁹ Município brasileiro do Estado de Minas Gerais. Localiza-se a 167 Km de Belo Horizonte. É considerado por muitos como a capital mineira do ecoturismo e tem como principal atração a Cachoeira de Tabuleiro. Disponível em: (http://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o_do_Mato_Dentro)

A Travessia não é fácil, precisa conhecer bem a região. Várias pessoas já ficaram perdidas nessa montanha e, muitas vezes, têm que desistir da expedição. Não é qualquer guia que faz a Travessia aqui na Vila, tem que ter experiência também. A maioria do pessoal quer fazer a Travessia, mas sem guia é muito difícil. (Voluntário 9, entrevista realizada no dia 07/12/2012)

A maioria dos praticantes que procuram a travessia como possibilidade de lazer na natureza é composta por homens, no entanto, grupos de mulheres também são frequentes. São jovens ou jovens adultos que, em grupo de 3 a 8 pessoas, realizam a caminhada, seja pela procura de uma atividade física ao ar livre, seja pela aproximação com a natureza. No trabalho de campo, foi observado que são pessoas que já possuem algum conhecimento e/ou habilidade nessas atividades e que apreciam a natureza. Nas conversas informais com os praticantes e na observação realizada ao longo do trajeto, foi possível constatar um carinho especial pelo meio ambiente, através do cuidado com o lixo, nos discursos a respeito da preservação ambiental e no olhar crítico frente ao excesso de consumo nos dias atuais.

Os guias da região da Lapinha são majoritariamente moradores da vila e trabalham com lazer na natureza somente nos finais de semana e nos feriados prolongados, quando a presença dos turistas aumenta substancialmente. O amadorismo desses sujeitos pode instigar várias reflexões interessantes quando se consideram as experiências de lazer na natureza. Se por um lado, esse detalhe pode indicar uma simplicidade ou até mesmo uma precariedade no serviço prestado em termos de efetividade e atendimento, por outro, pode propiciar vivências menos “comodificadas”. Os guias locais, talvez pelo fato de serem amadores e moradores da região, enriquecem sobremaneira o contato com a natureza e, nas atitudes ao longo da travessia, demonstram uma relação menos dicotômica na coexistência com ela.

Corroborando as ideias supracitadas, Reis e Shelton (2011, p.375) “convidam os acadêmicos que estudam o lazer na natureza a incorporarem noções de personificação,

*interagentivity*⁵⁰, e a perspectiva indígena, entre outras, dentro da discussão e análise do turismo realizado na natureza.”⁵¹ Segundo os autores, a visão dicotômica relativa à natureza é fruto de um discurso “fraturado” e edificado no pensamento da Europa Ocidental sobre a ciência que resultou em dois mundos distintos, de um lado, a humanidade e do outro, o meio natural.

Nessa perspectiva, a atitude dos guias locais da região da Lapinha pode ser vista como ‘menos’ dicotômica do que a relação existente hoje em dia dentro dos centros urbanos. Características que podem passar despercebidas – contato direto com o guia sem a presença de agências, preço combinado no momento da conversa, atitude respeitosa nas trilhas, entre outras – levam na direção de um turismo menos predatório.

A simplicidade e a desconfiança dos guias locais ficaram evidentes durante as entrevistas realizadas. Mesmo depois de passar alguns dias na vila, quando indagados se a conversa poderia ser gravada, mostraram-se reticentes a ponto de desistirem de participar da pesquisa, por meio da concessão de uma entrevista, o que foi respeitado.

No trecho abaixo, seguem algumas impressões, anotadas no diário de campo, sobre esse episódio:

Perguntei se poderíamos ter uma conversa e se ele teria disponibilidade de me levar em alguma cachoeira da região no outro dia, no sábado. Ele foi simpático e falou que poderíamos bater um papo naquela hora mesmo. Perguntei se poderia gravar a nossa conversa e isso fez com que ele se assustasse bastante. Ficou desconfortado pelo fato de pedir a gravação e me perguntou se poderíamos deixar para o outro dia, quando faríamos o passeio. Falei sobre a pesquisa, que não nos importávamos com o nome do entrevistado, sobre o comitê de ética, etc... Mas não adiantou, ele ficou visivelmente desconfiado e falou que no dia seguinte poderíamos conversar. Encontramos no outro dia e, após muita insistência, consegui gravar alguns trechos da nossa conversa. (Trecho do Diário de campo, 08/12/12)

⁵⁰ Não existe tradução adequada em português.

⁵¹ Traduzido do original: “*Reis and Shelton conclude by inviting scholars in Tourism Studies/Tourism Science to incorporate notions of embodiment, interagentivity, and indigenous perspectives, among others, into their discussions and analysis of nature-based tourism.*”

No primeiro momento, a função principal dos guias pode ser caracterizada como “desbravadores” do caminho. Talvez, uma análise superficial possa conduzir a esse raciocínio e, conseqüentemente, diminuir a importância desses sujeitos. A formação dos guias locais é muito precária quando se leva em conta o nível de escolaridade; por outro lado, o contato com a natureza ao longo de suas vidas pode elucidar preciosidades na coexistência com o meio natural. Nesse aspecto, os achados no trabalho de campo não corroboram o estudo desenvolvido por Pereira e Mykletun (2012, p.74) a respeito dos guias locais na região da Amazônia. Sobre esse estudo, os autores explicam o seguinte:

O estudo conclui que a contribuição dos guias locais nessa região para o desenvolvimento do turismo sustentável é pequena. Eles são principalmente desbravadores, levando visitantes aos pontos turísticos e comunidades locais, sem que haja nenhuma interpretação que inclua a relevância da floresta Amazônica em níveis regionais e globais e, dessa forma, sem aproximar das questões sobre sustentabilidade.⁵²

Retomando a questão da formação profissional dos guias locais na Lapinha, existe uma preocupação da Associação Turística da cidade quanto à capacitação desses cidadãos envolvidos no lazer na natureza. Regularmente, são realizados cursos para a melhoria na prestação de serviços e, como destacado no trecho da entrevista com o voluntário 10, é pré-requisito para que se possa atuar nessas modalidades:

A pessoa para ser guia tem que ter o curso também. É um curso organizado pela Associação e que nos ensina várias coisas sobre ecoturismo. Meu tio mesmo, presidente da Associação, tá organizando um curso novo de condutor ambiental. Além dessa capacitação, o pessoal organiza outros cursos para pedreiro, servente, mestre de obras, etc. É muito importante, pois nos ajuda com novas ideias. (Voluntário 10, entrevista realizada no dia 18/12/2012)

⁵² Traduzido do original: “The study concludes that guides contributions to sustainable tourism development is low. They are mainly ‘pathfinders’, bringing visitors to sites and local communities without interpretation that includes the relevance of the Amazon rainforest at local and global levels, and thereby do not address sustainability issues.”

Muitos estudos sociais analisam quais seriam as principais funções “ideais” de um guia de turismo (COHEN, 1985; HAM, 1992; HAM; WEILER, 2000; PEARCE, 1984). Cohen (1985) enfatiza duas principais características no papel dos guias de turismo na atualidade: desbravador e mentor. Desbravador seria o guia que mostra ao visitante os caminhos sociais e físicos não familiares, e mentor seria aquele que ajuda o visitante a “enxergar” as peculiaridades desse caminho.

A primeira característica, segundo os estudos supracitados, estaria mais conectada com as pessoas que habitam o local visitado, ou seja, os guias locais. Na mesma direção, seria um conhecimento não formal, adquirido pela própria experiência e vivência desses sujeitos naquele meio. No caso da Lapinha da Serra, isso ficou evidente em algumas situações ao longo da travessia. Aos olhos do praticante, várias trilhas não se distinguem e é extremamente fácil se perder nesses locais. Os guias, contudo, sabem do posicionamento de cada árvore no percurso e chegam a “brincar” com essas informações.

Cohen (1985), considerando o seu contexto, destaca que a característica de mentor está associada à função de tutor desenvolvida nos séculos XVII e XVIII nos “grandes tours” realizados na Europa. Essa habilidade, segundo os autores citados (COHEN, 1985; HAM, 1992; HAM; WEILER, 2000; PEARCE, 1984), está diretamente relacionada à educação formal e à capacitação desses indivíduos. Nesse sentido, a habilidade interpretativa é fundamental para uma compreensão mais apurada do praticante em ambientes naturais e culturais diferentes para o seu olhar (FINE; SPEER, 1985).

A compreensão destacada anteriormente, obviamente, é fruto do iluminismo vigente na Europa daquela época, que valorizava a supremacia da razão e do conhecimento erudito, único considerado válido. Tais aspectos precisam ser repensados, pois, embora as guias locais da Lapinha não possuam alto nível de escolaridade – o que condiz com a realidade brasileira –,

evidenciaram conhecimento aprofundado sobre o meio ambiente, orientando a conduta dos praticantes e enriquecendo seu conhecimento sobre as peculiaridades daquele contexto. Em momentos cruciais, como nos acampamentos e nos relevos mais acidentados, demonstraram habilidades quanto ao uso do fogo, cuidado com o lixo e não dispersão do grupo, entre outras.

A participação nesse tipo de vivência de lazer na natureza pode propiciar vários benefícios quando se pensa em articular ser humano e natureza. Dentre eles, três características sobressaem: a convivência em grupo, o respeito à natureza e as reflexões ao longo da caminhada. Todos esses aspectos estão diretamente relacionados à atuação dos guias locais. Assim, a importância desses profissionais na disseminação dessas ideias é primordial.

Além disso, o próprio contato entre o corpo e a natureza pode trazer reflexões interessantes, principalmente, em experiências de longa duração e ritmo desacelerado. Através do corpo e que se faz presente e se abre para as experiências sensitivas tão peculiares nesses sítios naturais. Nessa mesma direção, o estudo de Reis (2010, p.311) evidencia que:

A experiência dos participantes de um *tramping* em Stewart Island, Nova Zelândia, mostra que o corpo é, de fato, fundamental para a construção da narrativa de turistas em espaços naturais. Mais que isso, meu argumento é que o contato próximo, e pouco mediado externamente, com a natureza, produz, provoca e aflora a corporeidade do turista. Produz porque adiciona elementos à construção do corpo que as sociedades industriais e artificiais não são capazes de adicionar. Provoca porque dá incentivos novos, singulares e mutantes. E aflora no sentido de que as construções corporais há muito enraizadas por nós, por força social, não conseguem ser completamente suprimidas com o contato com o mundo “estranho”, “natural”.

Nas conversas informais com os praticantes, ficou evidente que, ao longo dos dias, vai diminuindo a velocidade nas conversas, o ritmo da caminhada, da alimentação, entre outros. O ambiente parece exercer uma influência grande no grupo, a maioria vinda de centros urbanos, e, aos poucos, a “loucura” da cidade grande vai ficando para trás. Além disso, os praticantes

destacaram que o retorno à natureza, através desse tipo de *trekking*, parece refinar o olhar frente ao meio natural. Esse detalhe foi enfatizado pelo voluntário 11:

Mas a partir das práticas, da primeira ida para a natureza, as pessoas começam a se preocupar, a abrir mais os olhos, e aumenta a sensibilidade. Na primeira vez, a relação com a natureza ainda não é tão íntima; na segunda vez, começam a buscar mais esse contato com a natureza, de ver que aquilo ali existe e de demonstrar maiores preocupações. Isso é visível, quando a pessoa retorna, parece bem mais familiarizada. (Voluntário 11, entrevista realizada no dia 04/12/2012)

A Travessia, até o atual momento, parece não exercer grandes impactos ambientais na região. No vilarejo da Lapinha, bem como nas trilhas nos arredores, existem várias placas informativas relativas à preservação e cuidado com o lixo. Durante o percurso, todo o lixo produzido pelo grupo foi guardado e levado de volta à cidade, e os pontos de apoio⁵³ facilitaram o uso do banheiro para as higiênes pessoais.

Alguns elementos, no entanto, merecem um alerta quanto à preservação do meio ambiente no vilarejo. O aumento no número de pousadas e de casas para aluguel tem crescido a cada ano. Os visitantes têm comprado imóveis com fins comerciais e, conseqüentemente, exploram a mão-de-obra local, seja na construção das novas casas, seja na contratação de empregados domésticos.

Dessa forma, nos finais de semana e nos feriados prolongados, a prestação de serviço não tem sido capaz de atender tamanha demanda. Além disso, os preços dos alimentos e dos imóveis estão subindo substancialmente. Tudo isso, além das atrações naturais, está relacionado à chegada do asfalto até uma distância de dez quilômetros da cidade. Antigamente, o trecho de estrada de terra chegava a trinta quilômetros, afastando muitos turistas.

⁵³ Durante a Travessia existem dois pontos de apoio. São casas de duas famílias que moram no percurso, isoladas dos vilarejos, e que cobram um pequeno valor para o acampamento, alimentação e o uso do banheiro.

Em suma, o fato de o turismo da Lapinha se organizar em experiências de lazer na natureza pode servir como uma ferramenta para a educação ambiental dos novos visitantes e para a formação de profissionais para esses fins. Através de uma Associação atuante nesse sentido, é possível semear uma cultura voltada para essas práticas de modo que possam, além de propiciar a experiência, levar a uma consciência ambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte final da dissertação retoma as perguntas que guiaram a pesquisa a fim de identificar inter-relações possíveis entre os resultados apresentados anteriormente. Considerando os três aspectos principais que possibilitaram os diálogos e articulações entre a bibliografia e a pesquisa de campo – peculiaridades da atuação profissional no lazer na natureza em Belo Horizonte e entorno, relação entre trabalho e lazer na vida desses sujeitos e questões relacionadas à consciência e degradação ambiental –, pretende-se destacar os aspectos mais relevantes nesse contexto. Busca-se, assim, identificar características comuns e divergentes percebidas nas práticas e discursos dos voluntários da pesquisa.

Como foi tratado nesta dissertação, os profissionais pesquisados possuem formações diversas e, de maneira unânime, criticaram a não inclusão de preceitos básicos durante os cursos realizados para uma melhor atuação nas experiências de lazer na natureza. Eles enfatizaram que a busca por um conhecimento melhor da área ou, até mesmo, para um primeiro contato, aconteceu “fora dos muros” universitários. Cursos de graduação em Turismo, Educação Física e Biologia, por exemplo, poderiam explorar minimamente conteúdos que abordassem criticamente esses conhecimentos, a fim de colaborar com a atuação nesse âmbito.

Os profissionais que participaram da pesquisa possuem algumas características em comum. Todos, de alguma forma, estabeleceram na infância e a partir da convivência com os pais uma “paixão” pela natureza e, conseqüentemente, pela proximidade com os ambientes naturais. Desenvolveram essa sensibilidade ao longo da adolescência – organizando acampamentos, realizando viagens de lazer, “fugindo” dos grandes centros urbanos – e cultivaram-na ao longo da vida. Nesse sentido, é pertinente dizer que os voluntários entrevistados cultivam um

relacionamento próximo com a natureza, através de uma simbiose peculiar na qual a dicotomia entre ser humano e meio ambiente encontra-se atenuada.

Ao observar estes profissionais atuando em diferentes experiências de lazer, foi constatado que as fronteiras entre trabalho e lazer são muito tênues. Embora eles assumam responsabilidades profissionais, o trabalho exercido está diretamente correlacionado ao lazer. Assim, não foi possível identificar até que ponto as experiências realizadas na natureza são trabalho e/ou lazer, pois, a ludicidade está muito presente e atravessa a atuação profissional desses sujeitos, revelando as relações fronteiriças entre esses dois campos. Isso não quer dizer que haja irresponsabilidade, descompromisso ou espontaneísmo: ao contrário, observou-se o profissionalismo em diversas situações, especialmente no que se refere à segurança e à infraestrutura.

A satisfação salientada anteriormente se contrasta com aspectos relacionados à remuneração e ao reconhecimento profissional. O amadorismo relatado pelos voluntários continua afastando vários entusiastas do trabalho com o lazer na natureza, e isso foi destacado principalmente nas entrevistas com os profissionais do *mountain bike* e do *trekking* de longa duração. A procura pelos cursos superiores que poderiam auxiliar no desenvolvimento dessas experiências ocorre justamente com o objetivo de profissionalização e melhores condições de trabalho.

A atração que o meio natural exerce sobre as pessoas foi perceptível durante todo o trabalho de campo realizado neste estudo e merece algumas considerações concernentes às características do ser humano líquido, como discutido por Bauman (2001, 2008). A “busca” pela natureza que, em tempos remotos, estava associada à descoberta e, ao mesmo tempo, à possibilidade de se encontrarem riquezas, atualmente, parece envolver, além desses aspectos, uma tentativa de legitimação da própria existência. Muitas vezes, já não se encontra conforto e

prazer no cotidiano; a procura pelo “risco” nas experiências de lazer na natureza transforma-se em um jogo contra a morte, ou, nas palavras de Le Breton (2009, p.162), “assume-se um risco de perecer ao se colocar com a própria vida em um dos pratos da balança”.

Os profissionais que atuam com as experiências de lazer na natureza investigadas nesta pesquisa, além de utilizarem essa atração pelo risco como forma de marketing, também foram sujeitos dessa atratividade e continuam em contato com tais atividades pelo mesmo motivo: seja na prática da *mountain bike*, seja na escalada, o desafio de se colocar em situação de perigo foi o componente primordial e, nesse aspecto, frequentemente eles acabam por desconsiderar outros questionamentos importantes que circundam esse contexto.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebeu-se uma forte ligação entre as experiências de lazer na natureza que necessitam de aparatos extras – por exemplo, bicicleta, jipes, instrumentos para alpinismo, entre outros – e a busca pelo risco. Esses artefatos, além do alto custo, proporcionam uma segurança controlada em diversas práticas, mas, ao mesmo tempo, possibilitam atingir grandes velocidades e ângulos verticalizados inimagináveis. Quando se aproxima dos ambientes naturais recheados de instrumentos, o que transparece não é uma interação com o ambiente, ao contrário, emerge uma espécie de confronto, de desafio e de combate.

Os profissionais que atuam nesse campo e que, ao mesmo tempo, são atraídos por esse tipo de emoção, precisam refletir criticamente sobre esses aspectos. No momento em que o ambiente natural é encarado como um adversário, como discutido no decorrer da pesquisa, ganha-se em “velocidade” e “adrenalina”; por outro lado, perdem-se outras possibilidades de interação com a natureza, principalmente no despertar da consciência ambiental. Na observação de campo das modalidades de *mountain bike* e escalada, essas características parecem evidentes.

As experiências de lazer na natureza, assim como em outros ambientes, passaram a incorporar as características inerentes aos grandes centros urbanos, tais como: competitividade, alta velocidade, efemeridade, individualismo, consumismo, entre outros. O ambiente natural que, supostamente, poderia ser um convite ao silêncio, à contemplação e à preservação tem sido utilizado como um prolongamento da “selva de pedras” e manutenção de um ritmo de vida frenético regido pelo medo. Embora exista um movimento de retorno à natureza, principalmente como opção de lazer, nem sempre esse regresso é sinônimo de educação ambiental e/ou despertar de novas sensibilidades. Frequentemente, buscam-se novos obstáculos a serem ultrapassados e vencidos e, como consequência, o objetivo é: quanto mais alto e rápido, melhor.

A influência da “busca” pelo risco, pela excitação e pela adrenalina é tão forte que até mesmo os conceitos acadêmicos que tentam definir essas experiências tendem à utilização desses termos. Tenta-se caracterizar essas atividades pelas emoções que podem proporcionar e, de maneira geral, acaba-se englobando todas as modalidades em uma única definição. Talvez fosse necessário diferenciar aquelas que estão mais associadas ao risco e aquelas que podem remeter à contemplação e à interação com o meio ambiente.

Embora as experiências de lazer na natureza mais comercializadas sejam as que possuem o “perigo” como pano de fundo, outras possibilidades também ganham espaço. No trabalho de campo, foram analisadas experiências de observação de aves e *trekking* de longa duração e, diferentemente das outras, essas duas possibilidades indicaram valorização de um ritmo menos acelerado, sugerindo uma interação mais interessante entre ser humano e natureza, sem necessidade de aparatos extras para o seu desenvolvimento.

Os profissionais envolvidos nessas experiências de lazer evidenciaram maior sensibilidade no que tange à degradação do meio ambiente e à utilização dessas vivências como potencializadores de consciência ambiental. No caso dos profissionais que atuam com a

observação de aves, existe preocupação quanto ao número de visitantes, à forma como acontece a aproximação para com os animais e, principalmente, ao futuro dessa modalidade frente às mudanças climáticas extremas. Já no caso dos profissionais que atuam como guias de *trekking* no vilarejo Lapinha da Serra, essa preocupação também foi percebida, alcançando outros questionamentos, tais como: conduta dos praticantes, correta utilização da água dos rios, valorização dos habitantes locais, entre outros.

Quando se pensa em consciência ambiental e em mudança de comportamento, certamente esses aspectos não são suficientes. No entanto, comparando-se a atuação profissional, de um lado, na observação de aves e *trekking* e, do outro, nas atividades de *mountain bike* e escalada, grande diferença foi constatada nesta pesquisa. Os profissionais dessas duas últimas experiências de lazer na natureza, embora tenham enfatizado, em seus discursos e práticas, alguns comportamentos “ecologicamente corretos”, não colocaram tais questões como prioritárias de acordo com o que foi constatado em campo. Assim, elas ficam aquém dos aspectos técnicos e competitivos inerentes à essas práticas, que são valorizados por eles e pelos praticantes.

Experiências que requerem maior sensibilidade e que, em certos aspectos, são desenvolvidas de maneira mais lenta e contemplativa, parecem estar na contramão da lógica atual, baseada no controle de variáveis e na otimização do tempo. Assim como a chamada indústria cultural privilegia “lazers” que, geralmente, exigem pouca reflexão e crítica, diversas experiências de lazer na natureza podem seguir essa mesma direção. Experiências como *bungee jump*, *base jump* e paraquedismo, entre outros, proporcionam uma descarga emocional “supersônica” em um tempo relativamente mínimo e, simultaneamente, requerem gastos substanciais para que sejam realizadas. Na maioria das vezes, essas experiências acontecem em cenários naturais belíssimos, onde a natureza, mais uma vez, é puro “palco” de luxo. Nesse

aspecto, Park (2006), faz uma crítica “pontaguda” ao nomear a Nova Zelândia, a atual Disneylândia dos esportes radicais, de “país teatro”.⁵⁴

Na pesquisa de campo ficou perceptível que os praticantes oriundos dos centros urbanos, muitas vezes, apresentam dificuldades para observar, sentir e decifrar os sinais do meio ambiente. Entretanto, o trecho abaixo ilustra como a convivência com os ambientes naturais pode ser transformadora:

A maioria dos visitantes retorna outras vezes para a Lapinha da Serra. Depois da primeira visita, as pessoas normalmente começam a respeitar mais a natureza, a não jogar lixo nas ruas e, até mesmo, fazer menos barulho. Quando nós observamos alguém jogando lixo ou entrando na cidade com trajes de banho, falamos com eles na mesma hora. Tem gente que já respeita, mas tem gente que vem pela primeira vez e não está nem ligando para estas coisas. (Voluntário 10, entrevista realizada no dia 04/12/2012)

As experiências de lazer na natureza, por meio dos seus profissionais, poderiam desafiar, cada vez mais, a visão dualista que se instalou principalmente na parte ocidental do globo. No posicionamento em que as pessoas se colocam diante da natureza – ou seja, fora dela – pouco se pode avançar nas discussões sobre o meio ambiente. Verifica-se, assim, que há afastamento dos paradigmas simplificadores do passado, da disjunção entre ser humano e natureza, como também, à redução do meio ambiente em relação ao próprio sujeito.

Na tentativa de não exceder para um romantismo utópico, sabe-se que quase todas as ações voltadas para a diminuição desse distanciamento acabam fracassando. Por isso, espera-se que possam ser construídas novas formas e sensibilidades em relação à Natureza, através do despertar de sentidos, incorporações e sensualidades que ainda necessitam ser exploradas. Para além do puro “risco”, existem outras perspectivas que poderiam estar presentes na formação, na atuação dos sujeitos das experiências de lazer na natureza e, porque não, nos textos daqueles que pretendem contribuir com a discussão acadêmica da área.

⁵⁴ Traduzido do original: “*Theatre Country*” (Park, 2006).

Outro aspecto interessante e que está diretamente relacionado com a degradação ambiental é a prática minerária no Estado de Minas Gerais a qual se encontra, principalmente, nos entornos onde se realizou o trabalho de campo dessa pesquisa. Poderiam ter sido feitas menções a respeito dessa temática durante as experiências de lazer na natureza, visto que existe uma relação direta entre esses dois temas, levando a questionamentos quanto: à utilização da natureza, ao aumento no número de praticantes, a conflitos territoriais, entre outros. Mas isso não ocorreu em grande parte das experiências analisadas nesta pesquisa, o que pode ser um indício da normalização desse tipo de prática tão nociva ao meio ambiente.

Observou-se, no trabalho de campo, que existe influência direta entre os cidadãos dos vilarejos estudados e as questões relativas à mineração. Embora essa discussão esteja tão presente na vida dessas pessoas, uma visão mais crítica dessa atividade econômica – seja no diálogo com os moradores, seja no discurso dos profissionais do lazer na natureza –, ainda permanece incipiente. Tanto os moradores desses locais quanto os profissionais que atuam nessas regiões poderiam provocar algumas indagações a respeito desse tema, e isso não foi detectado nas conversas informais nem no desenvolvimento das experiências de lazer na natureza.

Durante a observação de campo das modalidades de *mountain bike*, escalada e *trekking* de longa distância, as experiências aconteceram nas imediações de áreas de mineração, e pouco se discutiu sobre essa temática. Os profissionais que atuam nas experiências de *mountain bike* mencionaram essa questão de maneira superficial e demonstraram grande preocupação em relação a seu desenvolvimento e, principalmente, à diminuição dos ambientes propícios para a realização desse lazer. Já os profissionais que atuam com a escalada e os guias de *trekking* da região da Lapinha não abordaram essa questão. Os guias, pelo contrário, demonstraram certa satisfação, pois um possível aumento no número de praticantes dessas experiências poderia resultar da exploração mineral na região.

O número de praticantes mencionado no parágrafo anterior foi assunto constante durante as entrevistas realizadas no trabalho de campo. Os profissionais que participaram da pesquisa, exceto os que atuam com observação de vida selvagem, pontuaram o quão difícil é sobreviver economicamente desse segmento de lazer na natureza. Se por um lado, constatou-se que existe preocupação em relação ao número de pessoas presentes em cada passeio, por outro, um número maior de clientes possibilita maior lucratividade.

Na *mountain bike*, na escalada e no *trekking* de longa duração um grupo precisa ser composto por, no mínimo, três pessoas e, no máximo, doze. No entanto, sabe-se que quanto maior o número de pessoas, menor poderá ser a interação com o meio ambiente e maior a necessidade da contratação de novos profissionais. No caso da observação de vida selvagem, existe um número máximo que não deve exceder a cinco pessoas e sempre realiza-se a viagem com pelo menos dois guias. A prioridade desses profissionais é possibilitar uma maior integração entre ser humano, fauna e flora e, para isso, limitar o número de pessoas é primordial. Entretanto, é possível cobrar um preço mais elevado desses praticantes pois, como foi observado no trabalho de campo, na maioria das vezes, possuem um poder aquisitivo maior.

Levando-se em consideração as análises obtidas nesse estudo, a tendência mundial é que as experiências de lazer na natureza especializadas tenham um custo cada vez maior para a sua realização e, conseqüentemente, para os praticantes. No Brasil, isso já é perceptível em lugares como Bonito⁵⁵ e Fernando de Noronha⁵⁶, nos quais o custeio da viagem pode exceder ao de uma visita a países estrangeiros. No entanto, quando se pensa em experiências menos comerciais, como o *trekking* realizado nessa pesquisa ou, até mesmo, a prática da escalada e de *mountain bike*, o custo ainda é pequeno e pode atrair um segmento maior da população. Contudo, algumas

⁵⁵ Município Brasileiro da região Centro-Oeste, situado no Estado de Mato Grosso do Sul.

⁵⁶ Arquipélago brasileiro situado no Estado de Pernambuco, formado por 21 Ilhas.

regras precisam ser cumpridas no que diz respeito ao número de clientes e a possíveis condutas geradoras de degradação ambiental.

Considerando-se o objetivo do “despertar” de maior sensibilidade naqueles que vivenciam estas experiências na natureza, é comum a ideia de que só é possível uma interação profunda entre ser humano e meio natural em ambientes paradisíacos, como os mencionados no parágrafo anterior. Contudo, o ambiente não é o responsável por essa mudança de sensibilidade e, sim, o próprio indivíduo. Mesmo vivendo nos grandes centros urbanos, essa consciência ecológica torna-se primordial no contato com o ambiente externo, com as outras pessoas, no uso da água, no tratamento do lixo, na utilização da energia, ou seja, na mudança de comportamento de maneira geral.

Nesse contexto, é preciso que haja maior valorização das mudanças expostas acima afim de que isso possibilite hábitos e comportamentos menos consumistas. Assim como vários setores econômicos, o lazer na natureza também tem priorizado experiências comerciais e de pouco apelo educativo. Existe necessidade de explorar economicamente todos os ambientes naturais da Terra, desde o deserto mais seco do mundo, até a montanha mais alta. O que transparece é a busca desenfreada pelo “inexplorado” que se encontra sempre do lado de fora e, em contrapartida, dificuldade em “explorar” valores humanos que são tão caros no momento presente.

Finalizando, os profissionais que atuam com experiências de lazer na natureza são fundamentais quando se busca um contato mais articulado/simbiótico entre ser humano e natureza. Embora existam inúmeras dificuldades nesse setor, eles continuam atuando com essas experiências, seja no trabalho, seja no lazer, e todo esse envolvimento possui uma única explicação: o amor pela profissão e pela aproximação com a natureza. Mesmo que sejam passíveis de críticas, esses detalhes foram constantes no desenvolvimento desta pesquisa.

Levando em consideração a bibliografia estudada e os atuais temas presentes em eventos em que se discute o lazer na natureza, acredita-se que novas pesquisas com ênfase na atuação profissional sejam de grande importância. Grande parte dos estudos desenvolvidos no Brasil concentra suas análises nas práticas propriamente ditas e nos praticantes dessas experiências, deixando em segundo plano a formação e a atuação dos profissionais envolvidos. Dessa forma, uma melhor compreensão da dinâmica entre esses sujeitos, o campo de trabalho e os praticantes poderia auxiliar no desenvolvimento de um olhar crítico quando se pensa na educação ambiental que decorre dessas experiências e, porque não, melhoria na qualidade do trabalho nessas diversas modalidades. O campo do lazer – nesta pesquisa discutido pela possibilidade de realizar experiências na natureza – carece de aperfeiçoamentos que englobem o dia-a-dia desses profissionais pois essa possibilidade, conseqüentemente, poderia aprimorar os conteúdos discutidos nessas vivências. Espera-se, assim, que esta pesquisa represente um ponto de partida para outras investigações sobre a temática os quais poderão contribuir para o despertar de novos olhares sobre o lazer na natureza.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN BIRDING ASSOCIATION. *The American Birding Association's code of birding ethics*: ABA member handbook. 2003. Disponível em <http://americanbirding.org/abaethics.pdf>
- ALMEIDA, A. C. P. C. Esporte, aventura e natureza: O praticante e a responsabilidade ambiental. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. *Lazer, esporte, turismo e aventura: a natureza em foco*. Campinas SP: Alínea, 2009.
- ANDERSON, P. *Origens do pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ARNOULD, E.; PRICE, L.; TIERNEY, P. Communicative staging of the wilderness servicescape. *The Service Industries Journal*, v.18, n.3, p. 90-115, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARNETT, L. Play. In: (Org.) JAFARI, J. *Encyclopedia of tourism*. Londres: Routledge, p.442-444, 2000.
- BARROSO, A. *Sobre como assistir a liberdade: psicanálise e responsabilização subjetiva na modernidade líquida*. 2007. 114f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- BEATTY, J. E.; TORBET, W. R. The false duality of work and leisure. *Journal of Management Inquiry*, v.12, n.3, p. 239-252, 2003.
- BEEDIE, P.; HUDSON, S. Emergence of mountain-based adventure tourism. *Annals of Tourism Research*, v.30, n.3, p. 625-643, 2003.
- BÉTRAN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. In: *Apunts. educación física y deportes*. Barcelona, n.41, p.5-8, 1995.
- BJORKMAN, A. W. *Off-road bicycle and hiking trail user interactions: a report to the Wisconsin Natural Resources Board*. Wisconsin: Wisconsin Natural Resources Bureau of Research, 1996.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Qualitative research for education: an introduction for the theory and methods*. Boston, Allyn and Bacon, 1982.

Brasil: Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Diretoria de áreas protegidas. *Diretrizes para visitação em Unidades de Conserva o*. Brasília [DF], p.07, 2006.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensa es e emo es. In: BRUHNS, H.; MARINHO, A. (Org.). *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

BRUHNS, H. O ecoturismo e o mito da natureza intocada. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*. Maringá, v.32, n.2, p.157-164, 2010.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. *Ritos e rituais nas viagens   natureza*. Revista Brasileira de Ecoturismo. São Paulo: v.5, n.1, p.87-112, 2012.

BUCKLEY, R.; UVINHA, R. R. *Turismo de Aventura: gestão e atua o profissional*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BUCLEY, R. Neat trends: Current issues in nature, eco-and adventure tourism. *The International Journal of Tourism Research*, v.2, n.6, p.437-44, 2000.

BUHL, H. *Climbing without compromise*. Seattle: Mountaineers Books, 2000.

CAMPBELL, C. I shop therefore I know that I am: the metaphysical basis of modern consumerism. In: EKSTRÖM, K. M.; BREMBECK, H. A. (Ed.). *Elusive Consumption*. Nova York: Berg, p.41-42, 2004.

CANALES LACRUZ, I.; PERICH, M. Las emociones en la práctica de las actividades físicas en la naturaleza. *Revista Digital*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>, n.23, 2000.

CARNICELLI, S. F. Rafting guides: leisure, work and lifestyle. *Annals of Leisure Research*, Otago, NZ, v.13, n.1 e 2, p.282-297, 2010.

CARROTHERS, P.; VASKE, J. J.; DONNELLY, M. P. Social values versus interpersonal conflict, 1998. In: GOEFT, U.; ALDER, J. *Sustainable Mountain Biking: A case study from the southeast of western Australia*. Journal of Sustainable Tourism. v.9, n.3, 2001.

CASTILHO, C. T. Monte Roraima: experiência de lazer contemporâneo. *Revista Brasileira de Ecoturismo*. São Paulo, v.4, n.3, p.309-322, 2011.

CESSFORD, G. Perception and reality of conflict: walkers and mountain bikes on the Queen Charlotte Track in New Zealand. *Journal for Nature Conservation*. n.11, p.310-316, 2003.

CESSFORD, G. *Off-road mountain biking: a profile of participants and their recreation settings and experience preferences*. Wellington: Department of Conservations, 1995.

CHAGAS, D. P. Código de  tica do observador de aves. *Centro de Estudos Ornitol gicos*, 2003. Disponível em: <http://www.ib.usp.br/ceo>.

CHAU , M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 2.ed. São Paulo:

Moderna, 1989.

CHAVES, D. *Mountain biking: issues and actions for USDA Forest Service Managers*. Research Paper PSW-RP-226-Web. Albany, CA, Pacific Southwest Research Station, Forest Service, US Department of Agriculture, 1996.

CHIU, L.; KRIWOKEN, L. Managing recreational mountain biking in Wellington Park, Tasmania, Australia. *Annals of Leisure Research*. v.6, n.4, p.339-361, 2003.

CLOKE, P.; PERKINS, H. C. Commodification and adventure in New Zealand tourism. *Current Issues in Tourism*, v.5, n.6, p.521-549, 2002.

COHEN, E. The tourist guide: the origins, structure and dynamics of a role. *Annals of Tourism Research*, v.12, p.5-29, 1985.

CONNOR, S. *A cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1992.

COOLEY, A. Against commoditization: backpacking culture. NCSU Ethnographic Field School in Costa Rica, 1999. Disponível em: <http://www4.ncsu.edu:8030/~twallace/1999rpts.htm>

COSTA, E. C. A. Os ambulantes no carnatal: oportunidades de trabalho ou lazer? *Revista Eletrônica Inter-Legere*. n.3, 2008.

COSTA, V. *Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*. São Paulo: Manole, 2000.

CRUZ, G. V. P.; ANDRADE, S. *Rio Negro, Manaus e as mudanças no clima*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; SELEGA, I. Adventure and the flow experience. In: MILES, J.; PRIEST, S. (Ed.) *Adventure Education*, State College PA: Venture Publishing, p.149-155, 1990.

DACOSTA, L. Desporto e natureza: tendências globais e novos significados. In: DACOSTA, L. (Ed.), *Meio Ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, p. 61-76, 1997.

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE GRAZIA, S. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos, 1969.

DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A.; JUNIOR, E. D. A. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. v.7, n.3, p.358-367, 2007.

DIEGUES, A. C. *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUMAZEDIER, J. *Towards a society of leisure*. London: Lutterworth Press, 1967.
- DUNCAN, T. Transient workers in Queenstown and Whistler. In: HIGHAN, J. & HINCH, T. (Eds.), *Sport and Tourism: globalization, mobility and identity*. Oxford: Elsevier, p.173-174, 2009.
- DUNNE, P. *Pete Dunne on bird watching*. Boston: Houghton Mifflin, 2003.
- EMERSON, R. W. Nature. In: *Selected prose and poetry*, R. L. Cook Ed., New York: Holt, Rhinehart & Winston, 1836.
- FAIRWEATHER, J. R.; SWAFFIELD, S. R. Visitors and locals experiences of Rotorua: New Zealand: an interpretative study using photographs of landscapes and Q method. *International Journal of Tourism Research*. v.4, p.283-297, 2002.
- FIGUEIREDO, L. F. A observação de aves. *Centro de Estudos Ornitológicos*, 2003. Disponível em: <<http://www.ib.usp.br/ceo>> . Acesso em 13 de jan. 2013.
- FINE, E. C.; SPEER, J. H. Tour guide performances as sight sacralisation. *Annals of Tourism Research*, v.12, n.1, p.73-95, 1985.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- FROMM, E. *On disobedience and other essays*. Seabury Press, 1981.
- FROW, J. *Time and commodity culture: essays in cultural theory and postmodernity*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- GERSHUNY, J. *Changing times: work and leisure in post industrial society*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GIST, N. P.; FAVA, S. F. *Urban society*. New York: Crowell, 1964.
- GLYPTIS, S. *Leisure and unemployment*. Milton Keynes: Open University Press, 1989.
- GOEFF, U.; ALDER, J. Sustainable mountain biking: a case study from the Southwest of Western Australia. *Journal of Sustainable Tourism*. v.9, n.3, 2001.
- GOMES, C. Mapeamento histórico do lazer na América Latina: em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In: ISAYAMA, H. F.; SILVIO, R. S. (Org.) *Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, p.145-164, 2011.

GOMES, C. O lazer como campo mobilizador de experiências interculturais revolucionárias e sua contribuição para uma educação transformadora. In: DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia; Ensino de História; Escola, Família e Comunidade*. Belo Horizonte: Autentica, p.284-310, 2010.

GOMES, C. Lazer e descanso. *Seminário Lazer em debate*, 9, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo: USP, p.1-15, 2008. Disponível em <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-chritianne.pdf>. Acessado em 15/01/2010.

GOMES, C.; PINTO, L. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, C.; OSORIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. (Org.) *Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.67-122, 2009.

GOMES, C.L. *Significados da recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. 2003. 322f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GYIMÓTHY, S.; MYKLETUN, R. J. Play in adventure tourism: the case of artic trekking. *Annals of Tourism Research*, v.31, n.4, p.855-878, 2004.

HAM, S. H. *Environmental interpretation: a practical guide for people with big ideas and small budgets*. Golden, Colorado: Fulcrum/Norh America Press, 1992.

HAM, S.; WEILER, B. *Galapagos workshop on interpretation*. Santa Cruz, Galapagos, Ecuador: Darwin Research Station, 2000.

HORN, C.; DEVLIN, P.; SIMMONS, D. Conflict recreation: the case of mountain bikers and trampers. *New Zealand: Department of Conservation*, 1994. Disponível em: www.mountainbike.co.nz/politics/articles/horn. Acessado em: 15/01/2013.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

INSTITUTO ESTRADA REAL. IER Disponível em: <<http://site.er.org.br>>. Acesso em 15 jan. 2013.

ISAYAMA, H. F.; SILVA, A. G.; LACERDA, L. L. L. Por onde caminham as pesquisas sobre formação profissional e atuação profissional em lazer no Brasil? In: ISAYAMA, H. F.; SILVIO, R. S. (Orgs.) *Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

ISAYAMA, H. F. Lazer, formação e mercado de trabalho. In: ISAYAMA, H. F.; SÁ, E. P. *Lazer, empresa e atuação profissional*. Brasília: SESI/DN, 2006.

ISAYAMA, H. F. *Recreação e lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física*. 2002. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: FEF/UNICAMP.

JAMAL, T.; EVERETT, J.; DANN, G. M. Ecological rationalization and performative resistance in natural area destinations. *Tourist Studies*, v.3, n.2, p.143-169, 2003.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2002.

JATOBÁ, S. U. S.; CIDADE, L. C. F.; VARGAS, G. M. Ecologismo, ambientalismo e ecologia política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.24, n.1, p.47-87, 2009.

KEER, J.; APTER, M. *Adult play: a reversal theory approach*. Amsterdam: Swets and Zeitlinger, 1991.

KNIGHT, R. L. & COLE, D. N. Factors that influence wildlife responses to recreationists. In: SELERCIOUGLU, C. H. Impacts of bird watching on human and avian communities. *Environmental Conservations*. v29, n3, p.282-289, 2002.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. 2.ed. São Paulo: EDUC, 1999.

LYOTARD, J. F. *O pós-moderno*. 4º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MAGNANI, J. G. C. Lazer, um campo interdisciplinar de pesquisa. In: BRUHNS, H. T. & GUTIERREZ, G. L. (org.) *O corpo e o lúdico: ciclo de debates “lazer e modernidade”*. Campinas: Autores Associados, p.19-34, 2000.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1997.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas, SP: Alínea, 2008.

MARINHO, A. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. *Licere*, Belo Horizonte, v.10, n.1, 2007.

- MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência*. Florianópolis (SC), ano XVI, n.22, 2004.
- MARINHO, A. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) *Turismo, lazer e natureza*. Barueri, SP: Manole, p.01-28, 2003.
- MASCARENHAS, F. *Lazer como prática de liberdade*. 2.ed. Goiania: Ed. UFG, 2004.
- MASON, P.; LEBERMAN, S. Local Planning for recreation and tourism: a case study of mountain biking from New Zealand's Manawatu Region. *Journal of Sustainable Tourism*. v.8, n.2, p.97-115, 2000.
- MEDEIROS, E. B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MILES, J.; PRIEST, S. *Adventuring programming*. State College PA: Venture Publishing. Nepal Tourism Board, 1990.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12.ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.
- MOORE, R. L. Conflicts on multiple-use trails: synthesis of the literature and state of the practice. Report n°. FHWA-PD-94-031, *US Federal Highway Administration*, 1994.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MOURÃO, R. M. F. (1999) Observação de aves. Caderno de subsídios observação de aves. In: *Manual Melhores Práticas para o ecoturismo*. Rio de Janeiro, Programa MPE Funbio, 2001.
- MUNNÉ, F. *Psicosociología del tempo libre: una analice crítica*. Ciudad Del México: Trillas, 1980.
- MZOZOWSKI, S. A. Colonization and the commodification of nature. *International Journal of Historical Archaeology*, v.3, n.3, p.153-166, 1999.
- NORBEK, E. *The anthropological study of human play*. Rice University Studie, v.60, n.3, p.1-8, 1974.
- OLIVEIRA, M. F. S.; OLIVEIRA, O. J. R. Carnaval, turismo e trabalho informal na Bahia: tanto negócio, tanto negociante. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v.5, n.4, p.15-25, 2005.
- PARK, G. *Theatre country: essays on landscape and Whenua*. Wellington: Victoria University Press, 2006.
- PARKER, S. R. *The future of work and leisure*. London: MacGibbon & Kee, 1971.

- PARKER, S. R. *Leisure and work*. London: George Allen & Unwin, 1983.
- PEARCE, P.L. Tourist-guide interaction. *Annals of Tourism Research*, v.11, n.1, p.129-146, 1984.
- PENA-VEGA, A. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- PELLEGRINI FILHO, A. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Papirus, 1993.
- PEREIRA, W. C. C. *Sofrimento Psíquico dos Presbíteros: dor institucional*. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- PEREIRA, E. M.; MYKLETUN, R. J. Guides contributors to sustainable tourism? A case study from the Amazon. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, v.12, n.1, p.74-94, 2012.
- PERKINS, H. C.; THRON, D. C. Gazing or performing?: Reflection on Urry's Tourist Gaze in the context of contemporary experience in the Antipodes. *International Sociology*. v.16, n.2, p.185-204, 2001.
- PINA, L. W. Multiplicidade de profissionais e de funções. Em: MARCELLINO, N. C. (Org.) *Lazer: formação e atuação profissional*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- PIMENTEL, G. G. A. Atuação profissional em recreação na natureza. Em: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (Org.) *Lazer, esporte, turismo e aventura: a natureza em foco*. Campinas: Alínea, p.169-197, 2009.
- PIVATTO, M. A.; SABINO, J. Recomendações para minimizar impactos à avifauna em atividades de turismo de observação de aves. *Atualidades Ornitológicas*, n.127, 2005.
- POCIELLO, C. Os desafios da leveza – as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, p.115-120, 1995.
- PRIEST, S. Factor exploration and confirmation for the dimensions of an adventure experience. *Journal of Leisure Research*, p.127-139, 1992.
- RAVENSCROFT, N.; GILCHRIST, P. The emergent working society of leisure. *Journal of Leisure Research*, v.41, n.1, p.23-39, 2009.
- REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995.
- REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- REIS, A. C. 100% Pura: a natureza como produto de consume ou parte de um estilo de vida "natural"? In: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (Org.) *Lazer, esporte, turismo e Aventura: a natureza em foco*. Campinas – SP: Alínea, 2009.

- REIS, A. C. Sentindo na pele: corpos em movimento na experiência turística na natureza. Em: PANOSSO NETO, A; GAETA, C. (Eds.) *Turismo de Experiência*. São Paulo: Senac, p. 297-313, 2010.
- REIS, A. C.; SHELTON, E. The nature of tourism studies. *Tourism Analysis*, v.16, p.375-384, 2011.
- REIS, A. C. Experiences commodified nature: performances and narratives of nature-based tourists on Stewart Island, New Zealand. *Tourist Studies*, v.12, n.3, p.305-324, 2012.
- RICO, C. A. Las áreas de efectividad en recreación. *Revista Panamericana sobre Gestión de Recreación, Tiempo Libre y Ocio*, v.1, n.0, 2005.
- ROJEK, C. *Leisure theory: principles and practice*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- ROJEK, C. *The labour of leisure*. London: Sage, 2010.
- ROLSTON, H. *Environmental ethics: duties to and values in the natural world*. Temple University Press, Philadelphia, 1988.
- ROSS, K. *Going Bush: new zealanders and nature in the twentieth Century*. Auckland: Auckland University Press, 2008.
- RUSCHMANN, D. V. M.; SAGI, L. C. Desenvolvimento do lazer integrado como ação de Governo no Estado de Santa Catarina. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. *Lazer, esporte, turismo e aventura: a natureza em foco*. Campinas SP: Alínea, 2009.
- RUSSEL, B. *Elogio do lazer*. São Paulo: Cia Nacional, 1957.
- SANTOS, J. F. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SCHOR, J. B. *The overworked American. The unexpected decline of leisure*. New York: Basic Books, 1992.
- SCOTT, D. Freedom and individualism on the rocks. In: SCHMID, S. E. (Org.) *Climbing: philosophy for everyone*. London: Blackwell Publishing, 2010.
- SEKERCIOUGLU, C. H. Impacts of bird watching on human and avian communities. *Environmental Conservation*, v.29, n.3, p.282-289, 2002.
- SIMPSON, J. *This game of ghosts*. Seattle: Mountaineers Books, 1993.
- SOULE, G. The economics of leisure. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, p.16-24, 1957.
- SOUSA, F. *O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem*. São Paulo: Zouk, 2004.

- STEBBINS, R. A. Lifestyle as a generic concept in ethnographic research. *Quality & Quantity*, p.347-360, 1997.
- STOPPA, E. A. Acampamento de férias: as interfaces entre lazer e educação. In: MARCELLINO, N. C. (Org.) *Lúdico, Educação e Educação Física*. Ijuí: UNI-Juí, v.1, p.133-139, 1999.
- THOMAS, K. *Man and the natural world: changing attitudes in England 1500-1800*. New York: Oxford University Press, 1995.
- UVINHA, R. R. Formação profissional em turismo e suas interfaces com o lazer. In: ISAYAMA, H. F. *Lazer em Estudo: Currículo e Formação Profissional*. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- UNRUG, M. C. *Analyse de contenu et acte de parole*. Paris: Éd. Universitaires, 1974.
- URRY, J. *Consuming places*. London: Routledge, 1995.
- VALENTINE, P. Review: nature-based tourism. In: *Special interest tourism*. Belhaven Press: London (GB), p.105-127, 1992.
- VALÉRY, P. *Degas dança desenho*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- WEBLEN, T. *The theory of the leisure class*. New York: Macmillan, 1899.
- VIANNA, H. M. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano, 2007.
- WALLE, A. H. Pursuing risk or insight: marketing adventures. *Annals of Tourism Research*, v.24, n.2, p. 265-289, 1997.
- WERNECK, C. L.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e Trabalho*. Campinas – SP: Papirus, 2001.
- WERNECK, C. L. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: UFMG: CELAR/DEF, 2000.
- WIDMER, M. Management through education: a mountain biking curriculum. *Trends*, v.34, n.3, p.22-26, 1997.
- WILSON, E. O. *Biofilia*. Fondo de Cultura Económica, S.A. México: Ciudad del México, 1989.
- WÖHSRSTEIN, T. *Mountain bike and umwelt: mountain bike and environment – Ecological impacts and use conflict*. Saarbrücken-Dudweiler: Pirrot Verlag & Druck, 1998.
- WOOD, M. E. Ecotourism beyond 2000: in search of the true ecotourism. 1998. Meio digital: *The International Ecotourism Society*. Disponível em: www.ecotourism.org. Acesso em: 01/06/2010.

YOURTH, H. *Observando e caçando*. World Watch, WWI – Worldwatch Institute/UMA – Universidade Livre da Mata Atlântica, 2001.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (Org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 287–309, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Voluntários

O Mestrado em Lazer da UFMG está realizando este estudo coordenado pela Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, contando com a participação do mestrando César Teixeira Castilho.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a atuação dos profissionais das atividades de lazer na natureza, através dos discursos e práticas, na contemporaneidade. Para alcançar tal objetivo participarão da pesquisa pessoas voluntárias que atuam com lazer na natureza definidos para a investigação.

A metodologia contará com o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, observação e realização de entrevistas com voluntários(as) que aceitarem participar do estudo. O objetivo principal da observação participante é analisar a atuação dos profissionais de lazer na natureza no seu ambiente de trabalho, seja na interação com os praticantes, seja na interação com o meio-ambiente.

As entrevistas serão realizadas pessoalmente pelo mestrando em local, data e horário definidos pelo voluntário, em comum acordo com o pesquisador e respeitando o seu anonimato. As entrevistas seguirão um roteiro semiestruturado e possui como eixo central a atuação dos profissionais de lazer na natureza e sua interação com os praticantes e meio ambiente. O local da entrevista não apresentará riscos para a saúde física ou mental dos envolvidos na pesquisa. Todos os dados coletados receberão um tratamento ético de confidencialidade e serão utilizados somente na pesquisa.

As despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do mestrando e não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Todos os dados serão mantidos no Centro de Estudos em Lazer e Recreação (CELAR) e serão utilizados apenas para fins desta pesquisa. Os voluntários estarão livres para se recusarem a participar, sem prejuízos quaisquer.

Havendo a necessidade de mais explicações, os voluntários terão total liberdade para esclarecer qualquer dúvida que possa surgir através dos pesquisadores pelo telefone (0xx31) 3409-2335. Além disso, também poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Adm. II, 2º Andar, sala 2005 - (0xx31) 3409-4592.

Este estudo poderá contribuir para que haja um aprofundamento de conhecimentos acerca da relação constituída entre a atuação de profissionais no mercado de trabalho que envolva o lazer na natureza. Além disso, poderá auxiliar no preenchimento de algumas lacunas e contribuir com novas reflexões para as áreas envolvidas.

Portanto, vale ressaltar que o anonimato dos voluntários será preservado durante todo o processo da pesquisa e na divulgação dos resultados.

Desde já agradecemos pela compreensão e voluntariedade,

Dra. Christianne Luce Gomes - Orientadora

César Teixeira Castilho - Mestrando

Via para o(a) voluntário(a)

Eu, _____, aceito participar da pesquisa intitulada “Lazer na natureza e atuação profissional: analisando discursos e práticas contemporâneas”, realizada por pesquisadores do Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Portanto, livremente dou o meu consentimento para a realização da coleta de dados.

Local e data: _____, _____ de _____ de 2012

Assinatura do voluntário

APÊNDICE B: Modelo de Anuência enviado às Empresas Voluntárias

Prezado proprietário da Agência de Ecoturismo _____.

O Mestrado em Lazer da UFMG está realizando uma pesquisa intitulada “Atividades de lazer na natureza e atuação profissional: analisando discursos e práticas contemporâneas” com o objetivo de investigar a atuação dos profissionais que trabalham nessa área.

A pesquisa de campo dessa pesquisa será desenvolvida através da observação participante durante as práticas das atividades de lazer natureza oferecidas pela Agência de Ecoturismo em questão, no decorrer do segundo semestre de 2012, e por meio de entrevistas semiestruturada com alguns profissionais (voluntários) que concordarem com o termo de consentimento (TCLE). Os dados obtidos serão utilizados especificamente para esta pesquisa, sendo que a identidade dos voluntários não será revelada publicamente.

Esclarecemos que a pesquisa não envolve riscos para os voluntários, que não haverá remuneração financeira e nem benefícios de qualquer natureza para essa participação e que todas as despesas relacionadas a este estudo serão arcadas pelos responsáveis pela investigação no âmbito da UFMG. A pesquisa de campo só será iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. A Agência de Ecoturismo em questão estará livre em qualquer fase da pesquisa para se recusar a participar ou para retirar sua anuência, sem prejuízos adicionais para o mesmo.

Qualquer dúvida, favor entrar em contato através do email: castcesarster@gmail.com e/ou pelo telefone (31) 9991-7357 ou através do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005 - (0xx31) 3409-4592.

Antecipamos agradecimentos:

- César Teixeira Castilho – Mestrando
- Dra. Christianne Luce Gomes – Orientadora da pesquisa

Via para a Instituição

Eu, _____, representante legal da Agência de Ecoturismo _____, estou ciente da pesquisa intitulada “Atividades de lazer na natureza e atuação profissional: analisando discursos e práticas contemporâneas”, realizada pelos pesquisadores do Mestrado em Lazer da EEEFTO-UFMG, e concedo anuência formal para a coleta de dados (entrevista e observação).

Belo Horizonte _____ de _____ de 20 _____

Assinatura

APÊNDICE C: Roteiro das Entrevistas Semiestruturadas

Mestrado Interdisciplinar em Lazer

Linha de Pesquisa: Lazer, Formação e Atuação Profissional

Lazer na natureza e atuação profissional: analisando discursos e práticas contemporâneas

Roteiro Provisório de Entrevista Semiestruturada

Dados do Voluntários

- Dia – Local – Horário da Entrevista:
 - Nome do Voluntário (Será omitido – receberá um código do alfabeto ou alfa numérico):
 - Nível de Escolaridade – Nome do Curso – Ano de Conclusão:
-

Roteiro:

- Em qual(is) atividade(s) de lazer na natureza você atua? Como foi sua trajetória para trabalhar nesse segmento?
- Durante a sua formação profissional, você teve acesso a alguma disciplina e/ou curso que lhe ajudasse a desempenhar o seu trabalho atual?
- Há quanto tempo você atua nessa área?
- Quais são as características principais das pessoas que procuram o seu serviço? Na sua opinião, o que elas buscam nessas atividades?
- Quando você está em campo, atuando nessa área, existe algum conhecimento relacionado à preservação ambiental que você julga necessário informar os praticantes? Qual(is)?
- Na sua opinião, qual é o grau de comprometimento ambiental dos praticantes que procuram o seu serviço?
- Você acredita que as atividades de lazer na natureza podem gerar contribuições quando pensamos em preservação ambiental e/ou sustentabilidade? Como isso seria possível?
- Como você enxerga o aumento de praticantes das atividades de lazer na natureza nos últimos anos? Podemos denominar esse aumento de “modismo”?
- Gostaria de expressar sua opinião frente a qualquer outro assunto que diz respeito à atuação dos profissionais nas atividades de lazer na natureza?